

A black and white halftone portrait of Carolina Bori, a woman with short, curly hair and glasses, looking slightly to the right. She is wearing a light-colored, possibly patterned, top. The background is a dark, textured pattern.

Carolina Bori

**Psicologia, Educação
e Política Científica**

Gabriel Vieira Cândido



Sociedade
Brasileira para o
Progresso da
Ciência

Carolina Bori

PSICOLOGIA, EDUCAÇÃO E POLÍTICA CIENTÍFICA

GABRIEL VIEIRA CÂNDIDO

SÃO PAULO / 2025



Sociedade
Brasileira para o
Progresso da
Ciência

PUBLICADO PELA

Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência – SBPC
Rua Maria Antonia, 294, 4º andar, Vila Buarque
01222-010 – São Paulo – SP – Brasil
Tel.: (11) 3355-2130 | <http://portal.sbpnet.org.br>

AUTOR

Gabriel Vieira Cândido

PRODUÇÃO E EDIÇÃO

Áurea Gil e Bruno de Andréa Roma (CMAIH/SBPC)

REVISÃO

Simone Kormanski

COLABORAÇÃO

Rosângela P. Batista

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO

Fonte Design

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

C217 Cândido, Gabriel Vieira.

Carolina Bori [texto eletrônico] : psicologia, educação e política científica /
Gabriel Vieira Cândido. 1. ed. – São Paulo : SBPC, 2025.
170 f.

Disponível em: <https://portal.sbpnet.org.br/livro/carolinabori.pdf>
ISBN 978-65-89883-18-0

1. Carolina Bori - Biografia científica. 2. Psicologia - História. 3. Política
científica. I. Título.

CDD 23. : Psicólogos 150.92

Ficha catalográfica: Rosângela P. Batista - CRB-8 010465/O

REALIZAÇÃO



Sociedade
Brasileira para o
Progresso da
Ciência

APOIO



MINISTÉRIO DA
CIÊNCIA, TECNOLOGIA
E INOVAÇÃO



**DIRETORIA DA SBPC
GESTÃO 2023-2025**

Renato Janine Ribeiro
PRESIDENTE

Francilene Procópio Garcia
Paulo Eduardo Artaxo Netto
VICE-PRESIDENTES

Cláudia Linhares Sales
SECRETÁRIA-GERAL

Marilene Corrêa da Silva Freitas
Fernanda Antonia da Fonseca Sobral
Laila Salmen Espindola
SECRETÁRIAS

Marimélia Aparecida Porcionatto
PRIMEIRA-TESOUREIRA

Ana Tereza Ribeiro de Vasconcelos
SEGUNDA-TESOUREIRA

Prefácio

O centenário de nascimento de Carolina Bori (1924-2004), em 2024, ensejou comemorações variadas nas instituições educacionais e científicas em que ela atuou ou com as quais colaborou.

Muito expressivas e de grande visibilidade foram as iniciativas, ao longo de todo o ano, da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, da qual ela foi a primeira mulher a exercer a presidência. Entre as homenagens, destaca-se o Memorial Carolina Bori, disponibilizado na página da entidade, pelo seu caráter de registro permanente, rico acervo em documentos, registros da atuação de Carolina na SBPC, textos de sua autoria e de outros que escreveram sobre ela, entrevistas, vídeos e fotografias.

A publicação deste livro de Gabriel Vieira Cândido com selo da SBPC insere-se neste conjunto de homenagens.

Embora muito tenha sido dito e escrito sobre Dona Carolina, ainda em vida (como no volume especial da Revista Psicologia USP, de 1998, publicado em sua homenagem) ou após seu falecimento, ocorrido em 2004, o texto de Gabriel é uma contribuição original e de extrema relevância.

Diferente de outras importantes contribuições, em geral narrativas e memórias da perspectiva dos autores e suas interpretações sobre ações, motivações e convicções de Carolina, Cândido apresenta “a vida pública e obra de Carolina Martuscelli Bori”. Seu texto, portanto, não resulta de experiências pessoais com Bori, mas de anos de pesquisa científica estudando sua produção escrita na forma de artigos científicos, dissertação de mestrado, tese de doutorado, tese de livre-docência, editoriais de revista científica, discursos em sessões de abertura de reuniões anuais da SBPC, entrevistas, prefácios e apresentação de livros, resumos de trabalhos apresentados em congressos e também em correspondências com colaboradores, como o professor Fred Keller.

A pesquisa de Cândido foi dirigida por sua sólida formação como historiador da Psicologia, sob orientação de duas expoentes nesse tipo de investigação, Maria do Carmo Guedes e Marina Massimi. A

intensa e prolongada imersão nesse universo permitiu que ele sintetizasse e iluminasse não só o foco geral da atuação de Carolina Bori – psicologia, educação e política científica (no subtítulo do livro), mas também que mostrasse a evolução e a extensão dessa atuação, nos contextos culturais e científicos em que se manifestaram. Eu não resumiria melhor que o próprio autor:

Apesar de ser reconhecida por sua competência teórica e conceitual, a principal marca dessa pensadora e cientista está na mudança de comportamento que gerava entre os cientistas no Brasil. E, enquanto debatia as mudanças necessárias para o desenvolvimento científico e o crescimento do país, sua visão sobre ciência e psicologia ia sendo desenhada (p.17).

Sua visão de ciência e psicologia permitiu que ela se inserisse no cenário político-científico nacional e representasse a posição de cientistas das mais variadas áreas do conhecimento, influenciando assim opiniões sobre os rumos da ciência no país. Sua atuação se ampliou, indiscutivelmente, ao nível nacional, e marca, ainda, uma linha de desenvolvimento da cultura científica brasileira nos dias atuais (p.16-17).

O que se tem neste livro é, então, uma parte importante da história da ciência, da psicologia, da educação e da política científica no Brasil durante a segunda metade do século 20 (p.17).

Como contemporânea, aluna e colaboradora de Carolina, só posso apreciar, com emoção e gratidão, esse rico retrato “público” da pesquisadora que continua fazendo história.

Estou certa de que este livro de Gabriel Cândido será útil e apreciado por diferentes audiências interessadas nos tópicos de que trata e, sobretudo, que será um importante instrumento para a formação de novos pesquisadores (como queria Carolina), na ciência em geral, mas em particular na Psicologia e na Análise do Comportamento.

São Carlos, janeiro de 2025.

Deisy G. de Souza
UFSCar

Sumário

INTRODUÇÃO	11
capítulo 1 Família e formação acadêmica	23
1.1. Família e contexto sociocultural	23
1.2. Educação básica e formação de elite intelectual	25
1.3. A formação efetiva em Psicologia	30
1.4. A psicóloga: primeiros trabalhos	33
capítulo 2 Psicologia Geral: década de 1950	36
capítulo 3 Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro e o início da formação behaviorista	49
capítulo 4 Universidade de Brasília	59
capítulo 5 Diáspora da Universidade de Brasília	73
capítulo 6 Plano Bori	84
capítulo 7 Programação de contingências no cenário científico nacional	99
7.1. Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC)	101
7.2. Sociedades de Psicologia	113
7.3. Ciência e tecnologia	116
capítulo 8 A educação como compromisso de vida	119
REFERÊNCIAS	129
CRONOLOGIA	143

Introdução

“A duração da vida humana não é talvez tão evidente quanto parece e nem sempre coincide com a escansão nascimento e morte biológica” (Loriga, 2011).

Sempre escutei histórias. Cresci em um ambiente familiar em Minas Gerais, onde o fogão a lenha irradiava calor e histórias, onde fui cativado por relatos pessoais compartilhados por familiares e amigos. Eu adorava!

Dois aspectos me chamavam atenção naqueles momentos. Um deles era o aspecto lúdico. As histórias eram cheias de mistérios, fantasias, e muitas eram engraçadíssimas. Mas também me interessava pela sabedoria transmitida pelas experiências vividas por meus pais, tios e amigos próximos. Hoje reconheço que muito do que eu me tornei enquanto pessoa aprendi escutando relatos sobre amizade, respeito, compromisso, família...

Acredito também que esse contato constante com narrativas dos mais velhos contribuiu significativamente para minha inclinação à psicologia. Foi como um ouvinte atento que compreendi a profunda conexão entre memória, histórias de vida e identidade. Continuo ávido ouvinte de histórias; porém, agora como psicólogo e terapeuta, me dedico também a auxiliar pessoas a reescreverem suas próprias histórias.

Considero, de certo ponto de vista, que me mantenho nessa tradição de transmitir conhecimento por via da oralidade também na função de pesquisador em História da Psicologia. Aprendi, desde a minha entrada no mestrado no Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Experimental: Análise do Comportamento, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob orientação da professora

Maria do Carmo Guedes, que o trabalho do historiador é apresentar uma narrativa sobre um evento situado nas dimensões tempo e espaço. Em outras palavras, buscamos documentos (vestígios do passado) para contar o que teria ocorrido em um local específico em um tempo específico. Mas sempre destacando a ação de homens e mulheres.

Ao decidir estudar e contar a história da professora Carolina Martuscelli Bori (1924-2004), ainda por volta de 2010, já tinha clareza de que ela havia se dedicado de maneira hercúlea à formação de psicólogos, representando, especialmente, uma importante comunidade de psicólogos experimentais. Foi exatamente essa dedicação que fez com que uma tradição de pesquisa em psicologia se instalasse no país e também fez com que eu, ao ingressar no curso de graduação em Psicologia em uma universidade do interior de Minas Gerais, passasse parte da minha formação no laboratório de Psicologia Experimental e me dedicasse ao estudo do comportamento em sua intrínseca relação com o ambiente (físico e social).

Passei a me dedicar especificamente à história de Carolina Martuscelli Bori quando ingressei no curso de doutorado do Programa de Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, na Universidade de São Paulo, sob orientação da professora Marina Massimi. Na época, a possibilidade de trabalhar com história oral, entrevistando pessoas que trabalharam com ela, me fez entender outra dimensão do impacto de sua obra. Entrevistei cerca de 20 pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento: psicologia, física, educação especial, biologia, genética, filosofia, medicina, farmacologia. Todos relataram uma atuação na esfera que poderíamos chamar de política científica.

No entanto, indignava-me por não conhecer uma parte importante que eu julgava ser fundamental na vida de um professor universitário: suas publicações escritas. Era intrigante existir uma pesquisadora e professora universitária com enorme reconhecimento pela comunidade científica cujas publicações escritas, artigos científicos e livros não fossem reconhecidos ou recomendados em cursos, aulas e seminários.

Ao mesmo tempo, quando contava da minha pesquisa sobre Bori para os mais novos, como alunos de graduação em Psicolo-

gia, percebia que seu nome era reconhecido por muitos deles, mas, quando sabiam algo sobre ela, era muitas vezes de forma equivocada, superficial ou até reduzida a nomes de auditórios, plataformas e laboratórios.

Começava a pensar, na época, que Carolina Bori poderia estar se tornando uma espécie de lenda urbana, quase como uma narrativa folclórica, que se desenvolveu a partir de experiências pessoais, mas que ganhou vida ao ser compartilhada com as novas gerações.

Foi então que julguei importante reunir sua obra escrita. Comecei um trabalho intenso, dedicando muitas horas a explorar bibliotecas do Brasil e dos Estados Unidos na tentativa de organizar um arquivo bibliográfico que primeiro me ajudasse a ter uma visão de conjunto do pensamento intelectual da autora Carolina Bori. Diferente dos relatos orais, que refletiam uma visão pessoal e uma espécie de leitura subjetiva de suas motivações e decisões, acreditava que conhecer sua bibliografia me aproximaria de documentos primários que registrassem o pensamento intelectual da própria biografada.

De fato, a coleção de 70 trabalhos que assina como autora se tornou uma fonte de informações úteis para identificar qual era a sua visão sobre ciência e psicologia. Entre os temas dos seus escritos encontram-se psicologia social, métodos de pesquisa em psicologia, formação em psicologia, política científica, conceitos psicológicos e estudos sobre comportamento operante, além de relatos de experiências e opiniões acerca do cenário científico nacional.

Assim, construir uma tese com base em informações providas de relatos verbais de pesquisadores acerca da atuação de Carolina Bori e de sua não extensa bibliografia se mostrou um trabalho eferescente. Esse trabalho se expandiu ainda mais com uma parceria com a *Fred S. Keller Collection* da Universidade de New Hampshire, que cedeu cartas trocadas entre ela e Fred Keller, um importante professor e parceiro de trabalho em sua vida.

Concluído o doutorado, uma bolsa de pesquisa de pós-doutorado concedida a mim pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) me permitiu reencontrar com a professora Maria do Carmo Guedes e aprofundar o estudo da biografia de Carolina Bori a partir de documentos primários deixados

em seu escritório na USP após seu falecimento. Tais documentos foram doados ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Experimental: Análise do Comportamento e, lá, pude ter acesso a textos preservados que resultaram de sua atuação direta.

Para estruturar meu estudo, também me lancei na tarefa de digitalizar 1.343 páginas de programas de cursos, atas de reuniões, apresentações em congressos, *curricula vitae*, recortes de jornais, artigos e livros científicos, boletins de sociedades científicas, correspondências, manuscritos, relatórios de atividades, entre outros, que resultaram em 167 arquivos digitais. Esse projeto também contou com a colaboração do professor Edward K. Morris, da Universidade do Kansas, com quem pude ler em ordem cronológica e debater, semanalmente, toda a obra já contida na bibliografia de Carolina Bori em 70 diferentes trabalhos: 25 artigos publicados em periódicos, 6 comunicações orais, 1 dissertação, 1 tese de doutorado, 1 tese de livre docência (não defendida), 5 editoriais de revista científica, 4 entrevistas, 2 estudos, 4 prefácios e apresentação de livros, 8 resumos de trabalhos apresentados em congressos, 10 traduções feitas por ela (9 livros e 1 artigo) e 3 cursos programados.

Entretanto, este livro só se tornou possível na ocasião do centenário de Carolina Bori, graças a uma série de ações promovidas pela Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), entre elas o lançamento do Memorial Carolina Bori¹, que ofereceu uma coleção de documentos primários fundamentais para a finalização desta biografia científica.

Para mim, é um enorme desafio apresentar a minha narrativa sobre Carolina Bori. Primeiro pela maneira discreta como ela conduzia sua vida pessoal. Apesar de sua atuação forte e impactante ao lado de grandes nomes da ciência e da política nacional, sua vida pessoal sempre foi preservada. Caberia a mim, psicólogo e terapeuta, acostumado com o sigilo necessário para o bom processo terapêutico, revelar aspectos que, em vida, ela mesma decidiu manter separados de sua vida pública?

1 Disponível em <https://memorialcarolinabori.sbpcnet.org.br>.

Portanto, o livro que você começa a ler é o resultado de uma imersão na vida pública de Carolina Martuscelli Bori, cuja atuação trouxe um impacto que extrapolou os limites da vida biológica pela criação de uma atitude científica em uma parcela importante da população. Por isso o desafio de apresentá-la em uma biografia científica.

Bori foi uma mulher reconhecida como um dos grandes nomes da ciência brasileira. Teve colaboração indispensável na formação de docentes/pesquisadores, na implantação de cursos de Psicologia e laboratórios de Psicologia Experimental, na introdução e difusão da Análise Experimental do Comportamento (como uma forma de se fazer Psicologia Experimental), na aplicação de princípios comportamentais na educação, na atuação em associações científicas e órgãos de fomento, na difusão da ciência e na política científica nacional (Cândido, 2023).

Pedagoga de formação, sua atuação, já amplamente divulgada, rompeu os limites da psicologia — área em que começou a atuar já no final da década de 1940 — e se estendeu para o cenário da política científica brasileira. Ela trabalhou, desde os anos 1950, pela inserção da Psicologia Experimental na formação de pedagogos e psicólogos e pela criação de laboratórios de Psicologia Experimental em universidades do país. Lutou pelo reconhecimento legal da profissão de psicólogo, contra o de uma profissão apenas técnica (a de psicologista).

Sua carreira é permeada por uma grande preocupação com questões educacionais, o que se nota desde o início da década de 1950, quando integrou o Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (CBPE), e novamente ao reger a cadeira de Psicologia do curso de Pedagogia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro, entre 1959 e 1963. Mas, a partir de 1964, Bori propõe novas reflexões sobre a educação, motivadas por princípios básicos do comportamento que foram amplamente debatidos no país e no exterior. Esses princípios fundamentaram a criação do Departamento de Psicologia da Universidade de Brasília (UnB), a formação de professores primários no Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura (IBECC), o desenvolvimento do Programa de Pós-Graduação em Educação Especial da Universidade Federal

de São Carlos (UFSCar), a formação de pesquisadores em diversas áreas do conhecimento a partir de cursos oferecidos pelo Instituto de Psicologia da USP, os projetos de difusão do conhecimento científico para a população em geral, os debates junto à SBPC e as pesquisas que coordenou no Núcleo de Pesquisa do Ensino Superior (Nupes), até o fim de sua vida.

É também reconhecido seu empenho na gestão de sociedades científicas e na criação e coordenação de periódicos e cursos para formação de psicólogos e pesquisadores. Na Secretaria da SBPC, empenhou-se na organização de suas reuniões anuais e, na presidência dessa sociedade, deixou claro seu compromisso com a criação de melhores condições para a formação de cientistas: defendeu o aumento de verbas para o desenvolvimento da ciência brasileira, e também lutou por sua difusão e pelo reconhecimento de sua importância para o desenvolvimento do país. Como representante da SBPC, liderou debates sobre ciência em contato com políticos brasileiros, negociando verbas e propondo organização para o sistema de ciência e tecnologia no Brasil. Chegou a debater com o então presidente José Sarney a inclusão de cientistas na tomada de decisões em órgãos governamentais responsáveis pelo desenvolvimento da ciência no Brasil. Na Estação Ciência, trabalhou para formar a população brasileira de acordo com princípios da ciência e para popularizá-la.

Foi a primeira mulher a assumir cargo de presidência dessa sociedade, discutindo, portanto, ciência em um meio tradicionalmente formado por pesquisadores do sexo masculino das áreas do conhecimento mais tradicionais, como física, química e biologia. Tinha uma sólida formação teórica, como seus artigos permitem afirmar e a competência necessária para debater e defender suas ideias com pesquisadores renomados em várias áreas do conhecimento. Suas referências eram variadas e os temas discutidos em suas publicações eram defendidos em assembleias e comissões científicas.

Dona Carolina, como era chamada por colegas e alunos, atuou em diversos espaços ao longo de sua vida profissional, que se estendeu por mais dez anos após a aposentadoria compulsória na USP. Sua visão de ciência e psicologia permitiu que ela se inserisse no ce-

nário político-científico nacional e representasse a posição de cientistas das mais variadas áreas do conhecimento, influenciando assim opiniões sobre os rumos da ciência no país. Sua atuação se ampliou, indiscutivelmente, ao nível nacional, e marca, ainda, uma linha de desenvolvimento da cultura científica brasileira nos dias atuais.

Porém, ao contrário de outros importantes pensadores da ciência do Brasil e do exterior, ela não deixou muitos registros escritos sobre o seu pensamento. Sua bibliografia não representa a extensão de seu trabalho, o que torna difícil a pesquisa de quem busca conhecer suas ideias. Apesar de ser reconhecida por sua competência teórica e conceitual, a principal marca dessa pensadora e cientista está na mudança de comportamento que gerava entre os cientistas no Brasil. E, enquanto debatia as mudanças necessárias para o desenvolvimento científico e o crescimento do país, sua visão sobre ciência e psicologia ia sendo desenhada.

Por todo esse trabalho que desenvolveu e pelo reconhecimento de suas contribuições para o desenvolvimento científico no Brasil, pretendo aqui apresentar a vida pública e obra de Carolina Martuscelli Bori. Nesse contexto, nota-se uma dedicação quase exclusiva à implementação daquilo que ela considerava importante para promover melhorias na vida da população brasileira por via do desenvolvimento científico.

Dado o reconhecimento da importância de Bori no desenvolvimento científico no país, sua vida pública foi estudada do ponto de vista biográfico e aqui apresentada cronologicamente. Sendo assim, algumas de suas participações em episódios da história do país poderão ser conhecidas do leitor. O que se tem neste livro é, então, uma parte importante da história da ciência, da psicologia, da educação e da política científica no Brasil durante a segunda metade do século 20. Alguns temas que estão presentes nesta biografia são a criação da UnB, o sistema de cátedras que estruturava as universidades e as relações entre professores, a transição desse sistema para o de departamentos, a regulamentação da profissão e formação de psicólogos no Brasil, a interferência da ditadura militar no desenvolvimento científico e nacional, a preocupação em estabelecer objetivos comportamentais na educação, a difusão dos estudos experimentais na

psicologia para diferentes universidades e regiões do país, a introdução da Gestalt e da Análise do Comportamento no Brasil, projetos nacionais de difusão da ciência, debates sobre a redemocratização do Brasil e a Constituinte de 1987, além de outros.

Ao mesmo tempo, dado o reconhecimento como professora universitária e pesquisadora, sua atuação pública foi aqui apresentada ao lado de seu pensamento acerca da ciência e da psicologia. Reuni sua bibliografia de forma que seja possível perceber não apenas seu pensamento filosófico e técnico, mas também as influências que sofreu de seus professores e colegas ao longo de sua formação.

Espero que o leitor deste livro conheça não só a vida de uma importante pensadora da ciência e da psicologia no Brasil, mas também as bases teórico-filosóficas que orientaram as decisões que tomou. Ao assumir uma perspectiva biográfica, proponho um olhar para a maneira como a própria Bori compreendia ciência e psicologia, e como esse pensamento, presente em aulas, conferências, textos e orientações, pode ter contribuído para a formação de um grupo de cientistas brasileiros com determinado modo de pensar a própria ciência. Espero situá-la na psicologia e como pesquisadora, buscando reconhecer as preocupações do período em que ela se formou e realizou seus trabalhos, assim como as mudanças nas práticas de grupos de que participou (Ball, 2012; Furumoto; Scarborough, 1986; Johnston; Johnson, 2008; Russo; Denmark, 1987; Smith, 2022).

Nesta discussão, debate-se a ideia de *mito fundador*, como se um determinado evento histórico ou mesmo uma área tivesse surgido em um único momento e local, como “uma única semente brotando em um local específico” (Danziger, 1996, p. 112). A história que aqui se apresenta foi pensada como uma evolução de diversas condições sócio-históricas, em diferentes espaços geográficos. Não se reconhece nenhum tipo de progresso ou evolução em direção a um estilo de vida que seja melhor ou mais adequado. Ao contrário, os episódios em que Bori se inseriu e que aqui estão narrados foram entendidos como movimentos que ocorreram sempre a partir de movimentos anteriores. Sobretudo, busquei destacar motivações da biografada.

Adotei uma concepção policêntrica de história, que busca compreender os vários pontos de origem de um evento histórico,

reconhecendo momentos e episódios distintos que se confluíram e se tornaram parte fundamental da história dessa personagem (Burke, 2018; Cândido, 2023; Danziger, 1979; 2013; Furumoto, 2003; Garcia, 2023; Klappenbach, 2011; Massimi, 1998; Pickren, 2011; Samelson, 1999; Smith, 1988).

Essa concepção foi importante para reconhecer a vida e obra de Carolina Bori não como uma história de grandes feitos e grandes vitórias, como se fossem superiores em relação às outras pessoas de sua época. Mas acredito que, ao inserir sua vida e obra em um contexto em que outros pesquisadores também atuavam para difundir suas teorias e práticas científicas, o que se evidencia são as diferenças, os lugares, as relações profissionais e os interesses pessoais.

Reconhecendo que a vida de um cientista está muito além das atividades de pesquisa, dediquei-me a apresentar uma biografia de uma cientista que vá contra a noção de neutralidade científica. Como a atividade científica é identificada com a atividade de seus praticantes, uma construção biográfica de Bori é uma boa maneira de entrar em contato com o legado que sua vida e obra deixaram, considerando tanto o caráter mutante da *prática científica* quanto as *características individuais* da própria cientista (Loriga, 2011).

Com isso, esta obra reconhece e apresenta a originalidade que existe em seu trabalho, tanto do ponto de vista teórico quanto de práticas científicas existentes no Brasil e, em especial, na psicologia. Ela não é vista como uma seguidora de um ou outro pensador, mas sim como uma pensadora que, no seu processo de formação intelectual, conheceu importantes mestres que deixaram marcas significativas em seu fazer científico e político. E esses mestres não apagaram nela a capacidade de realizar uma leitura de aspectos culturais originais e, conseqüentemente, uma produção teórica, política e científica compatível com a cultura brasileira.

Este livro está organizado em oito capítulos, além de uma cronologia da vida pública de Carolina Martuscelli Bori. Aqueles mais interessados no cenário científico nacional encontrarão sua atuação e legado nos dois últimos capítulos, que apresentam os últimos 30 anos de sua carreira e incluem sua atuação política vinculada à SBPC e outros órgãos da ciência.

No *capítulo 8* está sua atuação no Núcleo de Pesquisa do Ensino Superior (Nupes, atual NUPPS), criado em 1989, até os momentos finais de sua vida. O *capítulo 7* explora sua visão sobre o ensino de ciências e as estratégias que ela desenvolveu para a implantação de novos paradigmas educacionais. Ao mesmo tempo em que explicam seu envolvimento em questões mais amplas do cenário científico nacional, os *capítulos 7 e 8* apresentam a preocupação com a difusão da ciência no Brasil.

O *capítulo 6* é dedicado à influência de Bori no desenvolvimento científico brasileiro, concentrando-se em sua contribuição para o Ensino Programado. Nele é mostrada sua visão sobre o papel da educação, assim como sua atuação na criação de condições para o desenvolvimento científico, em especial da psicologia, em instituições de ensino superior.

Para melhor compreender essa concepção de ensino, os *capítulos 4 e 5* são dedicados ao período em que ela criou e coordenou o Departamento de Psicologia da UnB, planejado sob uma nova perspectiva educacional que visava solucionar alguns problemas que estão especificamente no *capítulo 4*, enquanto que o *capítulo 5* apresenta a interferência do governo militar na UnB em 1965 e a consequente difusão dos princípios que fundamentavam tal perspectiva educacional.

O *capítulo 3* descreve o período da carreira em que esteve vinculada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro. Foi nesse momento que estabeleceu seus primeiros contatos com Fred S. Keller e a Análise Experimental do Comportamento. Com isso, ela se afasta do grupo que se dedicava à Psicologia da Gestalt, mas sem abandonar alguns princípios filosóficos fundantes que estiveram fortemente presentes nos anos iniciais de sua formação acadêmica, apresentados no *capítulo 2*. Aliás, como se verá neste livro, esses princípios imprimiram marcas definitivas da sua carreira. O *capítulo 1* contém algumas informações sobre o cenário político e econômico que influenciou a educação oferecida a Carolina Martuscelli².

2 O sobrenome Bori foi adicionado ao seu nome quando se casou, na primeira metade da década de 1950.

Assim, espero ter contemplado toda a vida pública dessa cientista brasileira com um legado tão vasto, e que sua vida esteja aqui apresentada de forma honesta e honrosa. Mais que uma homenagem, esta biografia foi escrita seguindo o mesmo rigor das atividades que ela desenvolveu ao longo de sua vida. Como diversos outros personagens se fizeram presentes em sua vida, espero, ainda, que todos aqueles que se identificarem neste livro se sintam respeitados em suas próprias contribuições.

Carolina Martuscelli Bori, mulher, de fala baixa e movimentos tranquilos. Não tinha gestos chamativos. Enquanto falava, sua postura se mantinha serena, com movimentos leves para as laterais, para frente ou para trás. Gesticulava com as mãos em algumas ocasiões, mas movimentos leves! No entanto, sabia defender suas opiniões com argumentações lógicas em prol do que acreditava ser o melhor para o desenvolvimento científico e nacional. E sabia programar contingências para implantar projetos que contribuíssem para a sua missão.

Talvez seu sonho fosse construir um Brasil com mais igualdade de oportunidades para todos, e ela acreditava que a ciência e a educação eram o caminho para construir esse país ideal. Mas aprendeu desde muito cedo na sua carreira que, para realizar esse sonho, precisaria se aproximar das questões da política nacional.

Ao apresentar uma narrativa abrangente e detalhada, espero não apenas fornecer uma compreensão mais profunda da atuação pública de Carolina Bori, mas também inspirar reflexões sobre o papel da ciência na sociedade e as influências individuais que moldam o desenvolvimento científico e nacional. Nesse sentido, este trabalho não é apenas uma biografia, mas uma janela para a história da ciência brasileira e um registro da dedicação e do legado duradouro de Carolina Bori que, certamente, ultrapassou os limites da vida biológica.

Boa leitura,

Gabriel Vieira Cândido

CAPÍTULO 1

Família e formação acadêmica

1.1. Família e contexto sociocultural

Carolina Martuscelli nasceu em São Paulo no dia 4 de janeiro de 1924. As condições políticas e financeiras do país, nessa época, eram das mais diversas. No Brasil, havia um clima de crise política associada à crise financeira no mundo: iniciava-se um momento de insatisfação com a corrupção e a política no país, junto à constante queda no preço do café que, na época, era uma das suas principais fontes de renda. Em São Paulo, o desenvolvimento da agricultura e da indústria levou o Estado a atingir uma produtividade muito acima dos níveis dos outros Estados brasileiros — tal produção era mais que o dobro de Minas Gerais, segundo maior produtor agrícola e industrial do país na década de 1920 (Adduc, 1998). Especificamente no ano do nascimento de Carolina, acontecia, em São Paulo, um movimento tenentista considerado o maior conflito bélico já ocorrido na cidade. A ideologia presente nesse momento estava relacionada ao uso do exército para benefício popular. Havia uma grande crítica à maneira como a política estava sendo feita, com insatisfações quanto a corrupção, nepotismo e incompetência. Com isso, estourava a Revolta Paulista, no dia 5 de julho, quando militares ocuparam a cidade de São Paulo por 23 dias com o objetivo de reestabelecer a “integridade moral, consciência patriótica, probidade administrativa, e alto descortino político” (Adduc, 1998, p. 11).

O pai de Carolina, Aurélio Martuscelli, foi um dos muitos italianos que chegaram ao Brasil por volta de 1890. Engenheiro, instalou-se em São Paulo, onde trabalhou em uma grande empresa da área de construção de estradas em um momento de forte expansão da cidade.

Sua mãe, Maria Colombo Martuscelli, brasileira, cuidou da formação acadêmica dos filhos. Além de Carolina, filha mais velha do casal, Aurélio e Maria Colombo tiveram mais cinco filhos: Wanda, Francesco, Florinda, Adele e Nicola. Aurélio faleceu ainda novo e Maria Colombo contou sempre com o apoio de sua mãe, Fiorinda Filomena, nos cuidados com os filhos (Figura 1).



Figura 1: Foto da família de Carolina Martuscelli, tirada por volta de 1930. Da esquerda para a direita estão, no fundo, Aurélio (pai), Maria Colombo (mãe), Florinda (irmã no colo da mãe), Fiorinda Filomena (avó); à frente estão os irmãos Francesco, Wanda e Carolina. Não estão na foto os dois últimos irmãos, Adele e Nicola. Fonte: Arquivo da família.

1.2. Educação básica e formação de elite intelectual

Carolina frequentou uma escola alemã desde os seis anos de idade. Fez sua formação básica para professora nos anos de 1941 a 1943, na Escola Normal Caetano de Campos, hoje reconhecida, entre outras coisas, pelas contribuições dadas ao desenvolvimento científico da psicologia no país. Essa escola funcionou como um grande impulsionador da psicologia em São Paulo durante as décadas de 1910 e 1920, por conduzir seus alunos por atividades em laboratório de Psicologia Experimental dirigido por pesquisadores europeus.

Foi o trabalho dos educadores e psicólogos da Escola Normal que se tornou a base para a criação da Cátedra de Psicologia Educacional da Faculdade de Pedagogia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (USP) no começo da década de 1930. Alguns dos professores que passaram pela Psicologia da Escola Normal e pela USP nesse período foram Manuel Bergström Lourenço Filho (1897-1970), educador brasileiro que escreveu livros sobre geografia, história do Brasil e psicologia (principalmente sobre testes e medidas na educação), Noemi Silveira Rudolfer (1920-1980), responsável pela Cadeira de Psicologia Educacional após a incorporação do Instituto de Educação à Faculdade de Filosofia com a tese *A evolução da Psicologia Educacional através de um Histórico da Psicologia Moderna*, em 1936, Virginia Bicudo (1915-1981), educadora sanitária e pioneira da psicanálise no Brasil, e Betti Katzenstein (1906-1981), natural da Alemanha, onde havia sido assistente de Willian Stern na Universidade de Hamburgo e trabalhado nas áreas de educação e psicologia infantil (Angelini, 2011; Baptista, 2004; Centofanti; Tomasini, 2014).

Desde cedo, Carolina frequentou ambientes que exerceram grande influência no cenário de desenvolvimento do país, seja do ponto de vista social, seja do ponto de vista intelectual. Aprendeu diferentes línguas desde a infância e levava uma vida confortável financeiramente. Apesar de não terem sido encontrados documentos que demonstrem que seus pais estivessem preocupados em inserir seus filhos em um ambiente cultural efervescente, pode-se dizer, sem a menor dúvida, que esse foi o contexto em que Carolina se formou como pessoa.

Concluída sua formação básica de professora na Escola Normal, Carolina ingressou no curso de Pedagogia da USP, mantendo contato com aqueles mesmos professores da Escola Normal e, ao mesmo tempo, aprofundando-se no estudo da psicologia. O seu currículo dessa época inclui a realização da pesquisa sobre desenhos infantis, em 1946. Até a década de 1950, no Brasil, a Psicologia não era ensinada em um curso de graduação específico como nos dias atuais. Era principalmente nas faculdades de Pedagogia e Filosofia que disciplinas de Psicologia eram oferecidas. Carolina foi uma das pessoas que seguiram esse caminho. Foi se aproximando da Psicologia a partir dos seus estudos em Pedagogia.

Mesmo tendo formação de professora e realizando o curso de Pedagogia, Carolina participou de reuniões dirigidas pelo professor Dr. Walter E. Maffei³ (1905-1991) no Hospital Central de Juqueri por quatro anos, e realizou estágio na seção feminina sob orientação do Dr. Mario Yahn⁴ (1908-1977). Criado em 1898 em Franco da Rocha, na região metropolitana de São Paulo, o Hospital de Juqueri era o manicômio mais antigo do Brasil. Continha, em sua ampla edificação, três tipos de estabelecimento: o Manicômio Judiciário era destino de alienados criminosos ou em observação da Justiça, com 15,4% das vagas; na Colônia de Reabilitação estavam 62,8% das vagas reservadas aos pacientes considerados crônicos ou sem possibilidade de vida social; no Hospital Central, onde Carolina estagiou, estavam os pacientes com quadros agudos, a quem eram reservados 21,8% das vagas (Sá, 1983)⁵. Tal fato indica seu envolvimento em questões relacionadas à psicologia já na sua formação universitária.

3 Walter E. Maffei formou-se em Medicina pela USP, lecionou na Faculdade de Medicina da USP até 1945 e, após esse ano, tornou-se mentor dos Departamentos de Patologia tanto da Faculdade de Medicina de Sorocaba quanto da Santa Casa de São Paulo, onde fundou o Serviço de Anatomia Patológica (Lancellotti, 1992).

4 Mario Yahn era médico e tornou-se primeiro assistente da Cadeira de Neurologia da Escola Paulista de Medicina em 1938. Dedicou-se à psiquiatria e psicanálise, e foi um dos precursores da lobotomia no Brasil (Costa, 2012).

5 Para mais informações sobre o Hospital Psiquiátrico de Juqueri, ver CUNHA, M. C. P. **O espelho do mundo**: Juquery, a história de um asilo. Campinas: UNICAMP/IFCH/CECULT, 3 ed. 2022.

Em 1947, concluiu a graduação em Pedagogia e especialização em Psicologia Educacional pela mesma instituição. Nesse mesmo ano, assumiu o cargo de professora assistente da Cadeira de Psicologia da USP.

A USP havia sido concebida em 1934 para ser um centro de promoção do progresso da ciência e do desenvolvimento do espírito. Com objetivo de formar grandes pensadores, recebeu diversos professores europeus como o matemático italiano Luigi Fantappiè (1901-1956), o físico russo Gleb Wataghin (1899-1986), o professor de literatura italiana Giuseppe Ungaretti (1888-1970), além dos integrantes da missão francesa à USP: o sociólogo Paul Arrousse-Bastide (1899-1985), o sociólogo e filósofo Claude Lévi-Strauss (1908-2009), o historiador Fernand Braudel (1902-1985), o sociólogo Roger Bastide (1898-1974), entre outros. Isso contribuiu para o desenvolvimento efetivo de pesquisa e de altos estudos, formando, então, profissionais de alto nível (Chamlian, 2003; Fernandes, 1984; Mendonça, 2000; Oliveira, 1984).

Recém-concluída sua graduação em Pedagogia, Carolina recebe convites para conhecer instituições e laboratórios de Psicologia em três países latino-americanos. O primeiro convite foi para assistir ao curso de verão como bolsista no ano de 1948 na Universidade do Chile. No ano seguinte, realizou viagens de intercâmbio cultural ao Paraguai, a convite da Escuela de Humanidad, e ao Peru, onde acompanhou o trabalho do professor Walter Blumenfeld⁶ (1882-1967) no Instituto Psicopedagógico de Lima, por um mês.

No Brasil, o ensino de Psicologia na USP era organizado em duas cadeiras. Uma delas era a de Psicologia, regida interinamente por Annita de Castilho Marcondes (1911-1991), gestaltista e ex-aluna do fundador da Gestalt, Max Wertheimer (1880-1943). A outra era a de Psicologia Educacional, regida por Noemy da Silveira Rudolfer (1902-1980), ex-professora de Carolina nos tempos da Es-

6 Walter Blumenfeld nasceu na Alemanha e migrou ao Peru em 1935, durante o nazismo. É conhecido por seus trabalhos na área de Psicologia Experimental, na qual se distingue como pioneiro no país que o recebeu.

cola Normal Caetano de Campos⁷. O catedrático tinha autoridade para convidar professores para a cadeira e definir a orientação para as disciplinas pelas quais era responsável. Enquanto a Cadeira de Psicologia Educacional estava muito ligada a questões da educação, a de Psicologia não era restrita a um campo de estudos, mas preocupada em estudar a psicologia como ciência. Foi para essa cadeira, regida por Annita Cabral, que Carolina foi convidada a ocupar o cargo de professora assistente, a partir de 1947 (Figura 2). Entre os interesses da catedrática estava desenvolver “o ensino teórico, e o ensino prático em algumas técnicas de exame psicológico, com tentativas de introduzir algum treino em pesquisa e experimentação” (Ramozzi-Chiarottino, 2001, p. 65). A disciplina que passou a lecionar foi Psicologia Experimental no curso de Filosofia da USP.



Figura 2: Foto de formatura de Carolina Martuscelli no curso de graduação em Pedagogia da Universidade de São Paulo, 1947. Fonte: Arquivo da família.

7 Aziz Nacib Ab’Saber, colega de Carolina nos tempos da Escola Normal Caetano de Campos, disse que ela é uma “legítima herdeira cultural de Noemi Silveira Rudolfer” (Ab’Saber, 1998, p. 36).

Nos anos de 1948 e 1949, os temas que aparecem em cursos e conferências dados por ela são Técnicas Projetivas e O Desenvolvimento Emocional na Adolescência, apresentados em cursos de formação em Pedagogia. Outro conjunto de palestras feitas por ela é formado por relatos de experiências com as viagens que fez para conhecer centros de estudos em psicologia no Peru e Paraguai, estes apresentados na Sociedade de Psicologia de São Paulo (SPSP), fundada em 1945 por iniciativa de Annita Cabral.

Annita Cabral, que havia feito sua tese de doutorado sob orientação de Max Wertheimer, um dos fundadores da Psicologia da Gestalt, tinha uma boa formação teórica e incentivava os alunos a realizarem pesquisas. Como catedrática, era responsável por convidar assistentes para a cadeira e encaminhar sua formação. Um desses interesses era fazer da Gestalt a única orientação teórica da cadeira. Foi por isso que Carolina fez seu mestrado na New School for Social Research, em Nova York, na mesma instituição onde Annita havia concluído sua tese de doutorado.

Entre os anos de 1950 e 1951, Carolina esteve, então, matriculada no curso de mestrado em Psicologia na Graduate Faculty da New School For Social Research, sob orientação de Tamara Dembo (1902-1993), ex-aluna de Kurt Lewin (1890-1947). A instituição em que Carolina ingressava havia sido concebida para ser a casa de intelectuais liberais e radicais. Tinha o compromisso de produzir uma cidadania “informada e responsável”, engajando homens e mulheres na elaboração de pesquisas de cunho social. Pela educação de adultos, pretendia desenvolver um pensamento crítico e uma capacidade de organização do conhecimento para solucionar problemas cotidianos (New School for Social Research, 1949).

Durante a Segunda Guerra Mundial, a New School recebeu 184 pensadores exilados, como o filósofo austríaco Hans Kelsen (1881-1973), o antropólogo belga Claude Lévi-Strauss, o historiador italiano Gaetano Salvemini (1873-1957), a filósofa alemã Hannah Arendt (1906-1975) e o próprio Max Wertheimer. Por isso, ficou conhecida como a “Universidade em Exílio” (Steinacher; Barmettler, 2013).

O boletim da universidade publicado em 2 de janeiro de 1950 apresenta um histórico da New School. Esse mesmo texto é publi-

cado em vários boletins como uma forma de apresentar a instituição. Assim começa:

A New School foi fundada em 1919 por um grupo de homens e mulheres distintos que acreditavam que a Primeira Guerra Mundial tinha introduzido uma época de importantes mudanças nos assuntos humanos.

[...]

Nas três décadas desde 1919, a New School for Social Research sofreu vicissitudes inevitáveis. A educação de adultos de um tipo que ainda é único no mundo manteve-se sempre como uma de suas reivindicações. É educação para a cidadania efetiva e para a segurança espiritual ao invés de uma estreita formação para o trabalho. Por outro lado, a investigação social quase desapareceu da New School, exceto pela monumental Enciclopédia das Ciências Sociais, editada pelo seu diretor, Alvin Johnson — até que o Dr. Johnson, com generosa assistência de doadores privados e da Fundação Rockefeller, deu asilo aqui para dezenas de grandes estudiosos forçados a fugir da perseguição autoritária. Alguns permaneceram na New School para formar o núcleo da atual Pós-Graduação da Faculdade. Não só foi a investigação social, com o pessoal adequado, mas a New School tornou-se uma faculdade praticamente internacional, capaz de prestar grandes serviços ao país na guerra e, particularmente significativo, ao pensamento internacional dos Estados Unidos desde a guerra (New School for Social Research, 1950, p. 1).

Foi a essa instituição que Carolina chegou, aos 26 anos de idade, para o primeiro semestre do mestrado, em 1950. Com formação em escolas de elite em uma São Paulo em intenso desenvolvimento industrial, urbano e intelectual, ela estava então em uma instituição norte-americana com forte preocupação social e orgulho por ter, em sua história, recebido imigrantes judeus exilados.

1.3. A formação efetiva em Psicologia

Como já dito anteriormente, Carolina se graduou em Pedagogia, período no qual cursou disciplinas de Psicologia. Assim, toda a psicologia que lhe foi apresentada veio da Pedagogia. De

todo modo, foi suficiente para desenvolver nela o interesse nessa outra área. Esse foi o caminho trilhado por muitos psicólogos brasileiros desse período. Pode-se dizer que sua formação de psicóloga ocorre, de fato, durante seu mestrado, na New School for Social Research.

O cenário da psicologia dessa instituição era mais favorável para a Psicologia Experimental, a Psicologia Social/de Grupos e Estudos em Processos Psicológicos. Essas áreas eram, ainda, as mesmas das disciplinas oferecidas por Tamara Dembo, sua orientadora. As disciplinas oferecidas na Psicologia no primeiro semestre de 1950 e os responsáveis por ela estavam organizados da seguinte maneira:

PSICOLOGIA

- 506a-G Psicologia Experimental I – David A. Emery
- 506b-G Psicologia Experimental II – William H. Helme
- 506c-G Psicologia Experimental II – Mary Henle
- 506d-G Psicologia Experimental II – Mary Henle
- 506e-G Psicologia Experimental II – Mary Henle
- 512-G Problemas de Pesquisa Experimental: Sentimentos, Emoções e Valores – Tamara Dembo
- 514-G Estatística para Psicólogos – William H. Helme
- 518-G Psicologia Social – Solomon E. Asch
- 520-G Teoria e Problemas Interpessoais – David A. Emery
- 524-S Problemas Metodológicos em Psicologia Social – David A. Emery
- 526-S Relações Socioemocionais – Tamara Dembo
- 530-G Teoria Dinâmica da Personalidade – Tamara Dembo
- 534-G Psicologia Anormal – Ulrich Sonnemann
- 536-G Abordagens Atuais para Psicologia Clínica: Pesquisa e Crítica – Ulrich Sonnemann
- 540-S Grafologia Clínica– Ulrich Sonnemann
- 544-G Sistemas da Psicologia – Mary Henle
- 546-S Literatura Psicológica Atual – Mary Henle
- 548-G Filosofia para Psicólogos – Eugen Kullmann

Entre o conteúdo das disciplinas oferecidas nos anos de 1950 e 1951 estão filósofos dualistas⁸ como Descartes e Spinoza, materialistas como Hobbes e La Mettrie, teleológico como Kant, evolucionistas, mecanicistas e emergentes como Darwin, Bergson e Alexander. Entre os psicólogos estão introspeccionistas, funcionalistas, behavioristas, psicanalistas, objetivistas e gestaltistas como Titchener, James, Watson, Hull, Freud, Adler, Jung, McDougall, Woodworth, Allport, Wertheimer, Lewin, Köhler, Koffka e Miler. Não foi possível identificar em quais disciplinas Carolina foi aluna; entretanto, em análise dos autores citados por ela em sua dissertação, tese e artigos publicados ao longo de sua vida profissional, pode-se supor a influência maior de alguns dos professores da New School, citados por ela em sua obra escrita: Solomon Asch, que ofereceu cinco disciplinas sobre Psicologia Social/de Grupos entre 1949 e 1951, Mary Henle, com seis disciplinas sobre Psicologia Experimental, quatro sobre Filosofia, História e Sistemas Psicológicos, duas sobre Psicologia Social/de Grupos e Estudos em Processos Psicológicos e uma sobre Pesquisa/Estatística no mesmo período, e Karen Machover, com uma disciplina sobre Testes Projetivos. Tamara Dembo, sua orientadora, não foi citada em suas publicações, mas ofereceu seis disciplinas no período em que Carolina esteve no mestrado (duas sobre Psicologia Experimental, duas sobre Psicologia Social/de Grupos e duas sobre Processos Psicológicos).

Pode-se dizer que, apesar de Annita Cabral ter direcionado a formação de Carolina para a Psicologia Experimental e sugerido a Gestalt ensinada na New School como uma referência para sua formação, a influência que recebeu não se restringiu à Psicologia Experimental. A presença da Teoria da Gestalt, como queria a cate-drática, pode ser encontrada na dissertação de mestrado de Carolina, intitulada *The Recall of Interrupted Tasks: a Review of the Literature*, na qual analisou uma série de pesquisas que investigavam a tensão psicológica gerada quando uma tarefa que estava sendo desempenhada era interrompida (efeito *Zeigarnik*).

Em 1951, ela defendeu sua dissertação, mas, antes de voltar

8 Essa categorização de áreas foi feita pelos próprios professores das disciplinas.

para o Brasil, passou alguns meses na Europa com o objetivo conhecer algumas instituições ligadas à psicologia, como o Instituto de Psychologie de L'enfant da Université de Paris, França, onde acompanhou consultas de Henri Wallon⁹ (1879-1962) por um semestre durante o ano de 1951. No ano seguinte, passou um mês no Departamento de Psicologia da Cambridge University, Inglaterra, conhecendo os trabalhos de C. Bartlett¹⁰ (1886-1969) no campo da psicologia experimental e, no mesmo ano, passou uma semana conhecendo o laboratório da Universidade Católica de Milão, Itália, dirigido pelo professor A. Gemelli¹¹ (1878-1959). Então retornou ao Brasil e retomou suas atividades na Cadeira de Psicologia da USP, em 1952, dando aulas de Psicologia Experimental.

1.4. A psicóloga: primeiros trabalhos

De volta ao Brasil, Carolina recebe convites para conferências e publica seus primeiros artigos científicos. A primeira palestra foi um relato das experiências nos centros de pesquisa que visitou, proferida no encontro anual da SPSP.

Seu primeiro artigo publicado depois de concluir o mestrado foi em 1952, intitulado *O Papel do Sujeito e do Experimentador na Situação Experimental*, no que apresenta, em nove páginas, o que havia aprendido sobre psicologia experimental até aquele momento. Ela define a área como “uma maneira de pensar” e como “um grupo de técnicas e precauções de laboratório” (Martuscelli, 1952, p. 9). Continua:

Sabe-se que numa situação experimental atua sobre o organismo uma multidão de estímulos. Sabe-se também que existem dentro do organis-

9 Henri Wallon é conhecido pelo seu trabalho na área de psicologia do desenvolvimento.

10 C. Bartlett foi um dos fundadores da psicologia cognitiva. Seu estudo mais conhecido é sobre memória.

11 A. Gemelli foi membro da ordem franciscana, fundador da Universidade Católica do Sagrado Coração, em Milão, e trabalhou como médico e psicólogo.

mo condições identificáveis e não identificáveis que podem influir na resposta ou respostas que nos interessam. O procedimento experimental básico consiste em manter todos os estímulos constantes, exceto um, que manipulamos ou fazemos variar conforme a situação exigir. Se pudermos mostrar que a resposta varia de uma maneira sistemática em relação à variação dos estímulos, teremos estabelecido um fator causal de um fenômeno psicológico. Sabemos que o experimento requer que somente duas variáveis sejam estudadas por vez: uma, a variável dependente que é medida com o intuito de determinar se sua variação é função da outra, a variável independente (Martuscelli, 1952, p. 9-10).

Após considerar a história da Psicologia Experimental, afirma a possibilidade de realizar experimentos sobre a experiência consciente do sujeito. Esse tipo de estudo inclui uma série de fatores psicológicos, portanto subjetivos. É interessante observar, ainda, que nessa fase ela apresenta uma posição crítica à experimentação behaviorista pelo excesso de objetividade:

Há um outro tipo de experimento psicológico — o behaviorista — no qual se espera que o S [sujeito] seja e permaneça material experimental. O objetivista parece preferir fazer todo o trabalho de relatar e registrar, e não confiar em outros. O que ele pede no seu laboratório é o *Versuchstier*; uma criatura que ele possa “colocar dentro” ou “manejar” como se diz. A criatura “manipulada” representa sua parte e deve estar atenta e não dizer nada além do que lhe for perguntado. No máximo lhe é permitido verbalizar com os músculos da laringe ou gesticular para “expressar” o que lhe está ocorrendo. Esta criatura o objetivista prefere chamar o sujeito, não dando importância à incoerência de ter sujeitos e rejeitar com um desprezo fóbico tudo que é “subjetivo”. [...] Seria um erro, porém, supor que os relatos dos objetivistas conseguiram eliminar ou eliminarão a observação direta dos processos orgânicos humanos. [...] Os métodos objetivos não diminuem a necessidade e importância da auto-observação pelo sujeito, embora o tipo e a forma de tal observação possam ser modificados (Martuscelli, 1952, p. 14-15).

Assim, o que se percebe durante esse período da vida de Carolina é que ela é um exemplo da formação de muitos psicólogos da época: ingressam em uma área de interesse dentre as que eram oferecidas e, ao terem disciplinas ou cursos de Psicologia, vão redirecionando sua formação. Como o Brasil não tinha centros de formação em Psicologia bem estabelecidos, esses profissionais iam estudar fora do país. No caso específico de Carolina, essa formação, orientada por Annita Cabral, aconteceu em centros com tradição experimentalista e com base na teoria da Gestalt, principalmente.

Com formação de professora em instituições que visavam formar elites na cidade de São Paulo, em intenso desenvolvimento, interessou-se pela psicologia. Como se pode observar em entrevistas cedidas por Carolina (Matos; Costa, 1998), esse interesse se deu pela possibilidade de desenvolver experimentação. Junto com o mergulho em questões metodológicas da psicologia, ela encontrou, de maneira bem próxima, psicólogos de renome internacional. Trabalhou com Wallon, Bartlett, Blumenfeld, entre outros. Estudou na mesma instituição em que se encontravam Tamara Dembo, Solomon E. Asch, Karen Machover e por onde passaram Max Wertheimer e Kurt Lewin. Encontrou, também, um clima ideológico de mudança social via conhecimento científico, seja na Escola Normal, onde se formou professora, na USP, onde se graduou pedagoga, ou na New School, onde teve formação de psicóloga.

Nos anos seguintes, suas ideias sobre experimentação continuam se desenvolvendo e, como se verá adiante, a preocupação com a mudança social via conhecimento científico começa a ganhar destaque já na primeira década de sua carreira acadêmica. O que se verá no próximo capítulo é uma atuação ampla do ponto de vista de áreas, que podemos chamar de psicologia geral no sentido dado à época.

CAPÍTULO 2

Psicologia Geral: década de 1950

A década de 1950 foi intensa na vida pessoal e profissional de Carolina. Alguns anos depois de voltar de sua viagem de estudos em 1953, ela se casou com um italiano, Giovanni Eppler Bori, de quem recebeu o sobrenome Bori e com quem teve um filho. Divorciou-se cerca de três anos após o nascimento do filho, mas manteve o sobrenome de casada ao longo de toda a sua vida. No campo profissional, exerceu cargos em diferentes instituições e cursos: foi a primeira assistente da Cadeira de Psicologia da Faculdade de Filosofia da USP até 1955, assistente na Cadeira de Psicologia Educacional da Faculdade de Educação da USP de 1956 a 1963, professora de Psicologia na Escola de Enfermagem da Faculdade de Medicina da USP de 1955 a 1962, colaboradora do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais do Rio de Janeiro de 1956 a 1962 e, a partir de 1959, chefe da Cadeira de Psicologia Educacional da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) de Rio Claro.

Desenvolveu pesquisas de cunho social junto ao CBPE, integrou diretorias de sociedades científicas em psicologia como a Sociedade de Psicologia de São Paulo (SPSP) e a Associação Brasileira de Psicólogos (ABP), e participou do movimento para a regulamentação da psicologia como área independente no Brasil. Em 1954, associou-se à Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), principal entidade brasileira a representar e a reunir, em encontros anuais, todas as áreas do conhecimento como ciências exatas, biológicas, da saúde, agrárias, sociais, humanas, entre outras.

Como a psicologia não era reconhecida como uma ciência independente no Brasil até o início dos anos 1960, a área se fazia presente na formação em Medicina, Organização do Trabalho, Educação e Filosofia, que serviram de cenário para o desenvolvimento das primeiras contribuições de psicólogos brasileiros. A Medicina contribuiu como contexto da Psicologia a partir da produção de conhecimento para os problemas com os quais se ocupava, tais como saúde mental e fisiologia das emoções. No cenário da Organização do Trabalho, a Psicologia foi aplicada às necessidades laborais e orientação vocacional; na Educação e na Pedagogia, deu a sustentação científica para a compreensão de funções da memória, personalidade, inteligência, entre outras (Antunes, 2004; 2007); e, na Filosofia, encontrou espaço para reflexão sobre questões epistemológicas acerca do próprio homem.

Todos os investimentos feitos para a institucionalização da Psicologia desde a virada do século 19 para o 20 começaram a dar sinais de avanço a partir da década de 1930. Mas foi principalmente a partir de meados da década de 1940 que a psicologia no Brasil deu um salto de desenvolvimento como área científica. Surgiram sociedades científicas, como a SPSP e a Associação Brasileira de Psicologia em São Paulo, a Associação Brasileira de Psicotécnica no Rio de Janeiro, e a Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul. Além do aumento na representatividade política da psicologia, a área esteve presente nos encontros anuais da SBPC desde 1950. É também desse período a primeira bolsa de pesquisa e a primeira tese em Psicologia Experimental, defendida por Joel Martins. E foi ainda nessa década que ocorreu o movimento para a regulamentação do ensino e da profissão de psicólogo, que permitiu a criação de cursos em nível de graduação em Psicologia a partir de 1962 (Antunes, 2004).

O primeiro anteprojeto que visava regulamentar a profissão de psicólogo foi enviado ao Ministério da Educação em 1954 pela Associação Brasileira de Psicotécnica, sediada no Rio de Janeiro. Esse processo se iniciou com médicos que queriam regulamentar a profissão de “psicologista”, que os auxiliaria com a aplicação de testes psicológicos. Sabendo disso, um grupo de psicólogos de dife-

rentes Estados brasileiros começou a lutar contra esse projeto de lei e apresentou outro anteprojeto que visava à regulamentação da profissão de psicólogo como profissional liberal.

Bori esteve vinculada às sociedades de psicologia que participaram desse movimento. Em 1954, assumiu a presidência da ABP, uma das associações que participaram da elaboração do segundo anteprojeto para regulamentação da profissão de psicólogo. Outra sociedade importante nessa fase foi a SPSP, da qual assumiu a presidência nos anos 1960 e 1961. Essas duas sociedades foram criadas com grande colaboração de Annita Cabral, a ABP em 1955, e a segunda em 1945. Dentre suas contribuições estão a elaboração de projetos de lei, o pedido de assinaturas para que a lei fosse votada pelos deputados e até mesmo o debate pelo reconhecimento da profissão pela sociedade. Discutiu-se a proposta de leis com deputados, como Lauro Cruz, que também trabalhou na defesa do projeto de lei. Na sessão Notícias da revista *Boletim de Psicologia* (1961, n. 41 e 42), os responsáveis pela sessão anunciam a defesa de Bori pela equiparação do cargo de “psicologista” aos demais cargos de nível universitário.

Ao longo desse processo, foi professora assistente na Cadeira de Psicologia da USP, vinculada à faculdade de filosofia, onde se propunha ensinar experimentação em Psicologia. Entre os anos de 1947 e 1958, as disciplinas oferecidas nessa cadeira estavam assim organizadas (Ramozzi-Chiarottino, 2001):

PRIMEIRO ANO:

- a) Escolas e Sistemas de Psicologia, oferecida no primeiro ano do curso
- b) Introdução à Psicologia Experimental
- c) Psicologia Diferencial, com aplicação de testes de inteligência

SEGUNDO ANO:

- a) Psicologia Social, curso teórico para alunos do segundo ano
- b) Psicologia da Personalidade, com utilização de técnicas projetivas

TERCEIRO ANO:

- a) Psicologia Gestáltica e Topológica, para alunos do terceiro ano

QUARTO ANO:

- a) Psicologia Social
- b) Psicologia do Pensamento
- c) Psicologia de Jean Piaget

Nas aulas de Introdução à Psicologia Experimental para alunos do primeiro ano, a influência de sua formação experimentalista pode ser facilmente notada na maneira em que ela as conduzia: seus alunos eram levados a fazer pesquisas em psicofísica. Um exemplo era a replicação de experimentos clássicos como o de Wolfgang Köhler (1887-1967), sobre o princípio do *insight*. Essas replicações eram adaptadas para que os alunos pudessem realizá-las no contexto de sala de aula, com as condições disponíveis no local.

Nessa mesma época, a Cadeira de Psicologia dividia espaço, de maneira não muito amistosa, com outra na USP, a de Psicologia Educacional. Esta, ligada ao curso de Pedagogia, seguia uma tradição diferente da cadeira à qual Bori estava vinculada, conforme comentado por ela (Matos; Costa, 1998):

A Cadeira de Psicologia não tinha prestígio suficiente para contar com grande número de assistentes. Lembro que quando houve a separação das Cadeiras de Psicologia e Filosofia, que eram oferecidas pelo mesmo professor, foi uma surpresa a Psicologia ficar a cargo de uma pessoa da casa e... mulher. Isso era uma raridade naquela época, em que os professores eram, em sua maioria, homens e estrangeiros. Era tudo muito difícil e era preciso lutar por tudo. O bom é que a professora Annita era uma pessoa extremamente combativa, o que de fato precisava ser, porque a congregação da Faculdade de Filosofia era refratária a mudanças. Eu fui a primeira e a única assistente da cadeira durante um bom tempo. (p. 785)

[...]

Eles [professores da Cadeira de Psicologia Educacional] nos chamavam de positivistas e isso para eles era um horror! Para nós, no entanto, essa era apenas uma maneira de conceber a produção do conhecimento; uma maneira que valorizava a obtenção de dados experimentais. Éramos rigorosas ao coletar os dados e mais rigorosas ainda em analisá-los. A tendência, no entanto, era outra: muito mais especulativa e interpretativa. Essa é a imagem que ainda se passa da psicologia: o leigo não tem contato com o conhecimento científico que existe em Psicologia, mas é bombardeado de ideias vagas, que acabam formando uma mixórdia sem sentido (p. 787).

Mas, em meio a todas essas atividades em prol da regulamentação da psicologia no Brasil e as atividades na USP, houve um desentendimento entre Bori e a catedrática Annita Cabral. Como resultado, Bori foi afastada da Cadeira de Psicologia da USP, mas contratada para a Cadeira de Psicologia Educacional da mesma instituição em 1956.

Algumas de suas publicações da década de 1950 apresentam a fundamentação teórico-filosófica que permeava suas aulas. Em sua tese de doutorado (publicada em 1959, mas concluída em 1954), por exemplo, tem-se uma ideia de que Bori era uma profissional preocupada com os métodos científicos utilizados na psicologia e também com a divulgação dos avanços em relação ao método experimental. Para ela, a expressão “Psicologia Experimental” não deveria denotar uma área independente da psicologia, mas toda a psicologia deveria incluir pesquisas de laboratório, feitas em condições controladas (Martuscelli, 1959).

Ela defendia que os conceitos da psicologia deveriam seguir os mesmos procedimentos de elaboração que as ciências mais básicas seguiam; entretanto, a psicologia não deveria se reduzir a elas. Para isso, dois critérios básicos deveriam ser seguidos. Um deles era a construção de teorias com propriedades lógico-matemáticas. Já o segundo critério estava relacionado à necessidade de construções teóricas passíveis de definição operacional, uma vez que esta seria a forma de definição mais adequada no sentido de facilitar a verificação das hipóteses por experimentos. Para ela, definir a psicolo-

gia sem a necessidade de experimentação seria adotar um ponto de vista errado. Esse aspecto básico da definição de psicologia que praticava ao longo da década de 1950 pode ser representado pela citação abaixo, retirada do artigo chamado *Os Fundamentos da Experimentação Psicológica*:

Para proporcionar o treino do pensamento científico foram estabelecidos em quase todas as universidades europeias e norte-americanas cursos de laboratório na crença de que trabalhar com aparelhos e realizar “experimentos” ensinaria ao estudante a respeitar os fatos, inculcaria hábitos científicos de crítica e cautela e possibilitaria novas descobertas. Considerando a psicologia como uma subdivisão da ciência na qual são empregadas certas técnicas e certos instrumentos que não são comumente usados por outros investigadores, um curso de experimentação psicológica deve ensinar ao estudante o uso dessas técnicas e instrumentos. É improvável que qualquer pessoa que realizou um experimento e enfrentou as dificuldades que se apresentam na busca da verdade aceite palavras, panaceias ou uma bela teoria, até que os resultados experimentais não estejam completamente pormenorizados. O estudante de psicologia deveria interessar-se pela psicologia como uma ciência e não como uma coletânea de curiosidades ou como uma panaceia para os seus problemas pessoais. Esses objetivos só poderiam ser alcançados com a *introdução* do ensino sistemático desse método nas nossas universidades (Bori, 1950, p. 167).

Portanto, como a experimentação era parte da psicologia, Bori defendia que o método experimental estivesse presente na formação de psicólogos, que deveriam ser incentivados a realizar pesquisas conduzidas em um ambiente controlado de laboratório. Embora ela não defendesse o laboratório como o único local de produção de conhecimento científico, encontra-se em sua obra o reconhecimento de que o laboratório é o único local onde todas as variáveis que podem influenciar a ocorrência de um fenômeno estudado são conhecidas e controladas. Assim, porque o desenvolvimento da própria psicologia dependeria da experimentação é que ela deveria ser parte da formação dos futuros psicólogos. Era

necessário incrementar-se a formação de pesquisadores com utilização de laboratórios e aparelhos, haja vista o número de professores de Psicologia no Brasil, na década de 1950, empenhados na formação profissional e em pesquisas que não envolviam técnicas de laboratório.

A experimentação, para ela, seria uma maneira de pensar (Bori, 1952/1953) que deveria seguir uma matriz galileana¹² de ciência. Essa forma de pensamento, de acordo com Bori, consideraria o caso individual, sem elaborar conceitos valorativos e a interpretação por classificação (Martuscelli, 1959). Isso era importante, pois mudaria a forma como a análise seria feita: desvia-se o olhar das classificações rígidas como ponto de partida da construção de conhecimento para as “condições momentâneas do indivíduo e a estrutura da situação psicológica” (p. 14).

Um contraponto do modo de pensar galileano seria o pensamento aristotélico, dominante na psicologia na visão de Bori. Este se caracteriza por propor conceitos valorativos e dicotômicos. Assim, considera-se aquilo que é regular e que ocorre com frequência, e tende-se a ignorar eventos e fatos individuais por se tratarem de exceções à regra. Para Bori, a principal vantagem do pensamento galileano seria o estudo da “situação na qual se verifica o fato psicológico” (Martuscelli, 1959, p. 13) de forma descritiva, considerando as relações entre variáveis presentes no caso individual. Além disso, ela afirmava que, com a transição do pensamento aristotélico para o galileano

verificou-se uma transição do conceito de classe para o conceito de série.

12 Nos dias atuais, utiliza-se a expressão “galileana” para se referir à abordagem científica influenciada por Galileu Galilei. Na obra de Bori aqui referida, a expressão utilizada por ela nesse mesmo sentido foi o “galiléico”. No entanto, ela evidenciou em seu trabalho a crítica que Galileu fez aos conceitos dicotômicos presentes na obra de Aristóteles como pressupostos para uma investigação científica. Exemplos desses conceitos seriam corpo e alma, forma e matéria, ativo e passivo, bom e mau, Céu e Terra. Nesse sentido, a abordagem de Galileu teria contribuído, segundo Bori, para minar a rigidez das dicotomias aristotélicas, levando a uma visão mais experimental, observacional e empiricamente fundamentada da natureza.

[...]

Uma das contribuições mais importantes da maneira galileica de pensar é a descrição da realidade concreta mesmo quando se trata de um caso único. E assim também o caso individual, segundo essa orientação, é caracterizado e estudado no seu aspecto quantitativo (Martuscelli, 1959, p. 12).

Essas definições seriam fundamentais para um experimento em psicologia, já que ele deveria abordar o comportamento humano sob condições específicas em que todas as variáveis seriam controladas, exceto uma. Esta variável Bori chamou de estímulo. Assim, se o comportamento variasse sistematicamente em relação ao estímulo, o experimento estaria cumprindo sua função de estabelecer relações entre variáveis (Bori, 1952/1953). O laboratório não seria, para ela, o único local para a realização de experimentos, apesar de oferecer condições adequadas para “a separação, observação e, às vezes, medidas dos fatores envolvidos na situação” (Bori, 1955, p. 162). Outros locais também poderiam oferecer condições para o controle de variáveis.

No que se refere ao objeto de estudos da psicologia, Bori defendia o estudo do comportamento humano definido de acordo com a Teoria de Campo proposta pelo gestaltista Kurt Lewin. Trata-se de uma noção de comportamento explicado “pela estrutura do campo psicológico no momento da ação” (Martuscelli, 1959, p. 85). A psicologia ensinada por Bori nessa época abordava um indivíduo que recebia influências de “um campo de forças psíquicas exteriores ao seu próprio corpo”. Seria, então, a “locomoção” desse indivíduo a fim de “modificar as forças que atuam no momento” uma concepção-chave para compreender noções como personalidade, mecanismo de defesa, regressão e, principalmente, motivação, tema que estudou em seu doutorado. Na Teoria de Campo, na qual Bori se fundamentou, o campo psicológico é um conceito mental e se refere a “objetivos ou à maneira pela qual as barreiras e as fronteiras são percebidas e concebidas pelo indivíduo” (Martuscelli, 1959, p. 86).

Apesar de defender a experimentação, Bori não desenvolveu uma carreira profissional dentro do laboratório. É notável, porém, seu interesse por questões sociais desde o início da carreira. Um

dos envolvimento com essas questões se deu pelo Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (CBPE), a partir de 1956. Ela trabalhou sob direção do antropólogo e político Darcy Ribeiro (1922-1997) e do educador Anísio Teixeira (1900-1971), realizando pesquisas como psicóloga social. Esse centro foi criado na década de 1950 com o objetivo de realizar estudos sobre a cultura, a sociedade e a educação brasileira.

O plano inicial de atividades do CBPE foi elaborado pelo professor Otto Klineberg (1899-1992), psicólogo social da Universidade de Columbia e consultor da Unesco que regeu a Cadeira de Psicologia da USP de 1945 a 1947, a mesma que Annita Cabral assumiu em 1947. O principal objetivo do CBPE era a criação de dois mapas do Brasil, um cultural e outro educacional, para analisar as relações entre práticas educacionais e a realidade cultural e social.

O CBPE iniciou suas atividades em 1955, no Rio de Janeiro, seguido pelos Centros Regionais de Pesquisas Educacionais (CRPEs) em São Paulo, Belo Horizonte, Salvador, Recife e Porto Alegre a partir de 1956. Inspirados em iniciativas anteriores de descentralização administrativa e democracia política e social, o CBPE e os CRPEs visavam utilizar conhecimentos científicos sobre realidades regionais e processos socioeconômicos para informar políticas públicas, especialmente na modernização da educação e saúde conforme as necessidades locais.

Os centros foram criados com o objetivo principal de pesquisar condições culturais e escolares, além das tendências de desenvolvimento, com foco na elaboração de uma política educacional gradual para o país. A ideia central era utilizar a pesquisa científica em ciências sociais como base para reestruturar a educação, transformando-a em um fator positivo para o desenvolvimento nacional (Ferreira, 2008).

Uma das pesquisas de maior impacto que Bori realizou pelo CBPE ficou conhecida como *O Demônio no Catulé* (Martuscelli, 1957a). Na ocasião, um grupo ligado à Igreja Adventista da Promessa na região de Catulé (município de Malacacheta, Minas Gerais) sacrificou quatro crianças acusadas de estarem possuídas pelo diabo. Esse caso de repercussão nacional mobilizou um

grupo de pesquisadores formados por Carlos Castaldi (sociólogo do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos), Bori (à época assistente de Psicologia na Faculdade de Filosofia da USP), Eunice Todescan Ribeiro (assistente de Antropologia no mesmo instituto universitário) e Pedro Galery (estudante da Universidade de Minas Gerais) com o objetivo de propor uma explicação para o que havia ocorrido.

O estudo de Bori foi parte integrante de uma pesquisa mais ampla que tratava de aspectos socioeconômicos. Ele ressalta a importância de se considerar a personalidade como uma variável na explicação dos eventos e destaca que os resultados devem ser interpretados em conjunto com observações sobre a organização social do grupo, inclusive o papel da crença religiosa, para uma compreensão mais abrangente das inter-relações e a escolha de técnicas adequadas para a pesquisa.

Outras pesquisas que desenvolveu junto ao CBPE investigaram os fatores que interferem na evasão escolar (Bori, 1969), julgamento de ocupações (Martuscelli, 1957; Bori, 1960b) e mobilidade urbana (Bori, 1960a). Nesse período, teve grande contato com pensadores do Brasil como o literato Antônio Cândido (1918-2017), o sociólogo britânico Bertram Hutchinson, o sociólogo e político Florestan Fernandes (1920-1995), o cientista social Octavio Ianni (1926-2004), além de Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro. Essa foi, sem dúvida, uma primeira oportunidade que Bori teve para, efetivamente, produzir conhecimento que pudesse auxiliar nos problemas sociais cotidianos.

Aparentemente, os trabalhos desenvolvidos no CBPE e na Cadeira de Psicologia Educacional renderam um contrato com a Unesco para realização de uma pesquisa sobre a relação entre algumas características da personalidade e a mobilidade social em um ambiente urbano instável. Esse trabalho foi apresentado no Seminário sobre Problemas da Urbanização na América Latina, em Santiago (1958), onde ela discutiu o papel da inteligência, das aspirações e dos valores na mobilidade a partir da análise do desempenho no teste de Rorschach.

Ainda nessa mesma época, tornou-se professora de Psicologia

da Escola de Enfermagem da Faculdade de Medicina da USP, função que exerceu de 1955 a 1962. As atividades desenvolvidas estavam relacionadas à graduação e à pós-graduação. Assim, a primeira experiência que teve com a pós-graduação aconteceu nessa escola. Uma das pesquisas que realizou nesse contexto foi *O Prestígio da Profissão de Enfermeira*.

Um dos temas presentes em seu currículo é a “personalidade”. Ele já aparecia em alguns de seus trabalhos mesmo antes de 1954, em cursos como Modernas Teorias de Personalidade e Projeção da Personalidade no Desenho da Figura Humana. Em 1957, ela discutiu a percepção dos êxitos e insucessos e a personalidade e, em 1958, ofereceu o curso de férias Psicologia da Personalidade para professores secundários no Departamento de Educação da USP.

Bori apresenta em sua obra publicada na década de 1950 um amplo conhecimento de pesquisas experimentais de fundadores da Psicologia Experimental dos mais diferentes países da Europa e dos Estados Unidos — apesar de demonstrar certa preferência por alguns autores europeus (Bori, 1955). É a autores como Gustav Fechner (1801-1887), Wilhelm Wundt (1832-1920), Pierre Janet (1859-1947), Gustave Le Bon (1841-1931), Alfred Binet (1857-1911), Henri Pierón (1881-1964), Ivan Petrovich Pavlov (1849-1936), Hermann Ebbinghaus (1850-1909), Kurt Lewin (1890-1947) e Wolfgang Köhler (1887-1967) que ela recorre para afirmar a possibilidade e necessidade da experimentação em psicologia. As obras deles servem de referência para Bori afirmar que:

A noção popular de que o método experimental não pode ser aplicado no estudo do comportamento humano, baseada na ideia de que não se pode realizar experimentos com pessoas ou grupos, foi completamente ultrapassada. A experimentação psicológica é realizada hoje em centenas de laboratórios, por milhares de investigadores, num campo que se está ampliando continuamente (Bori, 1955, p. 161).

Como forma de avaliar o controle de variáveis, a literatura psicológica fazia referências a pontos de vista contrários e apresentava as mais diversas opiniões sobre o uso de técnicas estatísticas.

A posição de Bori sobre essas técnicas era a de que, embora teoricamente importantes, seu uso não era indispensável. Ainda que vários psicólogos se negassem a reconhecer a validade das técnicas estatísticas quando aplicadas à psicologia e realizassem experimentos sem qualquer referência a elas, essa não era a regra geral. Para Bori, existiam inúmeros psicólogos que planejavam e realizavam seus experimentos com aplicação de um tratamento estatístico muito simples, e ainda outros que baseavam seus experimentos exclusivamente na estatística. Naturalmente, o maior ou menor uso de técnicas estatísticas depende não somente da orientação teórica dos pesquisadores, mas também do próprio problema da experimentação. Mas, focada na formação do psicólogo, Bori reconhece a necessidade de ensinar tais técnicas ao estudante, que deve estar apto a ler e a compreender todo relato de pesquisa que inclua dados estatísticos (Bori, 1953/1954).

Perceber sua atuação profissional nos momentos iniciais de sua carreira dentro do contexto da psicologia geral sintetiza de maneira adequada tanto o ponto de vista teórico com o qual atuava quanto o de aspectos metodológicos. A visão de psicologia e de ciência presente em seus trabalhos ao longo da década de 1950 é compatível com o que se chamava, à época, de psicologia geral.

A defesa do método experimental é uma marca, assim como a busca pela compreensão de fenômenos sociais a partir de princípios válidos do ponto de vista científico. Nota-se uma preocupação com a definição do campo da psicologia que pudesse dar conta de todos os problemas que a área enfrentasse. Nesse sentido, o trabalho de Bori pode ser entendido como abertura de condições para o desenvolvimento da psicologia enquanto ciência.

O momento era oportuno para a psicologia! O que se pode observar no exemplo de Bori foi a atuação em sociedades científicas e universidades. Ela publicou e lecionou sobre diferentes temas. As pesquisas que realizou enfatizaram, entre outras coisas, a possibilidade de inserção da psicologia em variados campos.

Por fim, no final da década de 1950, o governo do Estado de São Paulo estava expandindo a oferta do ensino de graduação com a criação das Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras (FFCLs),

que eram institutos isolados em várias cidades do interior estabelecidos para atender ao crescimento populacional do Estado. Um desses institutos foi aberto em Rio Claro, onde Bori foi contratada como catedrática para a Cadeira de Psicologia Educacional, vinculada ao curso de Pedagogia. Até então, sua atuação estava ligada às decisões do catedrático, mas na FFCL de Rio Claro ela teria condições de contratar assistentes e definir rumos para as disciplinas da cátedra. No próximo capítulo, será abordada sua atuação nessa instituição recém-criada. Assim, seu papel de catedrática poderá ser conhecido em uma instituição sem história prévia.

Capítulo 3

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro e o início da formação behaviorista

Em 1957, o governo do Estado de São Paulo instituiu as Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras (FFCLs) em diferentes cidades. Eram institutos isolados criados devido a mudanças econômicas, ao crescimento populacional e à consequente dificuldade de acesso ao ensino. Como as chances de formação em universidades era reduzida, foi necessário expandir o sistema de graduação e, para atender a essas demandas, 14 FFCLs foram criadas, inclusive em Rio Claro (Cândido, 2017; Lima, 2005; Oliveira, 2020; Vaidergorn, 1995; Zanardi, 2012).

Os cursos de graduação oferecidos pela FFCL de Rio Claro eram Geografia, Pedagogia, Matemática e História Natural. Os professores catedráticos tinham origem em diferentes instituições e eram responsáveis por convidar seus assistentes, transmitir e incentivar o desenvolvimento cultural, conduzir pesquisas sobre o objeto do ensino e formar pesquisadores e professores (Camargo, 1999).

João Dias, então catedrático de Geografia e História da USP e um dos principais responsáveis pela criação das FFCLs, convidou Bori para chefiar a Cadeira de Psicologia Geral e Educacional dentro do curso de Pedagogia, na FFCL de Rio Claro. De 1959 a 1963, ela se manteve professora assistente da Cadeira de Psicologia Educacional da Faculdade de Pedagogia da USP enquanto era catedrá-

tica em Rio Claro. Todos os assistentes que convidou para a cadeira em Rio Claro haviam sido seus alunos na USP. Nilce Meijas ficou por um curto período, enquanto Geraldina Witter e Isaias Pessotti permaneceram trabalhando como assistentes até 1963.

Quando teve início a Cadeira de Psicologia Educacional da FFCL de Rio Claro, a psicologia ainda estava passando pelo reconhecimento legal da profissão e da formação. A promulgação da Lei 4.119, em 1962, dava novas possibilidades para a psicologia no Brasil com a regulamentação da formação e profissão de psicólogo. E Bori a conhecia bem! Ela atuou intensamente durante todo o processo de regulamentação da área ao longo da década de 1950, e se manteve atuante após a aprovação da lei.

Logo depois da promulgação da lei, formou-se a Comissão de Avaliação de Registros de Diplomas, com o objetivo de conferir os títulos conforme os critérios já apresentados. Essa comissão era formada por profissionais de Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, e presidida por Lourenço Filho¹³ (1897-1970), Pe. Antonius Benkö¹⁴ (1920-2013), Carolina Bori, Enzo Azzi¹⁵ (1921-1985) e Pedro Parafita Bessa¹⁶ (1923-2002). Essa comissão estabeleceu os critérios que contemplariam todas as variedades e possibilidades de formação e atuação que já existiam no Brasil. Tais critérios foram usados para avaliar documentos enviados por profissionais que se submeteram ao processo de validação de diplomas de psicólogo. Esse processo de validação durou cerca de 10 anos.

O primeiro critério de trabalho que estabeleceram para o regis-

13 Manuel Bergström Lourenço Filho foi um educador brasileiro, escreveu livros em áreas como Geografia e História do Brasil, e Psicologia (principalmente sobre testes e medidas na educação e maturação).

14 Pe. Antonius Benkö, húngaro, chegou ao Brasil em 1954 e em 1957 foi contratado pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Criou o Centro de Orientação Psicopedagógica – COPP.

15 Enzo Azzi, italiano, doutor em Medicina e Cirurgia pela Universidade de Parma, e em Psicologia Experimental e Educacional pela Universidade Católica de Turim, foi o responsável pela organização do IPPUCSP (Instituto de Psicologia e Pedagogia da PUC/SP).

16 Pedro Parafita de Bessa, mineiro, foi o primeiro diretor do curso de Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais, em 1960. Teve aulas no Laboratório de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento de Professoras com a professora Helena Antipoff.

tro profissional de psicólogos era a necessidade de se registrarem, primeiro, os integrantes da comissão. Segundo Bori, Lourenço Filho, presidente da comissão, recusou o registro ao reconhecer que os trabalhos que desenvolvia não se enquadravam na área da psicologia. Assim, propôs que Bori recebesse o registro número 1, uma vez que era a única mulher da comissão (critério “primeiro as damas”).

Após o encerramento do processo de regulamentação da profissão e formação do psicólogo e o início do processo de certificação dos profissionais de psicologia, Bori passa a integrar comissões do MEC cuja função era visitar instituições que desejavam abrir curso de graduação em Psicologia.

Em Rio Claro, durante seus dois primeiros anos, organizou o conteúdo das disciplinas vinculadas à sua cadeira com base na psicologia geral que praticava. No entanto, em 1961, uma nova área de pesquisa foi apresentada a ela. Nesse ano, embalado pelo clima de expansão da psicologia enquanto área autônoma no Brasil, o professor e pesquisador behaviorista Fred S. Keller (1899-1996) deu início a um curso com um ano de duração sobre Psicologia Animal e Comparada na USP. As únicas pessoas que conheciam Keller e o convidaram para o curso no Brasil eram Myrthes Rodrigues do Prado, que havia sido sua aluna na Universidade de Columbia no ano de 1954, e Paulo Sawaya, fisiólogo e então diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP. No quadro 1 é apresentada a carta que Myrthes do Prado escreveu a Keller convidando-o para dar aulas no Brasil.

Myrthes R. do Prado
Largo Sta. Cecília 73 – ap 17 - 9º andar
São Paulo, 4-10-1959

Dr. Fred S. Keller
Psychology Dept.
Columbia University
New York, N.Y.

Caro Dr. Keller,

Durante os períodos de 1952 a 1954, fui uma de suas alunas, estudante brasileira Myrthes Rodrigues do Prado, cursando na Universidade de Columbia cursos de Psicologia Experimental e Clínica.

Meu estudo foi interrompido pela minha doença e consequente operação (no Hospital Presbiteriano), sob cuidados de um cirurgião maravilhoso, Dr. Georg F. Cahill.

Atualmente, estou estudando e trabalhando na Cidade Universitária de São Paulo, e ela também está em estado de organização.

Dr. Paulo Sawaya, diretor dessa Universidade de São Paulo, conhecendo o senhor como psicólogo, sua famosa atividade nessa esfera de ação e suas mais altas qualidades como professor, Dr. Paulo Sawaya pensou que talvez o senhor não achasse impossível fazer uma viagem ao Brasil em qualquer momento que considere conveniente, para ajudar com seus conselhos a essa nova universidade.

Nessa época em que eu estudava na Universidade de Columbia, D. Keller nos sugeriu usar seu livro “Princípios da Psicologia” (um texto sistemático na ciência do comportamento), e Dr. William, a “Psicologia”, de Henry Garret.

Dr. Keller, o senhor seria gentil e não se importa se eu pedir que me responda o mais rápido possível, e caso este convite lhe interesse, os termos podem ser feitos diretamente com o Dr. Paulo Sawaya. O Dr. Sawaya, diretor da Universidade de São Paulo, é doutor em medicina, um grande fisiologista, um dos nossos melhores professores. O Dr. Sawaya organizou todos os laboratórios em Fisiologia e Zoologia durante um espaço de tempo de vinte e cinco anos.

Atualmente, desde o ano passado, o Dr. Sawaya está lidando também com a “Fisiologia para a Psicologia”, uma das bases do Departamento de Psicologia, mas todos os laboratórios de Psicologia, como aqueles para trabalhos sobre Texto na Ciência do Comportamento dos Animais, trabalhos sobre qualquer texto em Psicologia Geral, todos os materiais, tudo será providenciado.

Myrthes Rodrigues do Prado, 4 out. 1959 (tradução nossa).

Quadro 1: Carta convite escrita por Myrthes Rodrigues do Prado para Fred S. Keller. Fonte: Milne Special Collections (University of New Hampshire).

Era comum a presença de professores estrangeiros no Brasil, especialmente para o ensino de Psicologia, ainda em vias de regulamentação. Nesse sentido, o interesse em trazer Keller foi uma das tentativas de construir uma psicologia mais dedicada ao método experimental e com bases biológicas. Apesar da delimitação do campo da psicologia e a relação com áreas afins já existir fora e dentro do Brasil, a defesa da experimentação e as bases biológicas dos processos psicológicos eram ainda pouco exploradas no contexto nacional.

No desenvolvimento da psicologia no Brasil, a figura de Keller teve papel crucial. A informação que circulava em Rio Claro era de que ele era um especialista em *self-teaching*, uma abordagem que despertou o interesse de Bori. Ela viajava semanalmente a São Paulo para assistir às aulas de Keller, e foi durante esse período que estabeleceu contato com Rodolpho Azzi (1927-1993), um professor de Filosofia na FFCL de São José do Rio Preto. Tanto Bori quanto Azzi trabalharam como assistentes de Keller em 1961 na USP.

As aulas ministradas por Keller na USP em 1961 foram marcantes. Ele apresentou a Análise Experimental do Comportamento e a Instrução Programada, destacando a “teoria do reforço” como parte de uma “Reformulação da Psicologia Moderna”. Segundo Keller, esse processo de reformulação estava em constante expansão, tornando-se difícil para aqueles que participavam dele acompanhar todos os seus desenvolvimentos. A segunda parte de sua abordagem, Instrução Programada, representava uma consequência prática significativa da teoria do reforço.

Keller propôs uma Psicologia que rompia com as tradições escolares do passado, introduzindo uma abordagem com forte ênfase no behaviorismo. Suas teorias da aprendizagem, baseadas em parte nas ideias de Clark L. Hull (1884-1952) e B. F. Skinner (1904-1990), encontraram ressonância na comunidade científica.

Em Rio Claro, Bori e seus assistentes começaram a incorporar o que aprenderam na USP ao programa de aulas local. Ela expressou seu desejo de disseminar as ideias de Keller em uma carta escrita em março de 1962, ao mencionar que estava no início desse processo. Eles começaram a experimentar métodos práticos de

ensino, como o uso de uma pequena barra de arame e o reforço manual, inspirados pelo curso de Keller.

Nesse cenário, também vale mencionar a contribuição de Rodolpho Azzi, que era filósofo e publicou reflexões sobre máquinas de ensino/aprendizado e a influência da programação de conteúdo na probabilidade de erro. Foi nesse contexto que Azzi, Bori, Keller e Gilmour Sherman (um ex-aluno de Keller na Universidade de Columbia, que o substituiu na USP em 1962) estabeleceram relações acadêmicas e institucionais, permitindo a construção de equipamentos de análise experimental do comportamento no Brasil, pesquisas na área e publicação de textos originais e traduções, um marco importante no desenvolvimento da psicologia no país.

Aos poucos, Bori foi parando de fundamentar seus trabalhos na abordagem gestaltista e assumindo a vertente behaviorista da psicologia. Essa mudança de fundamentação teórica gerou implicações na sua maneira de preparar as aulas, principalmente no laboratório.

Os cursos do Departamento de Psicologia oferecidos pela FFCL de Rio Claro visavam “oferecer elementos para o aluno compreender a aplicação da Psicologia à Educação” (Bori, 1964a, p. 61). Em sua compreensão de psicologia, isso significava apresentação, discussão e realização de estudos sobre comportamento. Tudo isso gerava a necessidade de construção de laboratórios e equipamentos adequados para a pesquisa experimental, que foi sendo resolvida com adaptações de gaiolas de pássaros para funcionarem como caixas de Skinner.

Os equipamentos de laboratório eram: a) um taquistoscópio, que permitia a apresentação de um estímulo por tempo variável para um indivíduo ou grupo; b) um multicron, para registrar tanto a apresentação de um estímulo quanto a latência de resposta a esse estímulo; c) uma unidade de condicionamento operante de animais, com uma gaiola e um painel para apresentar o estímulo e o reforço, um dispositivo para controle mecânico do reforço; e d) um quimógrafo que registrava respostas apresentadas pelo animal em curvas cumulativas e a sequência de respostas (Bori, 1964a). Porém, o que mais marcou alunos e assistentes foram as caixas de

condicionamento operante¹⁷ (Cândido, 2017). Elas eram construídas sob encomenda por uma empresa brasileira e, com isso, supriu-se a necessidade de importação e se incentivou o desenvolvimento local de condições para a expansão da análise experimental do comportamento no Brasil. Havia também um painel importado adquirido com uma bolsa de estudos para pesquisa sobre a influência do estímulo aversivo na aprendizagem: “uma análise do comportamento de esquiva” (Bori; Azzi, 1964a, p. 114).

O trabalho do laboratório de Rio Claro foi notado por Keller que, em sua autobiografia publicada em 2008, apresentou algumas ações para construir o laboratório de análise experimental do comportamento em Rio Claro, a partir de 1961:

Antes de eu sair de São Paulo, dois novos registradores tinham sido inventados e um terceiro estava a caminho. Um deles foi desenvolvido por Isaias Pessotti, um aluno ocasional da minha turma e assistente da Dona Carolina na Universidade de Rio Claro, onde ela ensinava dois dias por semana (Keller, 2008, p. 256, tradução nossa).

Os esforços para a produção científica na Cadeira de Psicologia Educacional da FFCL de Rio Claro aumentaram com a criação da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), em 1960. O então diretor científico da Fapesp, o geneticista Warwick Kerr, era também o catedrático da Biologia Geral da FFCL de Rio Claro e um dos grandes incentivadores do envio de pedido de auxílio. Por causa desse incentivo, alguns projetos de pesquisa de Bori e seus assistentes em Rio Claro receberam financiamento. Foi, ainda, a partir do interesse de Kerr em propor uma árvore filogenética das abelhas existentes no Brasil (seu principal projeto de pesquisa na época) que Isaias Pessotti, assistente de Bori em Rio Claro, começou a estudar o comportamento de abelhas. No entanto, tanto as características morfológicas quanto o sistema de comunica-

17 Caixa de condicionamento operante ou caixa de Skinner é um equipamento muito utilizado em laboratórios de Psicologia Experimental por permitir a observação do comportamento de ratos em condições controladas e a manipulação de variáveis que alteram o comportamento.

ção das diferentes espécies apresentavam sérias dificuldades de hierarquização. O estudo da aprendizagem de abelhas, conforme proposto por Pessotti, seria uma contribuição ao projeto de Kerr ao propor uma avaliação de como as diferentes espécies de abelhas resolviam alguns problemas e a velocidade com que o faziam (Pessotti, 1971). Em Rio Claro, estudaram-se discriminação em diferentes espécies de abelhas (Pessotti, 1963; 1964; 1965a), diferentes razões fixas na *Mellipona seminigra merrillae* (Pessotti, 1965b, 1965c) e encadeamento de respostas (Pessotti, 1965c).

No entanto, a simples relação de trabalho com Kerr não foi o único determinante no recebimento de financiamento das pesquisas que Bori e seu grupo estavam realizando. Diversos outros fatores estavam em questão, inclusive a importância dada à pesquisa. Um de seus projetos para o qual ela pediu financiamento visava estudar a socialização da criança. Tratava-se de uma pesquisa sobre questões sociais que ela estava fazendo vinculada ao CBPE, mas que também serviria para desenvolver sua tese de livre-docência. Apesar de o financiamento ter sido aprovado, houve um corte de parte da verba pedida, “alegando que pesquisador não precisa ser pago”, conforme Bori contou a Keller em carta de 8 de julho de 1962.

Foi também a partir do curso de Keller que Bori estabeleceu um contato profissional com Rodolpho Azzi. Essa parceria, que produziria importantes impactos da psicologia no Brasil e no exterior, começou com a tradução de dois livros. Um deles era o *Princípios de Comportamento*, de Keller e Schoenfeld (1950), que era usado para apresentar alguns dos principais conceitos da “teoria do reforço” para os alunos brasileiros. O outro que traduziram foi o livro programado de Holland e Skinner (1960), *A Análise do Comportamento*. A versão em língua portuguesa foi usada pela primeira vez também pela equipe de Bori, em Rio Claro. Em seguida, foi enviada a Rodolpho Azzi, na USP, onde também foi aplicada. Assim, foram sendo feitas correções na tradução e adaptações necessárias. A Cadeira de Psicologia Educacional de Rio Claro foi se tornando o segundo centro de formação e pesquisa em análise experimental do comportamento, quase concomitante ao da USP.

Entretanto, o que vinha sendo desenvolvido na Cadeira de Psi-

ciologia Geral e Educacional da FFCL de Rio Claro precisou ser interrompido quando Bori recebeu o convite de Darcy Ribeiro, então reitor da recém-criada Universidade de Brasília (UnB), para criar e coordenar o Departamento de Psicologia que ia ser instituído. Muito da experiência de Rio Claro seria aproveitada, assim como a equipe que fora formada. De Rio Claro, ela convidou Isaias Pessotti, Geraldina Witter (que por motivos pessoais recusou o convite) e os alunos Herma Bauermeister e Luiz de Oliveira.

O curso de Psicologia da UnB teve início em 1964, mas já era assunto entre Bori e Keller desde 1962, quando ela foi convidada a assumir a função de criar e coordenar o Departamento de Psicologia. Todo o planejamento foi feito entre Bori, Azzi, Sherman e, a distância, Keller. O quadro 2 apresenta trecho de carta escrita por Bori a Keller sobre o convite que Darcy Ribeiro havia feito para a criação do curso de Psicologia da UnB, e o pedido para que Keller pudesse auxiliar:

O reitor da Universidade de Brasília, Darcy Ribeiro, nos pediu para pensar na organização do Departamento de Psicologia que deverá funcionar no Instituto de Ciências Humanas em 1964. Essa tarefa tão grande só pode ser aceita se o senhor nos ajudar no planejamento. Foi contando antecipadamente com sua orientação que propuz ao Darcy que seria interessante estabelecer uma espécie de convênio com o Instituto de Maryland. O senhor acha que será possível?

Carolina M. Bori, 26 de junho de 1962

Quadro 2: Trecho de carta escrita por Carolina Bori a Fred S. Keller. Fonte: Milne Special Collections (University of New Hampshire).

Keller se tornou um importante interlocutor com quem Bori discutia orientações para o desenvolvimento da psicologia no Brasil e, mais especificamente, na UnB. Ele fazia contatos para que conhecessem laboratórios e cursos de Psicologia nos Estados Unidos. Grandes e importantes universidades estadunidenses poderiam ser visitadas, e os principais nomes da Análise Experimental do

Comportamento e Psicologia Experimental já estavam sabendo da possibilidade de construção de um grande centro de Psicologia no Brasil e se mostraram empolgados com a possibilidade de ajudar.

A Cadeira de Psicologia Educacional da FFCL de Rio Claro, sob chefia de Bori, se manteve ativamente funcionando com ensino e pesquisa. A chegada de Fred Keller marcou o desenvolvimento das atividades da cadeira pela apresentação de uma nova fundamentação teórica. Então, em 1963, Bori deixa Rio Claro para dar início a uma nova e promissora experiência de criação e coordenação do Departamento de Psicologia da UnB.

CAPÍTULO 4

Universidade de Brasília

Em 1962, Darcy Ribeiro (com quem Bori trabalhava desde a década anterior no CBPE) convidou-a para criar e coordenar o Departamento de Psicologia na recém-criada Universidade de Brasília (UnB) (Bori, 1974; Bori; Azzi, 1964b; Bori; Pessotti; Azzi, 1965; Keller; Bori; Azzi, 1964; Zannon; Bori, 1996). Esse convite incluía liberdade de contratação de professores do Brasil ou de outros países para trabalhar em um departamento totalmente novo. Dentre as responsabilidades da gestão do novo departamento, a coordenação deveria elaborar um projeto com definição do currículo do curso, contratação de docentes e estrutura do departamento (Bori; Azzi, 1964b). A universidade que o abrigaria estava sendo criada na capital do Brasil, construída no centro do país pelo então presidente Juscelino Kubitschek e inaugurada em 1960, com o objetivo de promover a “integração nacional” (Senado Federal, 2000).

Em 1962 foi aprovada a Lei 4.119, que regulamenta a formação em Psicologia e o exercício da profissão no Brasil. Os primeiros cursos de graduação começavam a se estruturar e o trabalho de Bori começava a ganhar algum destaque. Foi então que a notícia de sua saída para a UnB foi recebida pelos alunos da USP como motivo de preocupação. Em nota para o *Jornal Brasileiro de Psicologia*, os alunos comentam o “boato” de que Carolina Bori estaria se afastando da instituição:

Quando o nosso Curso está se estruturando, quando a experiência de poucos anos de existência começa a delinear especialistas em diversas disciplinas, essa perspectiva realmente nos assusta. Este desabafo vem principalmente em vista de um boato que corre sobre o afastamento da professora Carolina Martuscelli para Brasília. O Curso de Psicologia da Personalidade ficará assim prejudicado, pois, além dos méritos específicos da ilustre professora, conta ela com um tirocínio e experiência no exercício dessa função. Não é lamentável que possam acontecer coisas assim? Trata-se de um apelo e um lamento que achamos útil comunicar à ilustre redação desta revista (Andrade, 1964, p. 116-117).

Nota-se que esse era um período fecundo para a psicologia no Brasil. Além da aprovação da Lei 4.119, a Fapesp possibilitava o desenvolvimento de pesquisas, surgiam novos cursos de graduação, aumentava o número de candidatos a psicólogos, e novas revistas especializadas na área começavam a ser criadas.

Nesse cenário, a principal preocupação de Bori foi oferecer um curso fundamentado na visão de psicologia como uma ciência experimental. Essa seria a orientação do departamento. Ela propôs

um intercâmbio prolongado e bem planejado com investigadores estrangeiros [...], facilidade para a construção e manutenção de equipamentos de laboratório e, finalmente, um plano de ensino básico capaz de, respeitando as exigências do currículo mínimo, despertar o gosto e preparar o aluno para as tarefas práticas que a investigação autônoma no laboratório exige (Bori; Azzi, 1964, p. 107).

Portanto, antes do efetivo início do curso de Psicologia da UnB, Bori, Azzi e Sherman — dois professores contratados para o Departamento de Psicologia da UnB — fizeram uma viagem de um mês aos Estados Unidos para conhecer alguns departamentos e laboratórios voltados à Psicologia. Keller — também contratado para auxiliar nesse processo — trabalhou como um importante mediador entre o grupo de Brasília e os centros de Psicologia dos Estados Unidos. Entre pesquisadores com quem conversaram estavam os neurocientistas comportamentais Joseph V. Brady (1922-2011) e

Donald Blough (1929-2022), os psicofarmacologistas John J. Boren (1927-2024) e Peter Dews (1922-2012), e os analistas experimentais do comportamento Charles B. Ferster (1922-1981), J. D. Findley, Richard J. Herrnstein (1930-1994), Murray Sidman (1923-2019) e Burrhus F. Skinner (1904-1990). Essa viagem rendeu muitos encontros entre Bori, Azzi, Sherman e Keller, “precedidos por muitos dry martinis e seguidos pelos inesquecíveis jantares preparados por Dona Frances” (Bori, 1996, p. 189), esposa de Keller. Foi nesses encontros, discutindo o Departamento de Psicologia da UnB, que surgiu uma nova proposta de ensino que estaria na base de todos os cursos do departamento, que se tornaria conhecida por *Personalized System of Instruction* (PSI) (Keller, 1966, 1974).

Esse método, como elaboraram, era baseado na teoria do reforço. Como características definidoras do PSI destacavam-se as pequenas unidades de leitura da matéria e exercícios curtos de laboratório, comunicação através de palavras escritas e impressas, leituras e demonstrações como veículos motivacionais, ausência relativa de requisito de tempo ou prazo, tutores durante as horas de laboratório, sequência planejada do conteúdo.

Bori se preocupava em adequar a psicologia aos métodos aceitos pelas ciências mais básicas. Como todas as ciências naturais, a psicologia também deveria se preocupar com método experimental, definição dos conceitos, generalização dos resultados e validação de uma teoria. No entanto, Bori e Azzi (1964) discutem o papel do laboratório no Departamento de Psicologia da UnB:

Não temos nenhuma ilusão a respeito da palavra laboratório. Nem nenhum fetichismo em relação a aparelhos. Muito do que chamamos Psicologia foi feito sem eles. Entretanto, os requisitos de controle experimental das variáveis aumentam cada dia mais e todos nós que acompanhamos a literatura especializada — vemos com certo desconforto a eletrificação crescente dos aparelhos, procedimentos e registros. Além disso, a tendência de aumentar cada vez mais a duração dos experimentos acentua-se a ponto de se tornar impraticável planejá-los sem o devido cabedal tecnológico. Em suma, os aparelhos se complicam e se especializam. E, sobretudo, encarecem. De outro lado, não se pode for-

mar investigadores sem que tenham oportunidade de se exercitar com experimentos e ganhar familiaridade com um mínimo de equipamento padrão. Uma orientação experimental sem experimentos dificilmente deixa de ser uma profissão de fé para se concretizar em normas de trabalho (Bori; Azzi, 1964, p. 108-109).

Como os outros professores do departamento, Bori defendia que todo conhecimento produzido em laboratório sobre processos de aprendizagem também deveria ser utilizado em contexto acadêmico:

O objetivo do ensino consiste, em geral, em incrementar e diversificar o repertório de comportamento dos indivíduos. Como isto supõe aprendizagem, os bons métodos educacionais devem utilizar o que há de melhor na compreensão que se tem do processo de aprendizagem. Devem, pelo menos, tentar aplicar os princípios mais facilmente demonstráveis no laboratório, pois, se a solidez dos princípios não depende da praxe educacional, a melhor prática será a que mais adequadamente os empregue. (Keller; Bori; Azzi, 1964, p. 397).

Além de ser importante para a formação do profissional da psicologia, Bori afirmava que a experimentação era fundamental para se conhecerem os processos envolvidos na aprendizagem. Assim, como o laboratório de Psicologia vem testando e demonstrando princípios de aprendizagem, nada mais compreensível do que a utilização desses princípios na educação e na formação de profissionais. Com isso, resgatavam a ideia presente na Escola Normal Caetano de Campos, onde Bori havia estudado, que usava a psicologia experimental como fundamentação científica da educação. Também reconheciam que não se deve esperar apenas que a experiência dos professores seja suficiente para resolução dos problemas educacionais (Bori; Azzi, 1964b; Keller; Bori; Azzi, 1964).

Assim nasceu um currículo que ofereceria ao estudante uma formação baseada na experimentação e, em partes, na reformulação da psicologia apresentada por Keller (1962) durante o encontro da SBPC. Os cursos planejados para o Departamento de Brasília foram:

1964 – PRIMEIRO E SEGUNDO SEMESTRE:

- 1 – Introdução à análise experimental do comportamento. Curso de laboratório exigido como primeiro curso de todos os alunos do Departamento.
- 2 – Problemas avançados na análise experimental do comportamento. Seminário com laboratório destinado a alunos ao nível de mestre.

1965 – PRIMEIRO E SEGUNDO SEMESTRE:

- 1 – Introdução à análise experimental do Comportamento (como em 1964).
- 2 – Discriminação (como em 1965). Curso de laboratório. Incluía um exame da psicofísica e sensopercepção em termos de capacidade e dos processos de discriminação mais complexos. Pré-requisito para cursos de experimentação em áreas mais específicas e de especial interesse para os alunos que se destinam à psicologia aplicada à indústria, artes e comunicações visuais.
- 3 – Estatística. Curso introdutório com especial ênfase no tratamento de problemas do curso experimental, a ser dado pelo Departamento.

1966 – PRIMEIRO E SEGUNDO SEMESTRE:

- 1 – Introdução à análise experimental do comportamento (como nos anos anteriores).
- 2 – Discriminação (como em 1965).
- 3 – Estatística (como em 1965).
- 4 – Psicologia fisiológica. Curso de laboratório. Exame e discussão sobre a estrutura e função do sistema nervoso superior relacionadas com as capacidades dos órgãos dos sentidos e outros comportamentos. Pré-requisito para os cursos de experimentação em áreas mais específicas e de especial interesse para alunos de Biologia e Medicina.

- 5 – Experimentação nas áreas de aprendizagem e motivação. De interesse para alunos de Educação e Ciências Humanas.
- 6 – Análise do comportamento humano. O curso abrange as áreas de desenvolvimento, social, anormal, educacional e problemas de aplicação, e inclui uma discussão dos testes e medidas. De interesse para alunos de Educação, Ciências Humanas e Médicas.

1967 – PRIMEIRO E SEGUNDO SEMESTRE:

- 1 – Introdução à análise experimental do comportamento (como nos anos anteriores).
- 2 – Discriminação (como em 1965).
- 3 – Estatística (como em 1965).
- 4 – Experimentação nas áreas de aprendizagem e motivação (como em 1966).
- 5 – Análise do comportamento humano (como em 1966).
- 6 – Análise avançada do comportamento humano. Inclui um exame e discussão do comportamento verbal, formação de conceito, pensamento e personalidade. De interesse para alunos de Educação, Letras, Ciências Humanas e Médicas.
- 7 – Pesquisas nas áreas de psicologia social, anormal e educacional. Curso de preparação profissional para psicólogos.

1968 – PRIMEIRO E SEGUNDO SEMESTRE:

- 1 – Introdução à análise experimental do comportamento (como nos anos anteriores).
- 2 – Discriminação (como em 1965).
- 3 – Estatística (como em 1965).
- 4 – Psicologia fisiológica (como em 1966).
- 5 – Experimentação nas áreas de aprendizagem e motivação (como em 1966).
- 6 – Análise do comportamento humano (como em 1966).
- 7 – Análise avançada do comportamento humano (como em 1967).

- 8 – Pesquisa original em área especial. Curso avançado para alunos de Psicologia e para aqueles que desenvolvem trabalhos ao nível de mestre.
- 9 – Problemas de planejamento de experimento. Seminário para alunos avançados e que desenvolvem trabalho ao nível de mestre.

Além desses cursos planejados, todos os alunos que pretendiam o título de psicólogo na UnB deveriam fazer os cursos de Matemática (1 ano), Psicologia (1 ano), Física ou Química ou Biologia (1 ano). Dois dentre estes três cursos: Sociologia ou Antropologia (1 semestre), Filosofia ou Literatura (1 semestre). O primeiro curso foi Introdução à Análise Experimental do Comportamento I (ou, IAEC-1), com 9 aulas, 16 demonstrações, 10 experimentos e 9 seminários (Keller; Bori; Azzi, 1964). O trecho do programa do curso abaixo apresentado contém mais detalhes sobre a organização das aulas, conteúdos e atividades (Departamento de Psicologia da UnB, 1963):

Leituras, aulas, seminários e demonstrações serão programados em tarefas que possam ser realizadas sem dificuldades e cada uma de uma só vez. Cada uma destas tarefas será chamada um passo. As aulas serão pouco frequentes e distribuídas ao longo do curso, mas serão só para os estudantes que já tenham chegado ao ponto de poder apreciar o seu conteúdo. Para os estudantes que só o alcançarem em data posterior, haverá uma gravação da aula. Também as demonstrações sempre que possível, serão repetidas. Entretanto, a frequência a estas aulas e demonstrações será inteiramente optativa e nenhum exame versará sobre elas.

Os alunos poderão participar dos seminários sempre que o desejarem e estiverem em dia com o trabalho. Desnecessário dizer que as discussões nos seminários nunca serão usadas como artifício de exame. O seminário destina-se ao estudante que mereceu o direito de comentar e fazer perguntas a respeito do trabalho que está conduzindo no laboratório ou na biblioteca.

[...]

O curso está dividido em duas grandes partes, a primeira tratando principalmente de experimentos com animais, e a segunda aplicação de alguns princípios básicos aos seres humanos.

A primeira parte (I.A.E.C.-1) constará de 46 passos e poderá ser completado em até 11 semanas apenas. A segunda (I.A.E.C.-2) constará de 72 passos.

Em artigo publicado em 1964, Keller, Bori e Azzi anunciam o início desse Departamento:

A começar no dia 16 de agosto, o departamento de psicologia da UNB oferecerá um curso básico onde serão examinados os conceitos, princípios e técnicas fundamentais, destinado a estudantes de psicologia e a outros para os quais é matéria subsidiária. Este curso corresponde do ponto de vista do conteúdo a mais ou menos um ano letivo, tal como por exemplo, o “1-2” da Universidade de Columbia ou ao “2” de psicologia experimental da Universidade de São Paulo (p. 398).

Ao fim do primeiro semestre, uma avaliação da aprendizagem dos alunos do Departamento de Psicologia da UnB foi feita e publicada por Bori, Pessotti e Azzi:

O programa do curso incluiu 9 capítulos do livro de K&S¹⁸ e 29 séries do texto programado de Holland-Skinner¹⁹, ambos traduzidos para o português. Os experimentos de laboratório foram realizados com o equipamento descrito por M. A. A. Guidi²⁰. Nas questões que tratavam de problemas examinados experimentalmente durante o curso, houve cerca de 75% de acerto; nas questões “teóricas” especificamente tratadas, houve 50% de acerto; em questões

18 KELLER, Fred S.; SCHOENFELD, William N. **Principles of psychology**: A systematic text in the science of behavior. Nova Iorque: Appleton-Century-Crofts, Inc, 2014.

19 HOLLAND, James G.; SKINNER, Burrhus Frederic. **The analysis of behavior**: A program for self-instruction. Nova Iorque: McGraw-Hill, 1961.

20 Artigo de Mario Guidi que estava no prelo na época da publicação do artigo aqui transcrito. Publicado em **Jornal Brasileiro de Psicologia**, v. 1, n. 2, p. 101-104, 1964.

teóricas em que havia necessidade de extrapolar o estudado (isto é, não tratadas no curso) o acerto variou de 10% a 30% (1965, p. 219).

Os livros *Princípios de Psicologia* (Keller; Schoenfeld, 1950) e *Análise do Comportamento* (Holland; Skinner, 1961), traduzidos por Bori e Rodolpho Azzi, foram usados como texto básico para as aulas. Cada tarefa era acompanhada por uma instrução detalhada, visando o trabalho independente tanto no laboratório quanto no tratamento e análise de dados. Havia um aluno de pós-graduação especialmente preparado para trabalhar como monitor de laboratório, auxiliando, portanto, na coleta e discussão dos dados. O grupo de professores do Departamento era formado por Bori, Azzi, Pessotti, Robert Berryman, James Russell Nazzaro e Jean Nelson Nazzaro. Havia também os pós-graduandos e monitores João Claudio Todorov, Rachel Kerbauy, Mario Guidi²¹, Herma Bauermeister e Luiz Marcelino de Oliveira. Esse grupo trabalhou intensamente na preparação de materiais que seriam usados nas aulas como equipamentos de laboratório, tradução de livros e artigos, entre outros.

Uma das características do curso de Brasília foi ter iniciado, ao mesmo tempo, graduação e pós-graduação em Psicologia (Quadro 3):

No grupo de alunos de pós-graduação temos muito bons elementos que espero continuem conosco apesar das dificuldades iniciais. Já recebemos cerca de 10 pedidos de novas inscrições para pós-graduação — 1965. No curso de introdução se inscreveram mais de 50 alunos, 20 por cento desses vão fazer o curso de psicologia. No próximo ano a procura de matrícula para esse curso vai ser muito maior. Temos assim certeza que não nos faltarão alunos e muito bons. Isto nos entusiasma para continuar com os planos de desenvolvimento do Dep. (Bori, 17 de out. 1964).

Quadro 3: Trecho de carta de Carolina Bori a Fred Keller sobre o curso de Psicologia da UnB e as expectativas em relação aos alunos. Fonte: Milne Special Collections (University of New Hampshire).

21 Mário Arturo Alberto Guidi foi aluno de Carolina Bori e responsável pela construção de alguns equipamentos de laboratório. Em colaboração com Herma Bauermeister, publicou o livro *Exercícios de Laboratório em Psicologia* em 1968 e, anos depois, dedicou-se a áreas como cinema e fotografia.

Alguns professores iriam se somar ao grupo em 1965, dentre eles Romeu e Thereza que, no momento em que a carta foi escrita, tinham sido convidados oficialmente. Isaias Pessotti, que estava na Europa, já havia sido contratado e chegaria a Brasília até o final de outubro. Geraldina Witter (1935-2014) e Maria Amélia Azevedo eram esperadas no fim do ano.

Todo o Departamento de Psicologia também havia crescido muito em número de pessoal administrativo (Quadro 4):

...temos três secretárias - datilógrafas eficientes e sérias; o Coelho que toma bem conta do Biotério (ratos, pombos, coelhos e saguis); o Zezeu e mais dois homens para a limpeza; o Daniel que funciona bem como “Dona Maria” (sei que o Gil vai protestar aqui...) e mais o Araken, em princípio, encarregado do gravador, mimeógrafo (duplicador à álcool) e outras pequenas tarefas até montarmos a parte de fotografia. Estamos contentes com todos.

Quadro 4: Trecho de carta escrita por Carolina Bori a Fred Keller em 17 de outubro de 1964 sobre a estrutura física para o curso de Psicologia da UnB. Fonte: Milne Special Collections (University of New Hampshire).

Em janeiro de 1965, Bori era a única presente no Departamento em Brasília, já que todos os outros haviam voltado a suas cidades para encontrar familiares para as festas de fim de ano. Nesse período, ela escreve uma carta a Keller, contando como havia sido o primeiro semestre do Departamento de Psicologia da UnB e falando sobre alguns planos para o próximo semestre. Disse que Mario Guidi e Luiz Otávio de Seixas Queiroz haviam terminado a graduação. Com isso deixariam o cargo técnico e passariam para assistente e instrutor, respectivamente. Isaias Pessotti, que acabava de chegar da Itália, cuidaria da primeira parte do curso de introdução. Geraldina Witter ainda não havia decidido sobre sua ida, e Maria Amélia Azevedo iria apenas no segundo semestre.

Para o começo do primeiro semestre de 1965, apesar da “absoluta falta de dinheiro”, como Bori descreveu em 3 de março de 1965, algumas ampliações no laboratório foram feitas. Consegui-

ram finalizar duas salas contíguas, com revestimento acústico e ar condicionado. Rodolpho Azzi já estava realizando experimentos em uma dessas salas.

Em agosto de 1965, Bori escreve contando que está com problemas “os mais diversos”. Não entra em detalhes sobre quais são os problemas, apenas diz que João Claudio Todorov deverá dizer a ele em breve e que ela mesma escreverá com mais detalhes. De todo modo, nesta carta (Quadro 5) há um pedido para que Keller volte ao Brasil para ajudá-la:

Professor Keller, acredito ter chegado o momento de convidá-lo a voltar. Não será possível obter uma licença de seu contrato para passar um tempo conosco? Esperamos ansiosamente uma resposta positiva e saber das condições que julga necessárias para ser novamente um professor titular deste Departamento. Nessas condições pode incluir também a volta do Gil se ele concordar.

Quadro 5: Trecho de carta de escrita por Carolina Bori a Keller em 20 de agosto de 1965 convidando-o a auxiliar presencialmente no curso de Psicologia da UnB. Fonte: Milne Special Collections (University of New Hampshire).

Possivelmente, o motivo do pedido de Bori foi a saída dos Nazaro, que haviam deixado as áreas de Psicologia Sensorial e Psicofisiologia sem outro professor interessado em continuar os trabalhos iniciados. Nessa mesma carta há um pedido à Dona Frances, esposa de Keller, que a ajudasse no convite feito a ele para que voltasse ao Brasil. Ao mesmo tempo, deve-se considerar que talvez esse não fosse o único motivo do convite. A carta endereçada à Dona Frances dá um tom sério ao convite: “Estou pronta a responder qualquer dúvida que tiver sobre esta nova viagem. Ela representa para nós a possibilidade de continuar a fazer o que iniciamos com todo o entusiasmo” (Bori, 20 ago. 1965).

Em diversas cartas, Bori recorre a Keller como um tutor e amigo com quem discute vários aspectos ligados à organização do curso de Psicologia e, ao mesmo tempo, explica como está o desenvolvimento do departamento e as relações profissionais que estava estabelecendo.

No segundo semestre de 1965, o professor Robert Berryman propôs a criação do Centro para Pesquisa em Psicologia “cuja ideia andava divulgando fora do departamento” (Bori, 1 out. 1965). De acordo com a proposta assinada por ele em 20 de setembro de 1965, esse centro seria um órgão complementar, mantido por financiamento de pesquisa e contratos e dirigido pelo chefe do Departamento de Psicologia. Os membros do departamento poderiam aproveitar de toda a estrutura do centro e, em contrapartida, os integrantes do centro também poderiam utilizar-se das instalações do departamento.

A opinião de Bori como coordenadora foi a de que a criação de um centro como esse era “inoportuna e irresponsável”, já que se distanciava dos interesses do departamento e estaria, de alguma maneira, interferindo no projeto que havia sido elaborado. Ela escreveu uma longa carta de “desabafo” a Keller, contando como as relações estavam sendo prejudicadas por causa dessa proposta feita por Berryman e por outras críticas que ele estava fazendo. Keller, em resposta à carta e à proposta apresentada por Berryman, dá seu ponto de vista sobre o assunto (Quadro 6):

Três fatores me angustiaram. O primeiro foi a declaração do meu entusiástico apoio; o segundo foi a aparente negligência das necessidades do próprio Departamento; e o terceiro foi a falta de referências para a maneira pela qual tal projeto seria posto em prática. Nunca tinha visto esse prospecto ou ouvido falar dele antes.”

[...]

Como creio que você saiba, meu interesse no Departamento de Psicologia em Brasília, além da minha afeição pessoal para com os membros, tem vários aspectos. (1) Quero que o Departamento seja, fundamentalmente, igual a qualquer outro departamento no mundo. (2) Quero que seja um departamento brasileiro orientado principalmente para as necessidades brasileiras, atendendo aos estudantes brasileiros, e composto principalmente por professores brasileiros. (3) Gostaria de ver um departamento cujos membros sejam bem-vindos em terras estrangeiras (especialmente nos Estados Unidos) e no qual estrangeiros visitantes (incluindo meus próprios compatriotas!) sejam bem-vindos. Gosta-

ria de ver um departamento de onde surjam novas ideias, bem como um para o qual novas ideias possam vir de fora. (4) Eu gostaria de continuar minha participação nesse desenvolvimento enquanto puder ser útil. (5) E nada mais (tradução nossa).

Quadro 6: Trecho de carta escrita por Keller a Bori em 10 de setembro de 1965 sobre a proposta de criação do Centro de Pesquisa em Psicologia. Fonte: Milne Special Collections (University of New Hampshire).

Esse foi um período de intensa atividade em que Keller, a distância, dava impressões, fazia contatos com professores norte-americanos, indicava alguns deles para trabalhar em Brasília, enviava materiais como livros, revistas científicas, materiais de aula e artigos de sua autoria que estavam no prelo (Figura 3).



Figura 3: Fred Keller e Carolina Bori na UnB, 1964. Fonte: Acervo Raquel Nunes.

Com a tomada do governo pelos militares em 1964 e sua invasão na UnB em 1965, alguns professores foram cassados, acusados de apoiar o partido comunista. Com isso, 90% dos professores da UnB, inclusive os do Departamento de Psicologia, se demitiram em oposição à intervenção que havia ocorrido por parte dos militares.

Isso significou a saída de cerca de 200 professores da universidade e o fim do Departamento de Psicologia criado por Carolina Bori. Esse período foi chamado por alguns pesquisadores da história da psicologia e da análise do comportamento de “diáspora” da UnB. Foi caracterizado pelo retorno dos professores a suas instituições de origem, levando aquilo que haviam desenvolvido e contribuído para o desenvolvimento da análise do comportamento no Brasil (Guedes *et al.*, 2008, Todorov; Hanna, 2010).

Todorov descreveu o que significou essa diáspora e como ela possibilitou o rápido desenvolvimento da análise do comportamento no Brasil:

Carolina Bori e Rodolpho Azzi voltaram para a Universidade de São Paulo, onde Carolina desenvolveu um forte programa de pós-graduação, ajudada por Maria Amélia Matos, Dora Fix Ventura, Rachel Kerbauy e Maria Teresa Araújo e Silva, entre outros analistas do comportamento. Isaias Pessotti voltou para a Itália, onde ele é bem conhecido por ter introduzido os italianos à Keller e Skinner; ele traduziu o *Princípios de Psicologia* de Keller & Schoenfeld para o italiano. Dos estudantes, Luiz Otávio de Seixas Queiróz começou a trabalhar na Universidade Católica de Campinas, iniciou uma prática privada e ensino na análise do comportamento clínica e foi muito responsável pela organização de um grupo de terapeutas comportamentais que iniciou a Associação Brasileira de Psicoterapia e Medicina Comportamental (ABPMC), hoje um braço da Associação Internacional de Análise do Comportamento (ABA). Luiz Marcelino de Oliveira terminou sua graduação no curso de psicologia em Brasília e foi trabalhar na faculdade estadual em Ribeirão Preto, hoje, uma parte da Universidade de São Paulo (Todorov, 2006, p.32).

CAPÍTULO 5

Diáspora da Universidade de Brasília

A segunda metade da década de 1960 foi marcada por várias mudanças que impactaram duramente o planejamento que havia sido feito por Bori e sua equipe. A tomada do poder pelos militares deixava um clima de incertezas. No cenário acadêmico, iniciava-se um período de reformulação na educação brasileira que levaria ao fim do sistema de cátedras. Na USP, houve um momento de rebeldia dos estudantes insatisfeitos com o sistema de cátedras que pleiteavam uma representação maior nas decisões do curso. Annita Cabral tinha a intenção de dividir a Cadeira de Psicologia em duas: uma Social e outra Experimental. Para isso, foi criada a pós-graduação em Psicologia Social e Experimental, em 1967.

No ano de 1965, quando Bori saiu do Departamento de Psicologia da UnB, a Psicologia na USP ainda estava dividida nas Cadeiras de Psicologia e Psicologia Educacional. Os problemas entre os professores das duas cadeiras eram grandes, e um grupo de professores não estava querendo renovar o contrato de Annita Cabral, a catedrática interina, até que ela fizesse o concurso de livre-docência. Ao mesmo tempo, a catedrática era procurada por pessoas de várias regiões do país que queriam abrir curso de Psicologia e buscavam nela sugestões de bibliografia, contratação de professores, informações sobre infraestrutura do curso, entre outras. Os professores da Cadeira de Psicologia, nesse momento, se organizaram e fizeram um abaixo-assinado em apoio à catedrática, e ela permaneceu até o fim do sistema de cátedras, em 1969.

Foi nesse momento que Annita Cabral abriu o curso de pós-graduação em Psicologia Social e Experimental e precisou contra-

tar professores. Assim, por causa de experiências anteriores com Bori e o apoio que esta deu para a permanência de Annita Cabral como catedrática, Bori foi recontratada na USP.

Em contrato assinado no dia 30 de maio de 1966, suas atribuições incluíam atividades de natureza científica e didática (Universidade de São Paulo, 1966):

- a) Colaborar no ensino de Psicologia Experimental (graduação e pós-graduação), dentro do programa da atividade anualmente estabelecido pela Cadeira de Psicologia; 1o Realizará um curso semestral (teoria e laboratório) sobre Aprendizagem, ao 2º ano do Curso de Psicologia, desenvolvido em seis horas semanais.
- b) Colaborar no ensino de Psicologia Social, dentro do programa de atividades anualmente estabelecido pela Cadeira de Psicologia: 1º Desenvolverá uma parte do programa anual estabelecido para o 3º ano do Curso de Psicologia, a saber: a) Estudos Brasileiros de Psicologia Social (uma hora semanal durante um semestre); b) Seminário destinado ao exame de artigos de importância para a Psicologia Social – publicado na *Scientific American* (uma hora semanal durante um semestre).
- c) Orientar candidatos a Pós-Graduação e Doutorado.
- d) Pesquisas: Deverá prosseguir a pesquisa sobre Socialização da Criança.
- e) Colaborar nos trabalhos gerais da Cadeira de Psicologia.

Assim, como previsto em contrato, ministrou o curso Aprendizagem: Psicologia Experimental e um seminário no Curso de Psicologia Social. Para o seminário, foi organizada uma discussão de pesquisas experimentais na área de psicologia social, publicadas na revista *Scientific American*. Já no curso sobre Aprendizagem, Bori manteve as atividades que estava desenvolvendo em Brasília. Foi planejado um curso programado individualizado, composto de 30 unidades de leitura, cinco aulas e dois seminários, com exercícios de laboratório e um instrutor.

Bori deu continuidade ao projeto Socialização da Criança durante o ano de 1966, com um levantamento bibliográfico sobre problemas metodológicos envolvidos nos estudos sobre o tema, e iniciou a análise das entrevistas realizadas com 300 famílias estudadas.

A pesquisa intitulada *A Socialização da Criança: as Relações Familiares e as Técnicas e Atitudes na Criação de Filhos* pode ser considerada uma das que integrou um conjunto de estudos realizados por ela no tema família e criança. Outras pesquisas que integraram esse grupo são *Fatores Responsáveis pela 'Evasão' da Escola Primária: uma Pesquisa na Cidade de Rio Claro* (Bori, 1969), *O Julgamento de Ocupações: um Estudo Preliminar* (Martuscelli, 1957, Bori, 1960), e *A Influência da Urbanização e Industrialização sobre a Estrutura da Família* (Bori, 1959). Todos esses trabalhos são produtos das atividades desenvolvidas no Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais e, junto com outros realizados por esse mesmo centro, foram a base para a tese de livre-docência apresentada por Bori em 1969.

Sua atuação não se manteve restrita à Cadeira de Psicologia da USP. Ela também ministrou cursos na Cadeira de Psicologia Educacional da mesma instituição. O período que se seguiu à sua saída da UnB foi de intensa atividade. Como será discutido neste capítulo, fora da USP ela ministrou o curso *Introdução à Análise Experimental do Comportamento* a convite da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), e, na Universidade do Texas, ministrou cursos como professora convidada.

Na função de assistente da Cadeira de Psicologia Educacional, regida na época por Arrigo Angelini, ministrou a disciplina *Psicologia da Aprendizagem* oferecida para os alunos do segundo e terceiro anos do curso de Psicologia. Mais uma vez, planejou um curso programado individualizado, com 30 unidades de leitura, cinco leituras e dois seminários.

Outro curso ministrado por Bori após sua saída de Brasília aconteceu a convite de Enzo Azzi, então diretor do Instituto de Psicologia da PUC-SP. Seria um curso sobre *Psicologia Experimental* durante o primeiro semestre de 1966. Maria do Carmo Guedes era a responsável pela disciplina nessa instituição quando Bori e Herma Bauermeister (então instrutora no curso) deram início às atividades do curso *Análise Experimental do Comportamento*, conteúdo apresentado pela primeira vez nessa instituição e que constituiu parte do currículo dos alunos do segundo ano do curso de Psicologia. No segundo semestre, Herma foi contratada pela PUC-SP e deu continuidade ao curso.

Além dessas disciplinas ministradas por Bori tanto na Faculdade de Psicologia quanto na de Psicologia Educacional e na PUC-SP – todas ainda no primeiro semestre de 1966 – ela participou também de reuniões científicas, realizou palestras para diferentes grupos e com diferentes temas, e participou de comissões científicas e editoração de revistas.

Na 18ª Reunião Anual da SBPC, participou de atividades da sessão de psicologia. Mais uma vez, a influência do contato com o professor Keller desde 1961 e o conhecimento que havia sido construído para e no Departamento de Psicologia da UnB aparecem no tema apresentado por Bori nesse evento: *Análise Experimental da Leitura*.

A convite da Escola Superior de Administração de Negócios da PUC-SP, onde estava ensinando *Análise Experimental do Comportamento*, Bori participou de um seminário intitulado *A Teoria de Campo em Ciências Sociais – Síntese do Pensamento de Kurt Lewin*. As ideias discutidas eram do autor que ela vinha estudando desde os tempos do mestrado. Aliás, o título do seminário era o mesmo de um livro de Kurt Lewin do qual Carolina havia feito uma tradução publicada em 1965 pela editora Pioneira. Outra palestra realizada por ela foi a convite da Associação Médica de Brasília, com o tema *Teorias da Personalidade*. As demais palestras que proferiu no primeiro semestre de 1966 estão relacionadas ao tema *Formação em Psicologia: Formação Profissional em Psicologia*, para os alunos do curso de Psicologia da Faculdade de Filosofia Sedes Sapientiae de São Paulo; *A Formação do Pesquisador e do Profissional em Psicologia*, para os alunos do curso de Psicologia da PUC-SP; *Psicologia: Formação e Profissão*, para o Centro de Estudos de PUC Campinas; *A Estrutura dos Cursos de Psicologia e a Realidade Brasileira*, palestra na Associação Universitária de Estudos Psicológicos da FFCL da USP; e, ainda, *As Perspectivas da Psicologia Moderna*, para o Grêmio Universitário Filosofia, da FFCL da USP de Ribeirão Preto.

Todos esses temas, como já visto nos capítulos anteriores, estavam de algum modo presentes na vida de Bori. Especificamente o assunto formação em psicologia se destaca por ser importante desde o final de sua graduação, com as viagens que fez a países da América Latina para conhecer cursos e laboratórios de Psicologia,

e continua presente em sua atuação depois, quando Annita Cabral a envia para o curso de mestrado durante a tramitação da lei de regulamentação da Psicologia no Brasil ao longo da década de 1950. Em 1959, esse assunto ganha novas perspectivas quando ela assume a Cadeira de Psicologia da FFCL de Rio Claro e continua se desenvolvendo durante a criação e coordenação do Departamento de Psicologia da UnB, no início da década de 1960.

Em meio a todas essas atividades, ela também integrou comissões científicas de assessoramento de cursos, como a da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, colaborando para a criação de novos cursos e de condições para os já existentes. Junto a isso, se insere em contextos de formação de professores primários da Faculdade de Educação da USP. Outra comissão da qual fez parte promovia o concurso Cientistas do Amanhã, promovido pelo Instituto Brasileiro de Educação Ciência e Cultura (IBECC).

De junho de 1966 a janeiro de 1967, Bori desenvolveu uma série de atividades na Universidade do Texas. O convite teria sido feito pelo psicólogo Wayne Holtzman (1923-2019), então diretor da instituição. De junho a agosto, trabalhou como pesquisadora associada do Institute of Latin American Studies, orientando alunos que pesquisavam problemas da América Latina. De setembro de 1966 a janeiro do ano seguinte, ministrou cursos e seminários para alunos de pós-graduação em diferentes áreas das ciências humanas e sociais. Seu interesse em melhorar as condições sociais em seu país, que já começava a aparecer com mais força em diferentes frentes de trabalho, permitiu que ela proferisse uma palestra sobre o Brasil para os alunos do Departamento de Língua Portuguesa e um seminário aberto a interessados de várias áreas do conhecimento com o título *Estratificação Social na América Latina, com ênfase no Brasil*.

Talvez o maior motivo do convite a Bori para ir à Universidade do Texas tenha sido a recente experiência que ela havia tido com o ensino e o desenvolvimento do curso programado individualizado. Ela coordenou um seminário intitulado *Experiência de Ensino no Brasil: uma Aplicação da Teoria da Aprendizagem*, oferecido aos professores assistentes do Departamento de Psicologia Educacional. No plano do curso, documento a que se teve acesso, pode-se

ver que ele foi dividido em três partes: 1) Princípios fundamentais do comportamento humano (dentro dos princípios da instrução personalizada); 2) Experiências e resultados com o novo método de ensino; e 3) Planejando um curso programado individualizado. Foram estas as instruções que ela deu aos alunos:

Isto é a parte de um curso que pretende ensinar a você alguns princípios fundamentais do homem (e comportamento animal). Um conhecimento dos princípios que poderá ajudá-lo a falar sobre comportamento mais facilmente e significativamente do que como você tem feito. Poderá ajudá-lo a ver comportamento mais efetivamente. Não irá garantir-lhe qualquer uma dessas habilidades, mas será fundamental para o sistema de ensino que vamos discutir.

Você pode fazer este curso, do início ao fim, em sua própria velocidade. Não vai ser retido por outros estudantes ou obrigado a ir em frente antes de estar pronto. Pode concluir o curso em sete ou oito semanas, talvez, ou pode levar vários meses. Nós não nos importamos o quão rápido você vai; só queremos que faça bem o seu trabalho.

O curso é composto de 11 unidades, que devem ser estudadas em ordem numérica, de 1 a 11. Quando a Unidade 1 for superada, você vai passar para a Unidade 2; quando a 2 for superada, vai para a 3; e assim por diante, até o curso ser concluído. Você pode mostrar que está preparado para passar de uma unidade para a seguinte, fazendo “testes de prontidão” sobre o material já estudado. Esse teste será fornecido a você pelo professor, e ser aprovado vai depender do seu desempenho perfeito ou quase perfeito. Se você falhar em um ou mais desses testes para qualquer unidade, não haverá nenhum dano. Nós realmente não esperamos que passe no primeiro teste de cada unidade, e falha só significa que você será solicitado a estudar mais um pouco e tentar novamente.

Testes de prontidão serão dados às terças-feiras e quintas-feiras de cada semana, em horários programados para o curso. Dois testes na mesma unidade de trabalho podem ser feitos em um dia, se os horários de teste forem separados por um período de estudo. Duas unidades de trabalho diferentes podem ser testadas em sucessão rápida se você passar no primeiro teste e se sentir pronto para a próxima.

Serão fornecidos discussões ou filmes, se possível, a uma hora previa-

mente anunciada. Nenhuma questão do teste será baseada nessas discussões, e presenças não são obrigatórias, mas você pode achá-las úteis de uma forma ou de outra se quiser se juntar a nós.

Apenas dois graus são possíveis neste curso — um A ou um incompleto. Não há, Bs, Cs, Ds, Es, ou Fs. Cada unidade deve ser passada com um A ou nada, e você receberá um “e — incompleto” se não tiver terminado as 11 unidades antes de este curso chegar ao fim.

Dois textos serão utilizados neste curso. Um deles é um teste chamado programado, escrito por James G. Holland e B. F. Skinner, e intitulado *A Análise do Comportamento*. A maneira pela qual você deve usar esse livro é descrita nesta apresentação de abertura para o aluno, na página vii. Não será necessário estudar todos os capítulos, ou conjuntos, desse livro, mas aqueles conjuntos que são indicados devem ser totalmente dominados. O outro livro é *Aprendizagem: Teoria do Reforço*, de Fred S. Keller. Outros materiais de estudo também serão dados a você de tempos em tempos como apostilas mimeografadas.

Isso é o suficiente para uma introdução por enquanto. Outras sugestões, instruções e conselhos serão dadas mais tarde, quando necessário.

E agora é hora de Unidade 1 (tradução nossa).

Nos Estados Unidos, Bori participou da reunião científica da American Psychological Association em Nova York e, como convidada, palestrou sobre A Pesquisa Psicológica no Brasil, na reunião anual da Texas Psychological Association.

Retornando para o Brasil, integrou o IBECC e auxiliou na organização do concurso Cientistas do Amanhã. O IBECC havia sido criado em 1946 para gerenciar projetos que a Unesco realizava no Brasil e, ao mesmo tempo, conseguir apoio para projetos na área de educação, ciência e cultura (Abrantes, 2008; Abrantes; Azevedo, 2010). Com início em 1957, o concurso Cientistas do Amanhã era inspirado em experiências norte-americanas. Carolina integrou a comissão julgadora em 1966 para avaliar trabalhos em psicologia, uma vez que os concorrentes poderiam ser de qualquer área do conhecimento.

Nesse mesmo ano, havia sido criada a Fundação Brasileira para o Desenvolvimento do Ensino de Ciências (Funbec), que se constituiu em uma ampliação do projeto educacional do IBECC ao produ-

zir material didático e kits de ciência para escolas e universidades. Além da produção de kits e equipamentos, a Funbec também passou a editar livros de ciências destinados ao ensino dos níveis primário e secundário e, na década de 1960, essa atuação se estendeu ao nível superior nas áreas de bioquímica, fisiologia, genética, psicologia experimental e eletrônica (Abrantes; Azevedo, 2010).

Assim, a Funbec deu início à produção de caixas de Skinner que seriam utilizadas no ensino de Psicologia Experimental nas mais diferentes universidades brasileiras. Mas Bori não só inseriu a produção desse equipamento como tratou de planejar uma forma de ensinar professores de Psicologia a incluí-lo em suas aulas de laboratório. Ela convidou Herma Drachemberg (então Herma Bauermeister) e Mario Guidi para escrever um manual de laboratório de análise experimental do comportamento a partir de suas experiências de alguns anos com monitoria de laboratório. Com financiamento da Funbec, o *Exercícios de Laboratório em Psicologia* foi publicado em 1968. Sem dúvida, esse episódio deu início a uma tradição de pesquisa que continua até os dias atuais.

Pouco tempo depois, em 1968, vários eventos ocorreram no cenário científico nacional e dentro da Psicologia da USP. Começou o movimento para a Reforma Universitária de modernização de parte das universidades brasileiras. Criou-se algum incentivo para articulação entre as atividades de ensino e pesquisa, institucionalizou-se a carreira acadêmica e, entre outras coisas, extinguiu-se o sistema de cátedras e instauraram-se os departamentos (Martins, 2009). Dentro da USP, um grupo de alunos da graduação em Psicologia estava se organizando contra a renovação do contrato de Annita Cabral devido a problemas de relacionamento e porque achavam que ela estava prejudicando o desenvolvimento do curso por causa da maneira autoritária com a qual tomava decisões. Os alunos invadiram o prédio onde funcionava o já existente Departamento de Psicologia (que substituiu a Cadeira de Psicologia) e, de acordo com Cunha (1998, p. 54), “impediram a entrada da Dona Annita, afirmando que os alunos não voltariam às aulas se ela fosse reconduzida”.

Somados a tudo isso, Annita Cabral, que era catedrática inteira, encontrava alguns problemas para renovação de seu contra-

to. Foi colocada a ela a necessidade de se submeter ao concurso de livre-docência para se manter na chefia. Devido a problemas políticos entre as Cadeiras de Psicologia e Psicologia Educacional relacionados a questões teóricas, econômicas e de disputa por espaço, Annita achou melhor não se submeter ao concurso.

Houve um momento em que os próprios professores que haviam sido contratados para a Cadeira de Psicologia organizaram um abaixo-assinado pedindo à catedrática que “concordasse com a transformação da Cadeira em Departamento, do qual ela seria membro como os demais” (Cunha, 1998, p. 55). Com isso, Annita perderia os privilégios que tinha e passaria a ter o mesmo papel que os outros professores no novo sistema departamental.

Quando o sistema de cátedra foi extinto, Bori foi eleita a primeira diretora do Departamento de Psicologia Social e Experimental e Walter Hugo Andrade da Cunha, o vice-diretor. Nesse momento, os professores do departamento decidiram que, como o grupo de professores era pequeno, Bori deveria se submeter ao concurso de livre-docência. Isso daria mais força ao novo departamento. Por isso, em 1969, ela apresentou a tese intitulada *Famílias de Categorias Baixa e Média de Status Social de Centros Urbanos: caracterização das relações formais e informais dos membros e do papel social dos cônjuges*. Era uma pesquisa que utilizava dados coletados pelo CBPE a partir de estudos de campo, entrevistas e questionários. Os dados foram usados para discutir aspectos da família: papel do esposo e da esposa, papel social dos membros, posição dos membros e relações externas da família.

No entanto, com o trabalho concluído e submetido ao concurso de livre-docência, houve uma reunião entre os professores da comissão avaliadora (inclusive um professor da Cadeira de Psicologia Educacional) que decidiram sugerir a retirada da tese²². Aparentemente, essa decisão foi tomada por aspectos políticos dentro da instituição, uma vez que o título de livre-docência daria a Bori mais prestígio e autonomia e poderia representar maior concor-

22 Essa tese atualmente pode ser encontrada na biblioteca do campus de Ribeirão Preto da USP.

rência para o trabalho realizado em outros departamentos.

Em carta escrita em 11 de novembro de 1969 (Quadro 7), Keller dá a Bori a sua impressão desse período pelo qual ela passava. O texto não traz informações sobre esse evento em si, mas ajuda a entender um pouco mais sobre o contexto em que ela e outros professores da instituição estavam inseridos. Na ocasião, Maria Ignez Rocha e Silva (Dona Mausí), aluna do curso de Keller na USP em 1961, foi a responsável por dar a notícia a ele sobre o momento pelo qual Bori passava:

Dona Mausí tinha uma má notícia. Ela me disse que você tem trabalhado demais. A princípio, eu disse a ela que esse era simplesmente o seu modo de vida, mas ela finalmente me convenceu de que você estava se sobrecarregando — que estava carregando muitos fardos do Departamento e o adicional de se preparar para o exame de livre-docente. Agora que isso já passou, e estou certo de que você fez uma defesa caracteristicamente minuciosa, espero que esteja se bronzeando na praia (está quente o suficiente?) ou olhando o mundo de algum ponto alto da montanha.

Tenho certeza do seu sucesso no exame. Mas, mesmo que, por algum motivo, você não passe desta vez (como aconteceu com muitos grandes líderes em algum momento), espero que não se sinta derrotada. Sua trajetória já é uma história de sucesso, em todos os sentidos importantes, e continuará sendo enquanto você for professora. Seus alunos a amam, admiram e respeitam, não pela sua alta posição, mas pela sua dedicação à ciência psicológica, pela sua disposição em compartilhar todo o seu conhecimento e por encorajar os esforços deles próprios. Seu filho, sua sala de aula e o carinho de seus alunos — essas são as coisas importantes. E sua saúde — não se esqueça disso!

Keller, 11 nov. de 1969 (tradução nossa).

Quadro 7: Trecho de carta de Keller a Bori sobre o concurso de livre-docência ao qual ela havia se submetido. Fonte: Milne Special Collections (University of New Hampshire).

Assim, no final da década de 1960, Bori era já considerada uma pensadora de questões da educação. Suas ideias começavam a ganhar reconhecimento de uma parcela importante da comu-

nidade científica. Ao mesmo tempo, recebia críticas de outros pensadores que seguiam filosofias mais humanistas. Nesse mesmo período, se fortaleceu politicamente e começou a ganhar mais voz dentro das instituições científicas e educacionais. Foi exatamente esse papel que ela começa a desempenhar ao longo da década de 1970, quando apresentou de maneira mais clara suas ideias para resolução de problemas de ensino e quando assumiu uma posição relevante na representação dos ideais políticos da comunidade científica.

CAPÍTULO 6

Plano Bori

Na década de 1970, Carolina Bori emergiu como uma proeminente cientista brasileira, consolidando ainda mais sua reputação no campo da pesquisa em psicologia, psicologia experimental e educação. Desde a experiência de Brasília, buscava aplicar princípios comportamentais validados por pesquisa experimental para promover um ensino efetivo. A sua preocupação, ao lado de Rodolpho Azzi, Fred Keller e Gil Sherman, era a de utilizar o conhecimento existente sobre aprendizagem para programar condições de ensino à formação de cientistas.

Infelizmente, a relação de trabalho com Azzi foi interrompida após ele ter se tornado preso político ainda no início da ditadura militar de 1964. Com Sherman não há muitos registros de parceria de trabalho. Mas a relação de trabalho com Keller se manteve constante. Na verdade, tornaram-se amigos e muitos encontros entre eles continuaram ao longo da vida. Troca de materiais, reflexões sobre o sistema educacional e de políticas de financiamento de pesquisa, notícias de amigos e familiares... Bori também mantinha uma estreita relação com Dona Frances, esposa de Fred. Na verdade, pode-se dizer que a parceria entre Fred e Carolina foi tão grande que se torna muito difícil diferenciar suas contribuições individuais.

O formato de curso implementado em Brasília serviu como modelo para Keller e Sherman introduzirem a abordagem nos Estados Unidos. Na virada da década de 1970, eles formalizaram seu método que utilizavam como *Personalized System of Instruction* (ou, simplesmente, PSI). O PSI, desenvolvido por Keller, tornou-

se tão associado a ele que acabou sendo popularmente referido como Plano Keller (e.g. Carvalho, 1988; Crahay, 2007; Green, 1971; Keller; Sherman, 1974; Kerbauy, 1996).

O mesmo formato de curso aplicado na UnB continuou a ser estudado e aplicado por Bori, e uma ampla variedade de termos aparece vinculada aos trabalhos dela, mas sobretudo o próprio PSI e Ensino Programado Individualizado (e algumas variações como Ensino Programado ou Curso Programado).

Existem concepções que atribuem a Bori um papel de aluna de Keller que aplicava e seguia orientações do professor. Nesse sentido, tal compreensão considera que Bori teria sido uma aplicadora competente, no Brasil, das ideias do professor estadunidense. Esse ponto de vista, porém, diminui a originalidade e o empenho que ela teve tanto no desenvolvimento teórico da concepção do processo de ensino-aprendizagem quanto na sua utilização para fins de mudança social.

Ao nomear este capítulo como “Plano Bori”, não desejo atribuir o mesmo sentido dado ao termo Plano Keller. Isso porque, enquanto Keller buscava uma substituição daquilo que chamava de sistema tradicional de ensino pela sua proposta de Sistema Personalizado de Ensino, Bori não tinha tal pretensão. Aliás, considerava que a substituição de um sistema por outro seria unicamente a substituição de um problema por outro. Na verdade, seu plano era levar para a educação a ideia de que professores planejassem condições para ensinar comportamentos para os alunos lidarem com seus problemas cotidianos. Por isso, busquei neste capítulo destacar a atuação original de uma mulher inserida em um contexto científico dominado por homens, cujas contribuições se tornam apagadas e subordinadas à atuação deles.

No final da década de 1960, diversos acontecimentos deram início a um movimento que culminou no atual Instituto de Psicologia (IP) da USP. Existia uma declarada insatisfação dos alunos, em 1968, com o sistema de cátedras, e um grande clima de tensão nas relações entre os professores das cátedras de Psicologia e Psicologia Educacional, divididas em departamentos em 1969. No ano seguinte, nasceria o atual Instituto de Psicologia (IP). Seu primei-

ro diretor foi Arrigo Angelini, que havia substituído Noemy da Silveira Rudolfer na regência da Cátedra de Psicologia Educacional. Anos nada fáceis para os professores das Cadeiras de Psicologia e de Psicologia Educacional (Ota; Oliveira; Mannini, 2011; Angelini, 2011; Cunha, 1998; Ramozzi-Chiarottino, 2001).

Alguns documentos mostram como foi a participação de Bori nesse período. Dentre os documentos recuperados de sua sala está o de propostas de reestruturação do curso de Psicologia da USP feitas pela Cadeira de Psicologia, da Psicologia Educacional e da Psicologia Clínica (esse com comentários à mão feitos por Bori) e outro intitulado Resolução da Comissão Paritária para Reestruturação do Curso de Psicologia. Neles pode-se ter uma ideia de como foi discutida a nova organização que o curso de graduação em Psicologia teria na USP.

A proposta que Bori defendia buscava oferecer uma preparação profissional diversificada, inclusive para a profissão de pesquisador. Isso repercutia numa estrutura que dava um peso para pesquisa experimental semelhante à de outras áreas de atuação do psicólogo. As matérias sugeridas incluíam Estatística (descritiva e prova de hipóteses), Fisiologia (sistema nervoso e órgãos dos sentidos), Psicologia Geral e Experimental (problemas, conceitos, abordagem) e Evolução e Genética no nível básico — obrigatórias, disciplinas consideradas básicas ao psicólogo. No segundo nível — introdutório à Psicologia —, foram propostas as disciplinas Psicologia da Personalidade (problemas, conceitos, abordagem), Psicologia Social (relações interpessoais e processos grupais), Psicologia do Desenvolvimento (problemas, conceitos, abordagem), Psicopatologia Geral (problemas, conceitos e abordagem), Antropologia Cultural ou Sociologia ou Economia (introdução), Experimental (treino de laboratório) e Psicologia Comparada (problemas, conceitos, abordagem). Por fim, as matérias obrigatórias do terceiro nível — formação específica — incluíam Ética Profissional, Técnicas de Exame e Aconselhamento Psicológico. As matérias optativas apareciam em lista com 74 nomes de disciplinas como História da Psicologia, Metodologia Científica, Linguística, Análise de Conteúdo, Teoria da Informação, Estética, Arte, Literatu-

ra, Ensino Programado, Psicologia da Organização, Psicologia da Propaganda, Psicologia do Consumidor, Medidas da Personalidade, Medidas de Inteligência, Psicanálise, Teorias da Personalidade, Psicologia Ecológica, Farmacologia, Psicologia Fisiológica, Neurologia, Genética, Evolução, Ecologia Animal, Eletrônica, Técnicas de Observação, Pesquisa de Laboratório, Comportamento Verbal, Memória, Processos Cognitivos, entre outras.

O currículo proposto pela Psicologia Educacional era mais “flexível e dinâmico”, o que significava uma lista reduzida de disciplinas obrigatórias, tendo estas o objetivo de apresentar áreas aplicadas. A maior parte dos créditos era optativa, e os alunos deveriam preenchê-los com orientação de um professor. O plano que apresentaram incluía, no primeiro ano, as disciplinas Fisiologia, Estatística, Biologia (as três em dois semestres cada), Psicologia Geral, Psicologia Experimental e Sociologia (as três em um semestre). No segundo ano, as disciplinas seriam Psicopatologia, Técnicas de Exame Psicológico, Ética e Aconselhamento. As disciplinas obrigatórias seriam oferecidas nos dois primeiros anos e somariam 19 créditos. Outros 31 pontos de crédito deveriam ser preenchidos com as disciplinas optativas.

A terceira proposta era, na verdade, uma proposta para graduação em Psicologia Clínica; portanto, as disciplinas que propunham estavam relacionadas com temas comuns dessa área de atuação, como Psicopatologia Geral, Psicopatologia da Criança, Técnicas de Exame Psicológico, Aconselhamento Psicológico, Ética Profissional, Psicologia do Escolar, Psicologia do Excepcional, Métodos de Exploração e Diagnóstico em Psicologia Clínica, Técnicas Projetivas em Psicologia Clínica, Teorias e Técnicas Psicoterápicas, Psicoterapia da Criança e do Adolescente, Psicoterapia Comunitária e Institucional, Psicologia Clínica Preventiva, Contribuições da Psicologia Clínica à Comunidade, Diagnóstico e Terapêutica em Psicomotricidade.

Finalmente, em 16 de dezembro de 1969, pelo Decreto Estadual 52.326, o Instituto de Psicologia foi criado com seus quatro novos departamentos: 1) Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade – composto pelos professores da Ca-

deira de Psicologia Educacional; 2) Psicologia Clínica – composto por professores que haviam sido contratados para a área clínica; 3) Psicologia Experimental; e 4) Psicologia Social e do Trabalho – estes dois últimos compostos pelos professores do Departamento de Psicologia Social e Experimental (antiga Cadeira de Psicologia): aqueles professores que trabalhavam com experimentação foram para o Departamento de Psicologia Experimental; já os professores da área social passaram a integrar o Departamento de Psicologia Social e do Trabalho. Nesse mesmo ano, começaram os cursos de mestrado nas áreas de Psicologia Escolar e de Psicologia Experimental (Angelini, 2011).

A partir da criação do IP, Bori foi se voltando à pós-graduação. As suas disciplinas eram Ensino Programado e Táticas de Pesquisa Científica, baseada em um livro de Murray Sidman (*Tactics of Scientific Research*, de 1960).

A disciplina Ensino Programado foi oferecida também para outros setores da USP, como o Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências, vinculado ao Instituto de Física (IF). Os alunos do IF já haviam recorrido a Bori durante o desenvolvimento de suas pesquisas, já que lidavam com problemas do ensino. Então ela decidiu oferecer-lhes a disciplina, além de auxiliá-los com discussões sobre suas pesquisas e formar a banca examinadora de alguns deles (Pacca, 1998, Villani, 1998).

Uma característica marcante da Carolina professora era a capacidade que tinha de acolher alunos de diferentes regiões do país e diferentes áreas do conhecimento. No Programa de Pós-Graduação em Psicologia Experimental da USP, foi orientadora de inúmeras teses e dissertações. Havia sempre um grande número de alunos procurando-a. Ela sempre contava com o apoio deles nos projetos que coordenava em diferentes instituições e se inseria em uma quantidade impressionante de frentes de trabalho.

Uma das principais frentes em que Bori desenvolvia trabalhos no campo do ensino e da aprendizagem com o apoio de seus alunos de pós-graduação da USP foi o Centro Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal para a Formação Profissional (Cenafor), criado em 1969 pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) para pre-

parar docentes, técnicos e pessoal de direção de escolas e de ensino. O centro também buscava especializar orientadores de educação, psicólogos e professores em geral nos aspectos peculiares à formação profissional. Um terceiro objetivo era aperfeiçoar docentes, técnicos, pessoal de direção e de supervisão na elaboração de material relacionado ao ensino.

No período de 1972 a 1982, Bori esteve vinculada ao Cenafor e participou de vários projetos, todos por via da programação de ensino nos mais diferentes níveis de formação. Um deles foi um curso que resultou na publicação de um material de curso programado individualizado chamado Ensino de Física Aplicada, feito com o objetivo de contribuir para “adequar e fornecer oportunidade de inovações metodológicas no ensino de Física no nível de 2º grau” (Cenafor, 1976, p. 4). Bori, junto a Maria Amélia Matos, desempenhou o papel de orientar e programar o conteúdo.

Em consulta aos currículos de Bori, foram identificadas outras de suas contribuições para o Cenafor relacionadas ao ensino programado. A primeira data de 1972, quando ministrou um curso para ensinar professores de Física a programarem cursos individualizados. Em 1973, esse curso se estendeu a professores de licenciatura em geral, para habilitá-los ao ensino de segundo grau (Projeto Esquema I), e monitores que pudessem elaborar um curso programado individualizado sobre instalações elétricas de baixa tensão (Projeto Esquema II).

O Cenafor era composto por pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento e diferentes métodos de ensino. Em todos os projetos dos quais Bori participou, ela buscou disseminar o Ensino Programado Individualizado, que chamava de Curso Programado. Nesse sentido, ela promovia tanto a) cursos que ensinavam diferentes conteúdos, como Física, Química e Método de Pesquisa, quanto b) cursos que ensinavam professores a programarem cursos individualizados.

Os princípios que regiam a programação de ensino estavam relacionados à necessidade de identificar contingências que controlavam comportamentos em sala de aula. Para isso, era necessário o professor conhecer processos comportamentais. A partir desse

conhecimento, ele deveria definir os comportamentos pretendidos para que os alunos aprendessem, com base nas necessidades locais que poderiam ser supridas ou amenizadas. Assim, um curso era programado para ensinar comportamentos necessários a uma população para lidar com problemas cotidianos.

Feito o diagnóstico do comportamento de entrada do aluno pela identificação do modo que ele apresentava para lidar com seus problemas cotidianos, o professor, então, definia objetivos educacionais em termos de comportamento a serem apresentados pelos alunos. Nesse sentido, o plano de ensino auxiliava o professor a planejar atividades que fossem capazes de ensinar ao aluno os comportamentos desejados. Para isso, Bori ensinava aos professores conceitos sobre variáveis antecedentes e consequentes do comportamento, observação de comportamento, avaliação, instrução, modelo, entre outros.

Elaborado o plano de ensino, com a descrição de quais seriam as condições programadas pelo professor (atividades de ensino, instruções, leituras, seminários, laboratório, etc.), esse curso estaria pronto para ser aplicado, com avaliação contínua do desempenho individual do aluno. Ao fim do curso, seguia-se a etapa de avaliação tanto do comportamento de saída do aluno quanto do desempenho do professor e da própria capacidade que o curso tinha em desenvolver os comportamentos pretendidos.

Em seus cursos programados, os alunos tinham liberdade para avançar em seu próprio ritmo, sem a necessidade, portanto, de avanço coletivo (por isso eram individualizados). Não havia nenhuma punição aos alunos em caso de uma aprendizagem incompleta, como perda de notas, mas sim novas oportunidades para que eles pudessem demonstrar a aprendizagem requerida em cada etapa do curso.

Os cursos programados eram divididos em unidades, e cada unidade era composta por pequenas atividades chamadas Passo, que os alunos poderiam dar sem grande dificuldade e com o apoio de monitores (estes, partes fundamentais de um curso programado).

O projeto Preparação de Monitores para Programação Individualizada de Instalações Elétricas de Baixa Tensão, aplicado em 1973, por exemplo, era composto por quatro subprojetos:

SUBPROJETO 1: Instalações elétricas de baixa tensão
SUBPROJETO 2: Programação individualizada do subprojeto 1
SUBPROJETO 3: Treinamento de professores e monitores do **curso** individualizado
SUBPROJETO 4: Treinamento de professores para **ensino** individualizado

Os Subprojetos 2 e 3 eram coordenados por Carolina Bori, Maria Amelia Matos e Luiz Pimenta Nevez Jr. e apresentavam os seguintes Passos:

Passos do Subprojeto 2:

Proposição dos objetivos das várias partes do Curso de Eletricidade - Instalações Elétricas (IE)
Seleção das atividades que atendam os objetivos do Curso de IE
Subdivisão das unidades ou passos que comporão o programa
Elaboração de instruções e do material para unidades ou passos
Elaboração de avaliação do desempenho do participante

Programa do Subprojeto 3 (Treinamento de professores e monitores de curso individualizado)

Passo:

1. Análise de sequência de unidades e modelagem de comportamento
2. Análise de atividades e programação individualizada
3. Avaliação de desempenho do aluno
4. O papel do monitor em curso programado individualizado
5. Treinamento de professores e monitores e preparação de instruções das atividades do monitor

De acordo com a análise feita por Bori (1975), o PSI teria se popularizado no Brasil no final da década de 1960. Para ela, eram dois os principais motivos para a difusão do sistema: “a) maior número de alunos mostrava maior rendimento no final do seu curso, e b) docentes recebiam aprovação em decorrência do fato de parecer como professor inovador” (Bori, 1975, p. 2).

No entanto, ela notou que, à medida que o PSI foi se espalhan-

do, algumas modificações foram sendo feitas no sistema. Apesar disso, as principais características continuaram a ser aquelas descritas por Keller (1968) no artigo *Adeus, Mestre!*.

Para ela, em muitos casos, os professores “apenas reproduziam as características” do PSI (Bori, 1975, p. 2). No entanto, as características do sistema (o seu formato) “não constituem uma *doutrina* e deixa de ter o significado que realmente tem quando institucionalizadas” (Bori, 1975, p. 8), já que representariam um enrijecimento que reduziria as possibilidades do sistema. Ela entendia que o PSI requeria uma definição de objetivos a serem alcançados.

Algumas das mudanças foram comentadas por Bori (1974; 1975) a partir de sua própria experiência na formação de professores interessados no PSI em locais como a Venezuela (os chamados “*talleres* de treinamento”) e em diferentes universidades do Brasil.

Nesses encontros, o participante aprendia sobre comportamento e análise do comportamento. Como tinha que planejar um curso, começava propondo objetivos (em termos de comportamentos terminais e intermediários) a serem alcançados pelos alunos e discutia a relevância dos objetivos propostos dos pontos de vista humano e social. Tal discussão assumia a análise de comportamentos pré-requisitos para os comportamentos intermediários e terminais. Tudo isso porque, de acordo com Bori (1975, p. 5), “*o como* ele vai ensinar (nesse caso, o sistema de ensino personalizado) coloca como condição também *o que, o para quem e o para que* vai ensinar”.

Só depois de concluída essa etapa é que se começaram a “analisar conceitos relativos às *condições* antecedentes e consequentes do comportamento e os *procedimentos* para programar essas condições” (Bori, 1975, p. 5). Tal etapa da formação em PSI é importante por apresentar alternativas para que se possa identificar o porquê dos procedimentos escolhidos para ensino: “as que tendem a aumentar a probabilidade do aluno adquirir os comportamentos desejados” (Bori, 1975, p. 5).

Assim, ela afirma que, no Brasil, já não estavam mais ensinando pessoas a programar cursos, “mas buscar por contingências dentro das atividades e programá-las” (Bori, 1974, p. 71). Tais contingências poderiam ser estabelecidas em experimentos de labo-

ratório, gráficos, entrevistas, leituras, entre outros. Com isso, o formato do PSI continuava com uma importância primária, mas ele poderia passar por mudanças determinadas pela sequência de comportamentos estabelecidos como objetivos.

Diversos outros cursos em PSI foram oferecidos por Bori em diferentes instituições brasileiras, e dois deles tiveram, ainda, apoio da Unesco. Ocorreram em 1973 o Workshop sobre o Plano Keller destinado a professores universitários de ciências latino-americanos e o Taller sobre el Plan Keller para professores universitários de ciências venezuelanos e de outros países latino-americanos.

Nota-se que, na medida em que os cursos de Bori foram ocorrendo, o sistema de ensino iniciado em Brasília foi tomando novos contornos. De acordo com sua própria análise,

nós já não ensinamos pessoas a programar cursos, mas buscar por contingências dentro das atividades e programá-las. O mais elaborado programa, a mais detalhada análise de contingências muito frequentemente encontra, por exemplo, em experimentos de laboratório, em gráficos, entrevistando, lendo, escrevendo, e assim por diante. [...]

Disciplinas que são programadas com comportamentos terminais claramente definidos e que empregam os resultados de uma análise tal como esboçado acima pareceria ser um desenvolvimento interessante do PSI. Pelo menos eles representam um estágio mais ambicioso ou táticas de programação. O formato PSI é seguido em tal curso, mas o que é mudado dentro desta logística são os determinantes da sequência (Bori, 1974, p. 72).

Assim, pode-se dizer que o sistema que Bori ensinava no Brasil se distinguia daquele defendido por Keller e Sherman nos Estados Unidos. Este, por sua vez, era definido muito mais pelo seu formato: pequenos passos, liberdade para o aluno seguir no curso dentro do seu próprio ritmo, uso de monitores para discutir o conteúdo e aplicar os testes, ausência de punição, necessidade de excelência para avançar no curso, etc.

Outro ponto fundamental na concepção de Bori sobre o processo ensino-aprendizagem é que, para ela, o foco do professor

deve ser sempre em programar as contingências para o ensino de modo que os alunos possam aprender comportamentos importantes para o enfrentamento de problemas locais e cotidianos. Ajudar os alunos a lidar com suas necessidades locais deveria ser a motivação do professor para o ensino. Isso se deu no Cenafor e também na UFSCar.

Em 1976, Luiz Edmundo de Magalhães (1927-2012), pesquisador na área de genética, assumiu a reitoria de uma universidade recém-criada, a UFSCar. Nesse cargo, ele convidou vários especialistas a ocuparem posições estratégicas e, como visava ampliar as ciências humanas na instituição, convidou Bori para liderar o Centro de Educação e Ciências Humanas (CECH) da instituição. O contato entre eles se deu em experiências anteriores pela SBPC.

Nesse momento, ela desempenhou um papel crucial ao participar na abertura da primeira pós-graduação na instituição, frequentando regularmente a universidade. O CECH, pequeno em comparação com outros centros da universidade, precisava se expandir e contribuir significativamente para as ciências humanas. Para isso, ela convocava todo o corpo docente da graduação de Pedagogia, que era organizado em dois departamentos (Departamento de Tecnologia Educacional e Departamento de Fundamentos Científicos e Filosofia da Educação) para reuniões. De todas as ideias discutidas para o desenvolvimento do CECH, ganhou força aquela que propunha o desenvolvimento da área de educação especial. O grupo havia avaliado que poucos profissionais estavam habilitados a trabalhar na área e a formar novos profissionais. Foi assim que criaram um curso de pós-graduação em nível de mestrado e doutorado em Educação Especial da UFSCar, antes que existisse um curso de graduação na área.

Nessa época, Bori residia em São Paulo e viajava regularmente para São Carlos, onde enfrentava vários desafios. Enfrentou até mesmo um acidente de trânsito em que o carro onde estava sofreu uma colisão. Ficou machucada e precisou ser levada ao hospital, onde ficou um tempo em recuperação.

Na mesma época, professores do Instituto de Física da USP buscaram a expertise de Bori para resolver questões no recém-

criado curso de pós-graduação em Ensino de Física. Inicialmente, foi solicitada a sua colaboração na orientação de uma dissertação de mestrado voltada para a análise de um curso personalizado. Sobre essa participação, Villani (1998) observou que a professora Carolina, renomada por sua competência como pesquisadora em Psicologia Experimental e participante do experimento pioneiro de Brasília com o professor Keller, era a pessoa mais adequada para o papel, no qual foi introduzido o Método Keller, também conhecido como Sistema de Ensino Individualizado.

A partir desse contato inicial, Bori passou a ministrar uma disciplina para os alunos de pós-graduação em Ensino de Física. Ao término desse curso, um grupo de alunas propôs a criação de um curso experimental de Física destinado aos calouros da graduação em Física da mesma universidade. Seu planejamento baseava-se nos princípios discutidos na disciplina oferecida por Bori.

Bori organizou um grupo integrado por monitores do curso de pós-graduação em Psicologia Experimental para conduzir disciplinas que abordavam procedimentos de pesquisa, possibilitando o reconhecimento de dados relevantes e métodos para analisá-los com objetivos coerentes com o ensino de Física. Nessas aulas, o contato dos estudantes com os professores, especialmente com a professora Carolina, era bastante próximo, e as avaliações demandavam um considerável esforço dos estudantes. Por meio de entrevistas e seminários, questões objetivas e concretas de ensino de Física eram discutidas, orientadas pela intervenção direta e mensuração de Bori.

As aulas de Bori, com o auxílio de monitores, envolviam procedimentos de pesquisa relevantes para o ensino de Física que enfatizavam a estreita interação entre estudantes e professores.

Em artigo sobre o desenvolvimento do PSI no Brasil, Bori (1974) afirma que o sistema de ensino implementado em Brasília se tornou popular em cursos de Psicologia no Brasil. Porém, quanto às outras áreas do conhecimento, a utilização do PSI começou pelo Departamento de Física da USP. Segundo ela, “havia um clima de insatisfação com o estado do ensino de ciências no Brasil que se mostrou em várias direções, percorrendo desde encontros in-

formais a discussões em simpósios que lidam com a necessidade urgente de inovação metodológica” (p. 69) e, nesse contexto, pediram-lhe um curso sobre princípios básico do comportamento, que começou a ser oferecido para estudantes de Física e Engenharia.

Essas experiências com o Programa de Pós-Graduação em Educação Especial e no ensino de Física abriram portas para que a área de Programação de Ensino e PSI pudesse se desenvolver no país. Aliás, essa é uma marca da atuação de Carolina Bori em diversas instituições. Ao longo das décadas de 1960 e 1970, ela recebeu convites para prestar consultorias para a abertura de novos cursos de Psicologia na Bahia, no Rio Grande do Sul e em Minas Gerais, por exemplo. Também foi convidada a formar professores na Venezuela segundo o modelo do PSI. Para ela eram tarefas que assumia para poder ajudar no desenvolvimento social via formação científica.

Na década de 1970, a formação em Psicologia havia sido regulamentada apenas recentemente. Surgiam os primeiros cursos de graduação na área no Brasil, e um problema básico existente para o ensino, na época, era a ausência de bibliografia em português. Nesse contexto, Bori deixou um impacto duradouro na criação de condições para a formação de psicólogos no Brasil também por meio de tradução de livros para o português, em especial para a Editora Pedagógica e Universitária da USP (EPU) substituída pela Editora Herder, e a Editora da Universidade de São Paulo (Edusp).

O cenário educacional anteriormente concentrado na expertise do professor encontrou uma nova dimensão com a introdução de materiais estrangeiros traduzidos, e Bori emergiu como uma figura proeminente nesse contexto.

Ela destacou-se não apenas pela quantidade, mas também pela qualidade de suas traduções, sendo uma das principais responsáveis por trazer obras essenciais para a língua portuguesa, muitas delas ainda usadas na formação básica em diferentes áreas da psicologia. Sua parceria com a editora é particularmente notável em traduções como *Teoria de Campo em Ciências Sociais* (Lewin, 1965), *Princípios de Psicologia* (Keller; Schoenfeld, 1968), *A Análise do Comportamento* (Holland; Skinner, 1969) e *Pesquisas sobre Modificação do Comportamento* (Krasner; Ullman, 1972).

A lista de traduções realizadas por Bori inclui nove livros e uma introdução, e trata de temas que cobrem a ampla gama de disciplinas presentes na grade curricular dos cursos de Psicologia como Metodologia de Pesquisa, Psicologia Social, Psicologia Experimental, Ensino de Comportamento, entre outros. Seu legado como tradutora e educadora permanece como um testemunho valioso de seu comprometimento com a difusão do conhecimento psicológico no Brasil, e deixou um impacto duradouro na formação de profissionais e acadêmicos dessa área.

Na mesma linha de divulgação do conhecimento, ela foi uma das lideranças responsáveis pelo lançamento da revista *Psicologia*, publicada de maio de 1975 a novembro de 1987, com um total de 13 números. A comissão editorial incluía Bori, Elizabeth Tunes, Julio Cesar Coelho de Rose, Maria Amélia Matos e Marilena Ristum Carli.

A proposta da revista *Psicologia* era servir como instrumento para documentar a pesquisa nessa área, promover o intercâmbio entre pesquisadores, integrar centros de pesquisa, conectar alunos com a produção atualizada na área e divulgar seus trabalhos. Embora tenha contado com contribuições de pesquisadores de várias instituições, inclusive algumas fora do Brasil, a maioria dos autores era proveniente da USP, UFSCar e UnB.

Muitos dos autores eram orientandos de Bori no mestrado e doutorado do programa de Psicologia Experimental da USP, e a revista proporcionou a circulação de dados de pesquisas realizadas na pós-graduação.

Uma atitude marcante de Bori foi sua recusa em assinar coautoria nos artigos de seus orientandos. Divergindo de práticas vigentes em que orientadores são coautores dos artigos publicados por seus orientandos, ela dizia que a autoria era exclusiva dos alunos, embora eles reconhecessem sua orientação nas notas de rodapé dos artigos publicados na revista.

A revista *Psicologia* era adquirida por subscrição, e a Comissão Editorial se comprometia a enviar cada número, à medida de sua publicação, por reembolso postal. O subscritor efetuava o pagamento somente ao receber a revista e poderia cancelar a subscrição a qualquer momento, bastando escrever à Comissão Editorial.

Tudo por intermédio dos Correios. A publicação era da Editora de Humanismo, Ciência e Tecnologia (Hucitec).

A partir de meados da década de 1970, Bori forma um grupo de pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento e em diferentes centros, como o Cenafor, a USP e a UFSCar. Assim, o plano que tinha em melhorar a condição de vida da população brasileira por via da educação e formação científica começou a se expandir não apenas com a sua própria atuação. Ainda, como mencionado anteriormente, sua atuação extrapolou as fronteiras do país em pelo menos duas ocasiões. Uma delas foi já em 1966, quando passou seis meses como professora visitante na Universidade do Texas falando sobre a proposta de ensino que havia elaborado para Brasília. A segunda ocasião foi em 1973 e 1974, quando esteve na Venezuela coordenando a formação de professores dentro do modelo do PSI.

Com a difusão e adoção de suas ideias, Bori foi se tornando um nome ainda mais forte no meio científico, o que facilitou sua entrada na diretoria de importantes sociedades de psicologia, como a Sociedade Brasileira de Psicologia (SBP) e a Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia (ANPEPP) e de ciência, como a SBPC.

A vida pública de Bori ecoa não apenas nos corredores das instituições de ensino e pesquisa, mas também na transformação do panorama educacional e científico brasileiro. Sua busca em promover formação científica à população brasileira, aliada à sua habilidade como educadora e pesquisadora, transcendeu fronteiras e moldou gerações de profissionais em psicologia e em outras áreas do conhecimento. Desde sua parceria seminal com Fred Keller até sua liderança na criação de cursos pioneiros e na difusão do conhecimento através de traduções e publicações, Bori personifica o compromisso com o desenvolvimento científico.

CAPÍTULO 7

Programação de contingências no cenário científico nacional

A atuação de Bori em entidades e órgãos oficiais de cunho científico/educacional é uma característica presente em sua vida. Nas sociedades começou já na década de 1950, quando foi presidente da Associação Brasileira de Psicólogos (ABP) em 1954, além de formar vínculos com órgãos do Ministério da Educação e Cultura (MEC), como o Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (CBPE) e o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (Inep), e de pesquisa com a Unesco. Nesse contexto de instituições e órgãos oficiais, ela travou uma luta importante para a regulamentação da formação e profissão de psicólogo.

Em 1960, foi presidente da Sociedade de Psicologia de São Paulo (SPSP), quando desempenhou um papel ativo na regulamentação da Lei 4.119/62, que estabelece critérios para a formação e profissão de psicólogo. Após a aprovação da lei, torna-se uma importante referência para instituições que desejavam abrir cursos de Psicologia. Em 1966, integrou o Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura (IBECC) e a Fundação Brasileira de Educação e Cultura (Funbec), auxiliando na organização do concurso Cientistas do Amanhã, na elaboração de kits de ciência para escolas e universidades, além da produção de material didático.

Também assumiu cargos na diretoria de outras sociedades como Associação de Modificação de Comportamento (1969/1976), Sociedade Brasileira de Psicologia (1990/1994) e Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia (1984/1986).

Por tudo isso, já é possível afirmar que Bori teve uma preocupação com a institucionalização das ciências ao longo de sua carreira profissional. Porém, foi a partir da segunda metade da década de 1970 que essa participação começa a ganhar ainda mais força e destaque. Ela se tornou presença importante na Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto (SPRP) e, quando esta deixou de ser uma sociedade local para se transformar na nacional Sociedade Brasileira de Psicologia (SBP) em 1991, foi nomeada a primeira presidente de uma entidade que defenderia o interesse de toda a área no âmbito nacional. Com objetivos um pouco mais específicos, teve papel fundamental na criação da ANPEPP, fundada em 1983. Apesar de envolver todas as áreas da psicologia, a ANPEPP reúne, especificamente, pesquisadores em psicologia em torno de grupos de pesquisa.

Já no cenário da ciência nacional, sua atuação ganhou destaque na SBPC, que rendeu a ela um convite para colaborar na internacional Associação Interciência. A força com que ela defendia suas ideias se tornou uma marca de sua participação em tais sociedades, assim como as brigas que travou em prol do desenvolvimento da cultura científica conforme sua visão de ciência e a leitura que fazia das necessidades do país.

Na década de 1970, a interseção entre ciência, educação e cultura no contexto nacional foi profundamente influenciada por uma série de fatores políticos e educacionais. O impacto desses eventos foi notável em diversos âmbitos, sendo a política uma esfera crucial nesse cenário.

A promulgação do Ato Institucional 5 (AI-5) em 1969 marcou um período de intensificação da repressão em todos os setores da sociedade, inclusive no meio acadêmico. Essa atmosfera repressiva teve repercussões significativas nos debates científicos, criando um contexto desafiador para a livre troca de ideias e o avanço do conhecimento.

Paralelamente, em 1969, ocorreu a Reforma Universitária, um marco que encerrou o sistema de cátedras, substituído pelo sistema de departamentos e institutos. Nesse contexto, foi estabelecido o Instituto de Psicologia (IP) da USP, proporcionando um novo cenário para o desenvolvimento acadêmico.

Como observado anteriormente, esses eventos foram oportunidades cruciais para a atuação de Bori, que desempenhou um papel destacado em meio a essas transformações. Sua participação ativa nessas mudanças fortaleceu-a politicamente, permitindo-lhe ocupar espaços de decisão importantes no direcionamento do desenvolvimento da psicologia e da ciência de maneira mais ampla. Durante esse período, ela não apenas enfrentou desafios decorrentes dos debates com cientistas e políticos de diversas áreas, mas também consolidou sua posição como uma voz influente na definição dos rumos da pesquisa e da educação científica no Brasil.

7.1. Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC)

Os primeiros registros de Bori encontrados nos arquivos da SBPC datam do ano de 1954, quando seu nome aparece entre os pesquisadores que se associaram naquele ano. A partir de então, sua atuação na sociedade foi se intensificando: tornou-se conselheira em 1969, secretária na gestão de 1973-1974 e, nas gestões seguintes, foi assumindo outros cargos da diretoria até que, em 1986, tornou-se presidente, cargo que ocupou até 1989, quando passou a integrar o conselho efetivo, composto por todos os ex-presidentes. Assim, ela integrou cargos na diretoria da SBPC de 1969 a 2004, ininterruptamente. Sua atuação deu-se de maneira tão próxima a essa sociedade que diversos pesquisadores comentam a impossibilidade de falar da SBPC sem falar de Carolina Bori. Há quem ressalte sua dedicação às questões da instituição, sua seriedade, sua presença constante na sede da sociedade, o cuidado na preparação do programa das reuniões anuais e no envio de correspondências.

A SBPC é uma entidade científica fundada em 1948, que tem como objetivo principal promover o avanço da ciência no Brasil, contribuindo para o desenvolvimento científico, tecnológico, educacional e cultural do país, e exerce papel fundamental na defesa da ciência e na promoção do diálogo entre a comunidade científica, os formuladores de políticas públicas e a sociedade em geral.

A sociedade atua por meio de eventos, publicações, comissões,

comitês e outras atividades que visam estimular a pesquisa, a educação científica, o intercâmbio de conhecimento e a divulgação científica. Realiza anualmente a Reunião Anual, um dos maiores eventos científicos da América Latina, quando cientistas, pesquisadores, estudantes e interessados em ciência se reúnem para discutir e apresentar avanços nas diversas áreas do conhecimento.

Além disso, a SBPC desempenha um papel importante na formulação de políticas públicas voltadas para a ciência e tecnologia, buscando contribuir para a construção de uma sociedade mais informada e baseada no conhecimento científico. A entidade também promove a defesa da liberdade acadêmica e a valorização da pesquisa científica como um elemento crucial para o desenvolvimento sustentável do Brasil.

Como parte ativa da diretoria da SBPC, Bori participava da execução das deliberações do Conselho e da Assembleia Geral, da preparação e promoção de reuniões e programas científicos, culturais e sociais, e ainda da supervisão e gestão das atividades e serviços da SBPC. Isso incluía a responsabilidade de promover eleições, apresentar relatórios e balancetes ao conselho, propor valores de anuidades e taxas, e manter atualizada a comunicação da SBPC na mídia eletrônica.

Sua presença foi constante nas reuniões anuais, e os temas principais das conferências que proferiu e participações antes de integrar a diretoria da sociedade eram *Personalized System of Instruction* (PSI) e Ensino Individualizado. Porém, ao longo das décadas de 1970 e 1980, sua participação foi se direcionando a posicionamentos sobre política científica.

Em 1966, na 18ª Reunião Anual da SBPC, apresentou uma palestra intitulada Análise Experimental da Leitura. Em 1970, na 22ª Reunião Anual, sua participação foi na condução do seminário Modificação do Comportamento, quando compartilhou suas ideias sobre Curso Programado – Individualizado. Em 1971, Bori conferiu uma palestra intitulada O Ensino da Psicologia dentro dos Cursos de Licenciatura em Ciências no II Simpósio em Ciências promovido pelo IBECC, durante a 23ª Reunião Anual. Em 1974, na 26ª Reunião Anual, participou como membro do Simpósio Currículo de Psicolo-

gia: Formação Profissional, evidenciando sua constante dedicação ao avanço e à reflexão sobre a educação e prática na psicologia.

No entanto, o que vai sendo percebido é um envolvimento cada vez maior com os objetivos específicos da SBPC, ligados ao desenvolvimento científico nacional. Com isso, vão tornando-se claras as metas e valores pessoais de Bori em relação ao papel das ciências.

Na função de secretária (1973-1977) e de secretária-geral (1977-1981) da SBPC, Bori se dedicava intensamente à preparação das reuniões anuais (RA) e, sob sua liderança, esses encontros testemunharam um notável aumento no número de participantes e trabalhos apresentados. Além disso, tornaram-se espaços de discussão política em meio ao período em que o Brasil foi governado por militares. Bori era meticulosa na organização desses eventos, e não podemos esquecer que, sem computadores para realizar o trabalho, tudo era feito manualmente. Durante noites que se estendiam até as primeiras horas da madrugada, junto a um grupo de cerca de 12 pessoas, ela trabalhava incansavelmente na preparação, revisão e criação do caderno de programação do evento. A complexa logística da época exigia o esforço conjunto, e a dedicação de Bori era crucial para garantir o sucesso dessas reuniões (Figura 4).



Figura 4: Carolina Bori em sessão durante a Reunião Anual da SBPC, 1976.
Fonte: Acervo SBPC.

Na década de 1970 a 1980, o Brasil enfrentou uma onda de repressão de opiniões, sobretudo políticas, decorrente da ditadura militar. Nesse contexto, as reuniões anuais da SBPC se tornaram raros fóruns abertos para discussões em um ambiente político autoritário e repressor. A entidade ampliou seu papel político e se transformou em um espaço de debates sobre questões de interesse público e denúncias. Protestava contra perseguições, invasões policiais, interferências autoritárias na educação, redução de verbas universitárias, impactos da política nuclear e modelo econômico desigual, e apoiava causas como combate à pobreza e direitos indígenas. Nessa época as reuniões também forneciam espaços para encontros do movimento estudantil e outros movimentos sociais, sendo palco importante de debates e denúncias em um cenário de restrição à liberdade de expressão.

Na reunião anual de 1976, surgem moções em prol da redemocratização do país pela abertura de uma Constituinte, sinalizando o comprometimento da SBPC com os ideais democráticos e participativos no cenário político brasileiro. Bori, que nessa época ocupava o cargo de secretária na Diretoria da SBPC, defendeu seu ponto de vista.

A posição na qual a SBPC se colocava reverberou nos corredores do governo, culminando na decisão de não apoiar a realização da reunião anual de 1977, originalmente programada para acontecer em Fortaleza. O governo, em uma atitude contestadora, recusou-se a endossar o evento, lançando a SBPC em um contexto de incerteza e desafios políticos.

Naquele período, a diretoria da SBPC era composta pelo físico Oscar Sala, os geneticistas Newton Freire-Maria, Crodowaldo Pavan, Luiz Edmundo de Magalhães e Renato Basile, a médica Eliane Elisa de Souza e Azevedo e, claro, a psicóloga Carolina Bori. Porém, os sócios da SBPC também se mobilizaram e convocaram uma assembleia que eles mesmos conduziram. Nessa reunião estava presente um número expressivo de sócios (cerca de 400) que debateram a necessidade de a SBPC se mobilizar para que a reunião anual prevista para aquele ano, na sua 29ª edição, fosse realizada de qualquer maneira. O fortalecimento resultante dessa mobiliza-

ção encorajou a diretoria a iniciar esforços no sentido de viabilizar a reunião apesar da falta do apoio financeiro do governo.

Bori, juntamente com outros dois membros da diretoria da SBPC, reuniu-se com o então reitor da USP em busca de apoio para a realização da reunião. No entanto, mesmo após uma articulação persuasiva, não obtiveram uma resposta definitiva do reitor, e a situação ficou sem resolução.

Na falta de apoio governamental e possibilidade de não realização da reunião anual, vários artistas apoiaram a iniciativa para angariar fundos e garantir que ela acontecesse. Bori, uma das poucas mulheres na diretoria da SBPC, enfrentou desafios políticos, defendendo a realização da reunião. Sua atuação, caracterizada por uma aparente fragilidade inicial, era geralmente contrastada com sua firmeza nas negociações. Apesar de sua exteriorização mais frágil e doce, ela era reconhecida por suas ideias fortes e habilidade em defendê-las durante negociações.

A atuação de Bori e membros da diretoria da SBPC em meio a esse contexto desafiador evidenciou não apenas a importância da entidade na defesa da ciência e da democracia, mas também a capacidade de mobilização e resistência da comunidade científica e da sociedade civil em busca de seus ideais. A experiência de enfrentar adversidades políticas e reafirmar o compromisso com a ciência e a participação democrática marcou um capítulo significativo na história da SBPC. Por fim, a 29ª Reunião Anual da SBPC encontrou abrigo na PUC-SP (Silva, 2021).

O apoio dado pela comunidade acadêmica e pela sociedade civil foi extraordinário. A assembleia transformou-se em um ato de resistência, com a participação de diversas pessoas, desde acadêmicos e cientistas até membros da classe artística e famílias que receberiam os congressistas em suas residências. O evento tornou-se uma eclosão de manifestações, marcadas por emoções intensas, que perdurou ao longo das mesas redondas e seminários realizados no decorrer da reunião.

Além de sua firmeza nas negociações, outra marca de Bori era a coerência nas decisões ao longo de sua carreira. Independentemente das diferentes posições assumidas e das variadas situações no país,

ela permaneceu fiel a uma meta constante: melhorar as condições para a ciência e tecnologia no Brasil. Sua preocupação central era a universidade e o sistema de ciência e tecnologia, visando transformar essas áreas em políticas permanentes do Estado reconhecidas pelo governo, congresso e sociedade. Essa luta persiste há vários anos e ainda não foi totalmente vencida, ressaltando a importância de se manterem valores e atividades como partes fundamentais do Estado. Mas, sobretudo, a grande crença de Bori era a de que o melhor caminho para garantir o desenvolvimento social do país seria pelo desenvolvimento científico e tecnológico.

Em 1981, Bori assumiu a vice-presidência da SBPC, cargo que ocupou até 1986, quando se tornou presidente e nele se manteve até 1989 (Figura 5). Esse período, no Brasil, foi marcado por uma transição política significativa, caracterizada pelo fim da ditadura militar que havia perdurado por duas décadas. Era uma fase crucial no desenvolvimento político-científico do país, e ela se desdobrava a partir de diversas frentes.



Figura 5: Franco Montoro, Renato Archer, Carolina Bori, Crodowaldo Pavan e outros na sessão de abertura da 38ª Reunião Anual da SBPC, Curitiba, 1986. Fonte: Acervo SBPC.

Nessa mesma década, o então presidente José Sarney criou o Conselho de Ciência e Tecnologia, órgão que deveria orientar as políticas nacionais em setores estratégicos. Bori, no papel de presidente da SBPC, denunciou a ausência de representação universitária e solicitou uma audiência com o presidente. O objetivo era claro: discutir a composição do conselho e garantir a representatividade universitária, elemento fundamental para uma abordagem abrangente e equilibrada nas políticas científicas e tecnológicas.

Foi na SBPC que Bori lutou pela construção de um sistema de política científica no Brasil, discutindo com políticos brasileiros sobre os rumos da ciência no Brasil. No *Informe Ciência Hoje*, de julho de 1987, há um telex enviado por ela ao então ministro da Ciência e Tecnologia, Renato Archer:

Manifestamos preocupação com notícias da possível redução do número de bolsas de estudo e da desvinculação do seu valor dos níveis salariais dos professores de universidades federais. Consideramos importante preservar política de expansão do número e estabilidade nos valores de bolsas, condição necessária para garantir sucesso dos programas de formação de recursos humanos.

O aumento do número de bolsas e o seu vínculo aos níveis salariais das universidades federais é antiga reivindicação da comunidade científica. Alterações como as noticiadas redundarão em grave retrocesso na política de apoio ao desenvolvimento científico sucessivamente reafirmada pelo governo (p.6).

Outra discussão política da qual Bori tomou parte tratava da possibilidade de inclusão do Ministério de Ciência e Tecnologia em outros ministérios ou sua extinção. Em um dos vários telex que enviou ao então presidente da República, José Sarney, ela afirma (Quadro 8):

A Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência e a Comissão das Sociedades Científicas vêm a público manifestar a sua preocupação com o noticiário sobre a inclusão do Ministérios da Ciência e Tecnologia entre os que podem ser suprimidos ou fundidos com outros, como parte da re-

forma político-administrativa anunciada pela presidência da República. A criação do ministério representa uma mudança na política científica e tecnológica do país e uma avaliação objetiva dos serviços que pode prestar requer muito mais tempo do que os seus dois anos e meio de existência, que foram, em grande parte, consumidos no difícil trabalho inicial de instalá-lo e estruturá-lo. Filiam-se ao Ministério da Ciência e Tecnologia entidades responsáveis por grande parte da formação de recursos humanos e por quase toda a atividade científica do país. A estabilidade e a continuidade nas ações a cargo destas entidades é da maior importância para o desenvolvimento social e econômico da nação. Submetê-las a transições e reorganizações frequentes não é a forma adequada de se promover o desenvolvimento nacional em ciência e tecnologia. Carolina M. Bori (presidente da SBPC) e Alberto Carvalho da Silva (coordenador da Comissão das Sociedades Científicas)

Quadro 8: Telex escrito por Carolina Bori e Alberto da Silva destinado ao então presidente José Sarney, apresentando, respectivamente, a opinião da SBPC e da Comissão das Sociedades Científicas em relação às mudanças ocorridas no sistema de Ciência e Tecnologia no Brasil. Fonte: *Informe Ciência Hoje*, nº 109, 10.10 a 16.10.1987, p. 5.

Em paralelo a essa ação, Bori apresentou um documento detalhado a Sarney, expressando suas preocupações em relação às decisões recentes do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e do Ministério de Ciência e Tecnologia. Suas inquietações focavam especialmente as nomeações realizadas sem a devida consulta à comunidade científica, comprometendo a integridade e a eficácia das políticas em vigor.

No contexto da redemocratização do Brasil na década de 1980, a participação da SBPC na Assembleia Nacional Constituinte de 1988 foi fundamental na consolidação dos princípios democráticos e na inclusão de pautas progressistas na nova Constituição. À frente da SBPC, enquanto presidente, Bori desempenhou um papel proeminente ao organizar uma comissão de cientistas cujo objetivo era formular propostas para a reestruturação do sistema de ciência e tecnologia brasileiro, a serem debatidas na Constituinte (Moreira, 2022).

As sugestões apresentadas pela SBPC abrangiam uma ampla gama de temas apresentados sob o ponto de vista de cientistas es-

pecialistas em diferentes áreas. No capítulo sobre Educação e Instrução, a SBPC contou com o Manifesto dos Educadores, aprovado na 4ª Conferência Brasileira de Educação. Para o capítulo sobre o meio ambiente, incorporou os trabalhos conduzidos por sua Comissão de Meio Ambiente. No capítulo sobre população indígena, foi incorporado o documento produzido pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e pela União das Nações Indígenas (UNI).

A proposta da SBPC para a Constituinte foi recebida e avaliada. Bori enfatizou a importância de se inserir no texto constitucional uma filosofia que reconhecesse o desenvolvimento social do país como intrinsecamente ligado ao desenvolvimento científico e tecnológico. Ela defendeu que as propostas da SBPC deveriam encontrar espaço nos capítulos referentes a Educação, Saúde, Meio Ambiente, Território Nacional e Ciência e Tecnologia. Essa abordagem transversal visava integrar a ciência e a tecnologia de maneira sistêmica ao desenvolvimento social do país.

A visão de Bori não se restringia apenas ao ambiente acadêmico, ela entendia que a participação da população era crucial para o sucesso desse processo. Defendia que a população, além das sociedades científicas e universidades, deveria estar envolvida nas decisões da Constituinte.

Ela também ressaltava a interconexão entre ciência, tecnologia e educação, argumentando que o desenvolvimento do conhecimento no país dependia diretamente do fortalecimento da educação brasileira. Enfatizava, ainda, a necessidade de esclarecer na Constituição os direitos e deveres do Estado em relação à educação, sublinhando os papéis determinantes da escola e da universidade pública nesse processo.

Outro aspecto significativo na atuação de Bori na SBPC envolve a difusão científica. Para ela, o termo “difusão” era essencial, em contraposição a “divulgação”, expressando sua visão de integrar a ciência à vida cotidiana das pessoas.

No entanto, essa transição enfrentou desafios, já que muitos cientistas não estavam habituados a comunicar suas ideias de maneira acessível ao público em geral. Aí evidenciamos sua habilidade em selecionar líderes na comunidade científica para colaborar

em suas iniciativas. À medida que buscava essa meta de desenvolvimento científico, seu papel como gestora da política científica nacional foi se fortalecendo.

Nos anos iniciais da década de 1980, Bori criou uma comissão de difusão científica que foi responsável por uma série de iniciativas voltadas ao estreitamento da relação entre o cientista e a população brasileira. Entre estas iniciativas, destacam-se a criação da revista *Ciência Hoje*, do programa de rádio *Encontro com a Ciência* e do programa de TV *Contato*.

Reunido pelo esforço conjunto de promover um diálogo mais abrangente sobre a ciência e seu impacto na sociedade, um grupo de cientistas visionários vinculados à SBPC decidiu dar vida à primeira revista de divulgação científica do Brasil. Assim, surge em 1982 a revista *Ciência Hoje*, um marco significativo na divulgação científica brasileira.

A iniciativa não apenas inaugurou um espaço dedicado à popularização da ciência no país, mas também redefiniu o papel dos pesquisadores, incorporando a divulgação como uma responsabilidade profissional e social essencial. A *Ciência Hoje* não apenas informou, mas inspirou uma nova abordagem para a comunicação científica, integrando-a ao cotidiano dos pesquisadores.

O sucesso da revista não se limitou a suas páginas; ela serviu como catalisador para o surgimento de outras publicações com objetivos similares, ampliando assim o alcance da divulgação científica no Brasil. Em 1986, atendendo ao chamado de uma nova perspectiva de público, a revista deu origem ao suplemento *Ciência Hoje das Crianças*.

Outro veículo importante para a divulgação científica no Brasil foi o programa *Encontro com a Ciência*. Em parceria com a Rádio Cultura de São Paulo, e sob a coordenação da vice-presidente Carolina Bori, à época responsável pelas atividades de difusão científica da SBPC, o programa estreou em 30 de março de 1984 com a participação do físico Oscar Sala, que abordou a responsabilidade dos cientistas diante da ameaça de guerra nuclear.

A iniciativa buscava ampliar o acesso à ciência no país, rompendo com a tradição de programas estrangeiros e proporcionan-

do uma voz direta aos cientistas brasileiros. Foi de fato uma ruptura com a tradicional dependência de programas estrangeiros de ciências, marcando o fim dos “enlatados” no setor. Com 30 minutos de duração, o programa explorava as relações da ciência com diversas formas de conhecimento, convidando intelectuais para discutir com cientistas temas que abrangiam a música, o cinema, o esporte e outras áreas do conhecimento. A proposta visava enriquecer o diálogo entre diferentes campos e mostrar a interconexão da ciência com a cultura e a sociedade.

Em 15 de abril de 1985, às 21h30, a SBPC lançou o programa de TV *Contato* em parceria com a Rádio e Televisão Cultura (RTC). Sob a coordenação de Bori, que continuava responsável pela comissão de difusão científica da SBPC, o projeto visava não apenas divulgar, mas também difundir a produção científica do país, buscando desmistificar a ciência e torná-la acessível à população leiga. Os objetivos do programa de TV incluíam informar sobre o desenvolvimento da ciência e tecnologia no Brasil, expor as opiniões da comunidade científica sobre temas atuais e suas relações com a cultura do país, além de evidenciar como a ciência está presente nos mínimos detalhes do cotidiano.

O formato do programa envolvia bate-papos entre Antônio Abujamra, Sylvio Ferraz de Mello e cientistas, explorando questões que iam desde a responsabilidade dos cientistas na fabricação da bomba atômica até seus interesses pessoais, como idas ao teatro. A intenção era mostrar a humanidade por trás das mesas de trabalho e da pesquisa científica brasileira.

Além dessas iniciativas, Bori foi uma presença crucial no IBCEC a partir de 1984, onde criou um grupo de apoio ao professor secundário, proporcionando informações relevantes ao corpo docente, bem como resumos e títulos de artigos nacionais e internacionais que abordavam avanços científicos recentes (Sala, 1998; Silva, 2021).

Enquanto presidente da SBPC, desempenhou um papel essencial na trajetória da Estação Ciência desde os primórdios desse emblemático espaço de divulgação científica, inaugurado em 24 de junho de 1987. Nesse mesmo ano, ela liderou a complexa transição

da direção da Estação Ciência do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq) para a USP. As negociações foram desafiadoras; precisaram insistir na necessidade de garantir a continuidade do centro de difusão científica que recebia diariamente mais de mil crianças e jovens em seu museu interativo. A falta de recursos financeiros e cargos adicionais foi outro desafio durante essa fase crítica, mas Bori superou com uma equipe pequena, composta por alguns de seus alunos de pós-graduação, e garantiu assim uma transição eficiente e sem interrupções no atendimento da Estação Ciência. O sucesso alcançado é prova de sua competência como líder e compromisso inabalável com a promoção da ciência entre as gerações mais jovens, e permitiu que a Estação Ciência continuasse a inspirar a curiosidade e o interesse científico de milhares de crianças e jovens.

Coordenadora da Estação Ciência no período de 1990 a 1994, Bori já possuía conhecimento prévio sobre projeto de museu interativo, advindo de sua posição como vice-presidente da SBPC. Sua participação ativa na elaboração da proposta e compreensão dos objetivos fundamentais da Estação Ciência evidencia não apenas sua competência, mas, sobretudo, seu entusiasmo em concretizar uma iniciativa que promovesse a interação direta entre a ciência e a sociedade. No período em que ela esteve à frente da instituição, destaca-se o projeto de recepção de centenas de crianças por dia para folhear livros de diversas editoras no “mês da criança” em 1991.

Outra iniciativa foi o concurso Cientistas de Amanhã. Bori não apenas auxiliou na preparação da programação e na leitura dos projetos, mas também ofereceu suporte na avaliação do desempenho dos jovens classificados, demonstrando seu envolvimento além das responsabilidades iniciais (Ormastroni, 1998). O concurso era direcionado a estudantes do ensino médio de escolas públicas e privadas de todo o país. Os participantes eram desafiados a elaborar projetos de pesquisa científica em diversas áreas do conhecimento, como biologia, química, física, matemática, entre outras. Os projetos poderiam abordar temas variados e seriam avaliados com base em critérios como originalidade, relevância, metodologia e resultados obtidos.

A atuação de Bori na Estação Ciência não é apenas um capítulo na sua carreira, mas uma evidência de seu firme compromisso

em aproximar a ciência do público brasileiro, tornando-a uma experiência envolvente, educativa e acessível a todos. Seu legado na consolidação desse espaço como um centro dinâmico de difusão científica e cultural ressoa como um testemunho de seu incansável esforço em construir pontes entre a comunidade científica e a sociedade em geral.

Bori tinha uma grande preocupação em seguir rigorosamente o estatuto da SBPC, demonstrando seu profundo conhecimento e zelo pelos princípios estatutários. Sua atuação na sociedade era como um ato de doação, o que pode ser observado pela sua dedicação de tempo, recursos e esforços diversos.

Ela se manteve atuante na SBPC até o seu falecimento, travando uma luta árdua pela democracia, especialmente no contexto de cargos públicos relacionados a ciência e tecnologia no país. Defendia que a comunidade científica indicasse nomes para tais posições, de maneira a garantir um conhecimento mais aprofundado e cuidadoso nas tomadas de decisão.

Em síntese, o legado de Carolina Bori transcende a presidência da SBPC; sua contribuição incluiu a promoção ativa da difusão científica e moldou a maneira como a ciência se conecta à vida cotidiana das pessoas além dos limites da academia. Bori não apenas expressava visões, mas as convertia em ações concretas, mobilizando a comunidade científica em direção a objetivos claros e necessários para o progresso científico no Brasil.

7.2. Sociedades de Psicologia

O impacto mais significativo da atuação de Bori em sociedades científicas foi seguramente na SBPC; entretanto, ela teve atuação relevante em outras iniciativas de organização científica, principalmente aquelas relacionadas à psicologia. A primeira delas foi a Associação Brasileira de Psicologia (ABP), fundada nos primeiros anos da década de 1950, nos moldes da American Psychological Association (APA).

Na década de 1970, cresceu a preocupação em relação aos primeiros profissionais graduados em Psicologia. À medida que se

aproximava o décimo aniversário da lei que regulamentou a formação e a profissão de psicólogos, estudantes do curso de Psicologia da FFCL da USP de Ribeirão Preto uniram-se a professores do final dos anos 1960 para fundar uma sociedade científica e profissional. Essa iniciativa concretizou-se em 1970 com a Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto (SPRP).

Bori foi colaboradora não apenas na SPRP, mas também na transição para a Sociedade Brasileira de Psicologia (SBP). Desde os primeiros encontros, sua presença era notável. Mesmo sem assumir cargos formais no conselho ou diretoria, era uma presença constante como palestrante e um apoio confiável. Os membros locais sempre acolhiam com entusiasmo sua participação nos eventos da instituição (Otero, 2010; Rubiano, 2005; Willians; Hubner, 2004).

Ao longo das décadas de 1970 e 1980, foi convidada para coordenar mesas e debater trabalhos apresentados nas reuniões anuais da SPRP. Os temas abordavam questões como modificação do comportamento, formação científica do psicólogo, exercício profissional, análise da atividade humana, o papel das sociedades científicas e publicação científica.

Bori não apenas marcava presença nas reuniões anuais da SPRP, mas exercia uma influência marcante. Nesse período, vários dos alunos sob sua orientação apresentaram suas pesquisas em psicologia experimental e programação de ensino (Cândido; Beltramello, 2024). E não somente eles: as reuniões anuais incluíam profissionais que haviam sido alunos de Bori desde a década de 1970. Aliás, a própria iniciativa de criar a sociedade partiu de seus ex-alunos.

Na virada da década de 1990, a SPRP evoluiu para a Sociedade Brasileira de Psicologia (SBP), e ampliou assim seu alcance de uma sociedade local em Ribeirão Preto para uma sociedade nacional, com reuniões anuais (Figura 6) em diversas cidades do país. Bori tornou-se a primeira presidente dessa nova sociedade, cargo que assumiu com dedicação incansável em reuniões extensas. Ela, ao lado de toda a diretoria da SBP, trabalhava por horas em uma pequena sala, muitas vezes improvisando até mesmo uma cafeteira para manter a energia durante as intensas jornadas de preparação para as reuniões.



Figura 6: Carolina Bori corta bolo em comemoração à 30ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia.
Fonte: Acervo SBP.

Dentro da Psicologia, ela também colaborou com iniciativas de sociedades mais específicas no seu escopo, como a Associação de Modificação do Comportamento (AMC), que depois se tornou Associação Brasileira de Análise do Comportamento (ABAC). A participação dela foi sempre crítica e incisiva, sempre de forma colaborativa.

Outro feito importante de Bori para a institucionalização da psicologia como ciência foi a fundação da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia (ANPEPP). Ela auxiliou a elaborar o estatuto e foi a primeira presidente. Ao completar 20 anos, a ANPEPP convidou-a para contar sobre a criação da associação. Ao ser questionada sobre os desafios enfrentados, ela respondeu de forma peculiar: “O único desafio foi o acidente de avião que tinha pesquisadores em psicologia como passageiros se deslocando para a reunião da ANPEPP”.

7.3. Ciência e tecnologia

Embora haja declarações sobre ciência e tecnologia em diversos documentos relacionados à carreira de Bori, as principais discussões foram feitas em um artigo de 1964 (Bori; Azzi, 1964), uma palestra de 1984 (Botomé, 2007) e alguns editoriais que ela escreveu para a revista *Ciência e Cultura*, da SBPC (Bori, 1986, 1989a, 1989b, 1989c; SBPC, 1988).

Cerca de 20 anos depois da regulamentação da Psicologia, Bori (em Botomé, 2007) discutiu a relação entre ciência e tecnologia. Segundo ela, enquanto a psicologia experimental está preocupada com o controle das variáveis e a descrição da relação entre elas, a aplicação se preocupa em resolver problemas sociais. A mesma atitude relacionada à experimentação ajudaria a entender problemas psicológicos.

Bori afirmou a importância de se compreenderem os problemas da pesquisa em psicologia no Brasil a partir de seus problemas sociais e econômicos. Para ela, ciência e tecnologia são ingredientes que podem ajudar a resolver muitas questões relacionadas ao desenvolvimento do país (Botomé, 2007), e a pesquisa deveria fazer parte do treinamento de todos os profissionais porque eles precisam ser capazes de produzir conhecimento sobre problemas locais e propor intervenções adequadas. Caso contrário, os profissionais brasileiros atuariam como aplicadores de modelos importados de outros países; portanto, feitos para solucionar outros problemas, e assim a ciência e tecnologia deixariam de ser produzidas no Brasil (Bori, 1986; 1989a; 1989c; Botomé, 2007).

A ciência e a tecnologia devem ser uma preocupação do governo brasileiro “de forma a aumentar a probabilidade de mais pessoas agirem” (Botomé, 2007, p. 33) de acordo com esse ideal. O governo deveria a) garantir a estabilidade do sistema de ciência e tecnologia; b) assegurar a qualidade e relevância das pesquisas; e c) incentivar o equilíbrio entre pesquisa básica e aplicada. Esses pontos seriam imperativos para melhorar a qualidade de vida da população (Bori, 1989b, 1989c).

Na opinião de Bori, toda tecnologia deve ser feita com base em princípios derivados de laboratório, mas todo o conhecimen-

to produzido deve ser considerado pelo menos na área onde cada cientista trabalha e áreas relacionadas. No entanto, apesar de seu interesse pela Psicologia Experimental, a única pesquisa publicada por ela data de 1993, em coautoria com Deisy das Graças de Souza e João Claudio Todorov (Todorov; Souza; Bori, 1993).

Para Bori, o conhecimento é fundamental para a educação e o desenvolvimento social (Bori, 1986; Botomé, 2007). As universidades precisam ter condições técnicas, financeiras, administrativas e políticas para fazer ciência e desenvolver tecnologia. O número de pesquisadores deve ser aumentado, e a formação científica deve fazer parte do treinamento de cientistas e profissionais. Além disso, pesquisadores precisam dialogar com toda a comunidade para comunicar o que vem sendo produzido nas universidades (Bori, 1986, 1989a, 1989b, 1989c; Botomé, 2007; A defesa [...], 1988).

Em suas discussões, Bori adotava uma perspectiva brasileira, fosse o tema o ensino da psicologia ou o desenvolvimento da ciência e tecnologia. Em vários de seus textos, ela analisava condições profissionais, sociais e/ou educacionais existentes no Brasil. Em seguida, definia objetivos a serem alcançados e sugeria algumas estratégias que poderiam ser adotadas. A principal característica em seus trabalhos parece ser essa perspectiva para buscar o desenvolvimento da ciência e da tecnologia no país.

Em suma, a trajetória de Carolina Bori na SBPC revela não apenas uma liderança proeminente, mas também uma defesa incansável do avanço científico e tecnológico no Brasil. Ao longo de décadas, ela ocupou diversos cargos na diretoria da SBPC e desempenhou papéis-chave em um período desafiador da história brasileira, marcado pela ditadura militar e pela transição para a democracia. Sua atuação não se limitou a uma gestão eficaz; ela foi uma voz ativa na defesa da ciência, resistindo a pressões políticas e contribuindo para a construção de políticas científicas sólidas. Sua liderança visionária não apenas influenciou o curso da SBPC, mas também deixou um legado duradouro no cenário científico e político do país.

Além da SBPC, Bori teve impacto significativo na consolidação da psicologia como ciência no Brasil. Sua participação ativa em sociedades e associações, como a Sociedade Brasileira de Psicologia (SBP) e a Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia (ANPEPP), reflete seu compromisso com a institucionalização e o desenvolvimento dessa disciplina. Ao enfrentar desafios políticos, como a luta pela democratização do Conselho de Ciência e Tecnologia, ela demonstrou uma coragem notável, enfatizando sua dedicação ao avanço da ciência e tecnologia como pilares fundamentais para o desenvolvimento social.

Ela transcendeu as fronteiras acadêmicas ao promover a difusão científica e o diálogo entre a comunidade científica e a sociedade. Sua visão de “difusão” em vez de “divulgação” evidencia a importância que atribuía à conexão entre a ciência e a vida cotidiana das pessoas. Seu legado vai além da presidência de sociedades científicas; ele se manifesta na transformação da ciência em uma força acessível e relevante para todos os brasileiros. Carolina Bori não apenas liderou, mas também inspirou uma geração de cientistas, deixando um impacto indelével no panorama científico e cultural do Brasil.

CAPÍTULO 8

A educação como compromisso de vida

Na década de 1990, Carolina Martuscelli Bori era considerada uma figura consolidada e respeitada na comunidade científica brasileira, reconhecida por suas contribuições à psicologia e ao desenvolvimento científico. Em diferentes áreas do conhecimento, era lembrada por ter tido um papel crucial no seu crescimento enquanto área de conhecimento científico. Era atribuída a ela uma liderança em prol da expansão e do fortalecimento da psicologia experimental no Brasil, da promoção de políticas científicas, da difusão do conhecimento e da luta pelo desenvolvimento nacional por via do desenvolvimento científico. Seu compromisso com a difusão da ciência e da pesquisa era evidente em sua participação em comitês, sociedades científicas e órgãos de fomento.

Também foi na década de 1990 que Bori completou 70 anos, o que representa, na carreira pública, a idade limite para se aposentar. Quando um servidor atinge essa idade, é compulsoriamente aposentado, independentemente de seu desejo de continuar trabalhando ou capacidade produtiva. Ele é obrigado a interromper qualquer função ou atividade que possam se configurar em vínculo empregatício formal; no entanto, pode manter atividades que sejam necessariamente voluntariado. Ou seja, apesar de todo engajamento de Bori em atividades docentes na USP, boa parte de sua atuação profissional foi encerrada no ano de 1994 (Figura 7).



Figura 7: Carolina Bori chega ao evento realizado pela Sociedade Brasileira de Psicologia em homenagem aos seus 70 anos, em Ribeirão Preto, 1994. Fonte: Acervo SBPC.

No mesmo ano de sua aposentadoria compulsória, recebe o título de Professora Emérita pela USP. De acordo com o estatuto da universidade, o título de Professor Emérito é uma honraria concedida a docentes aposentados com destacada contribuição acadêmica ao longo de suas carreiras, um reconhecimento por realizações notáveis no campo acadêmico, pesquisa, ensino e serviços à instituição de ensino. A concessão do título é condicionada à aprovação de dois terços dos componentes do Conselho Universitário ou das Congregações.

Sua aposentadoria levou a uma redução drástica no número de disciplinas e orientações de mestrados e doutorados que fazia no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Experimental. No entanto, ela se manteve ativa em diferentes frentes de trabalho em diferentes instituições, como o conselho da SBPC.

Na USP, integrou o Conselho Deliberativo do Núcleo de Pesquisa do Ensino Superior (Nupes, atual Núcleo de Pesquisa em Políticas Públicas – NUPPs) em 1995, e em 1996 assumiu a Diretoria Científica do mesmo núcleo. Ao mesmo tempo, o Ministério da Educação compôs a Comissão de Especialistas de Ensino de Psicologia, coordenado pela professora Maria Ângela Guimarães

Feitosa. Além de Bori, os professores Anna Edith Bellico da Costa, Antonio Virgílio Bittencourt Bastos, Marília Ancona Lopez e William Barbosa Gomes integraram a comissão que desempenhou um papel crucial em uma série de atividades relacionadas à área. Estas incluíam consultorias em uma gama diversificada de tarefas, desde o diagnóstico da área da psicologia até o desenvolvimento de instrumentos de avaliação de cursos. Além disso, o grupo fez propostas de abertura de novos cursos de Psicologia, elaboração das novas diretrizes curriculares para a graduação em Psicologia, bem como planejamento conceitual e acompanhamento da avaliação nacional de cursos de Psicologia.

Tais atividades ganharam destaque após a constituição do Conselho Nacional de Educação, quando a quantidade significativa de solicitações para abertura de novos cursos de Psicologia demandou uma análise minuciosa por parte de especialistas de diversas áreas do conhecimento. Estabelecidos os instrumentos iniciais de avaliação para abertura de tais cursos, foram realizadas visitas a instituições de ensino superior para verificar as condições necessárias à sua implantação.

Durante essas visitas, era evidente a determinação incansável de Bori em avançar na leitura cuidadosa dos documentos e sua motivação em interagir com os professores, ouvi-los e orientá-los em diversos aspectos.

Uma parte significativa desse trabalho concentrou-se na elaboração das diretrizes curriculares para o curso de Psicologia. As orientações recebidas pelo Conselho Nacional de Educação para essa tarefa refletiram uma mudança de paradigma em relação à concepção de currículo mínimo em comparação com a formulação realizada na década de 1960, na qual Bori desempenhou papel central.

No Nupes, na década de 1990, ela debatia e promovia pesquisas sobre o ensino superior, políticas educacionais colaborativas, organização de linhas de pesquisa relacionadas à universidade e ao setor produtivo, além da ampliação de sua sede. A instituição havia sido criada em 1989 e se especializou em diagnóstico e análise de políticas para o ensino superior e de estruturas das universidades públicas e dos seus resultados. Tinha o propósito de impulsionar,

incentivar, apoiar e disseminar pesquisas relacionadas ao ensino superior por meio de suporte aos docentes da USP e de outras instituições para conduzirem suas próprias investigações em suas respectivas áreas de atuação. Visava ser um centro de referência e coordenação para estudos e projetos voltados ao ensino superior, estabelecendo uma rede de informações com outros centros afins ou de interesse convergente.

As linhas de atuação do Nupes, de junho de 1995 a dezembro de 1996, abrangiam objetivos, políticas e desempenho do sistema de ensino superior, formação universitária de profissionais, produção acadêmica e desenvolvimento da ciência e tecnologia, relações da universidade com o setor produtivo e com a sociedade, sistemas de ensino superior público e o sistema privado, história do ensino superior no Brasil e meios e modalidades do ensino superior.

Cerca de 15 pesquisadores colaboravam no Nupes, em equipe ou individualmente, envolvidos em uma ou mais linhas de pesquisa. O financiamento principal para suas atividades era proveniente da Fundação Ford.

As atividades do Nupes incluíam o projeto Ensino Privado: Diagnósticos e Prognósticos, o projeto colaborativo Políticas de Educação Superior na América Latina, a supervisão dos resultados de vários projetos colaborativos apoiados pelo Nupes, o projeto Temática Ambiental no Ensino Superior Brasileiro, o Grupo de Trabalho para o Aperfeiçoamento do Ensino de Odontologia, o projeto Imagem da Ciência – perspectiva externa ao meio científico e acadêmico, o Seminário de Pesquisa sobre a evasão no ensino superior, o Seminário sobre o Ensino Superior Privado no Brasil, a Reunião Iberoamericana de Formação Continuada de Professores de Ciências, os Seminários Internacionais de Análise da Formação de Professores, o Seminário Políticas de Educação Superior na América Latina e o Seminário Modalidades Presencial e a Distância do Ensino Superior: Análise Comparativa e Novas Perspectivas.

Em 1996, o então diretor científico, professor Luis Carlos de Menezes, relatou dificuldades em seguir no cargo. Com a sua saída, Bori foi indicada para a posição.

Registros de reuniões mostram que, sob a direção de Bori, man-

tiveram boa continuidade dos trabalhos iniciados anteriormente: prepararam a publicação de livros elaborados a partir de reuniões internacionais conduzidas pelo núcleo e obtiveram doação da Fundação Ford no apoio de três diferentes projetos de pesquisa para o período 1996-1997. Por fim, foi registrada uma compreensão comum de uma boa perspectiva de trabalho para o próximo período.

Um importante registro dos trabalhos realizados pelo Nupes foi o projeto de pesquisa publicado no ano de 2000 sob o título *Equidade e Heterogeneidade no Ensino Superior Brasileiro*, com a supervisão geral de Bori e Eunice Durham, tema que, especialmente no ensino superior, ainda hoje é pouco explorado no Brasil exceto em grupos de estudos vinculados a organizações de minorias. Em um período em que se iniciavam as discussões sobre cotas raciais e sociais nas universidades brasileiras, a pesquisa delineou a falta de centralidade do tema da equidade na agenda de políticas para o ensino superior, buscando identificar fissuras no sistema de ensino superior em relação ao acesso e desempenho de diferentes grupos sociais. As questões abordadas na pesquisa incluíam o perfil socioeconômico e educacional dos jovens brasileiros e dos estudantes universitários, e a análise utilizou dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) e do Exame Nacional de Cursos de 1999.

A virada do século 20 para o 21 compreende o período em que Bori se aposentou. Compreende, também, um período em que ocorreram inúmeros atos de reconhecimento público de suas contribuições para o desenvolvimento científico nacional e internacional.

Em 1998 foi-lhe conferido o grau de Comendadora e em 2004 o grau de Grã-Cruz pela Ordem Nacional do Mérito Científico, que são as maiores distinções de honra concedidas pelo poder público a personalidades brasileiras e estrangeiras em reconhecimento às suas significativas contribuições científicas, tecnológicas e de inovação. Essa ordem foi estabelecida no Brasil pelo Decreto nº 772 em 16 de março de 1993, e é regulamentada pelo Decreto nº 4.115 de 6 de fevereiro de 2002. A concessão da honraria é feita por decreto presidencial, depois de apreciação do Conselho Técnico e do Conselho da Ordem.

No cenário nacional, ainda, foi agraciada com outros títulos prestigiosos. Em 2000, a UnB conferiu a ela o título de Doutora Honoris Causa. Três anos depois, em 2003, ela recebeu um segundo título de Doutora Honoris Causa pela UFSCar. Essa honraria marca o reconhecimento da instituição aos seus feitos acadêmicos e sua dedicação incessante ao desenvolvimento da ciência no Brasil. Eles não apenas a enaltecem como líder e referência no meio acadêmico, mas também ressaltam seu papel na formação e inspiração de gerações futuras de cientistas e pesquisadores. Sua dedicação à ciência e ao avanço do conhecimento tornou-a digna de receber essas honrarias, consolidando assim seu legado no panorama acadêmico brasileiro.

Mas, para além do reconhecimento no cenário nacional, Bori conquistou reconhecimentos internacionais importantes. Em 1999, tornou-se a única pesquisadora brasileira (mulher) a receber o Fred S. Keller Behavioral Education Award, um prêmio concedido pela American Psychological Association (APA) por sua significativa contribuição para pesquisa e prática educacional.

Em 2001, foi reconhecida pela Society for the Advancement of Behavior Analysis como uma personalidade que contribuiu com a disseminação da Análise do Comportamento fora dos Estados Unidos. Em seu discurso durante a premiação, ela afirmou que a análise do comportamento pôde se organizar a partir da formação de pesquisadores que passaram a integrar cursos de pós-graduação pelo Brasil e puderam formar novos professores e pesquisadores que continuaram a desenvolver a área no país (Bori, 2001). Importante ressaltar que muitos dos primeiros pesquisadores no Brasil foram por ela formados e integraram diversas das ações mencionadas neste livro.

Bori também desempenhou um papel crucial na SBPC. Sua última participação na diretoria da entidade se deu como presidente, em 1989. Sua dedicação e contribuições foram tão significativas que, no ano seguinte, ela foi honrada pelo conselho da SBPC com o título de Presidente de Honra, uma distinção concedida a indivíduos de notável saber que tenham prestado relevantes serviços à causa da ciência.

Desde 1950, a SBPC tem cientistas brasileiros em suas reuniões anuais, e Bori teve o privilégio de ser homenageada em duas dessas ocasiões: em 2000, durante a 52ª Reunião Anual em Brasília-DF e novamente, em 2005, durante a 57ª Reunião Anual em Fortaleza-CE. Sua contribuição para a ciência nacional foi reconhecida com gratidão.

Além de Bori, outros 88 cientistas foram homenageados até o ano de 2023, sendo, desse total, 14 em duas reuniões anuais da SBPC. Entre eles estão figuras como o médico e entomólogo Ângelo Barbosa Monteiro Machado (1934-2020), o educador Anísio Teixeira (1900-1971), os médicos Carlos Chagas Filho (1910-2000), Elisaldo Luiz de Araújo Carlini (1920-2020), José Reis (1907-2002) e Wilson Teixeira Beraldo (1917-1998), os biólogos e geneticistas Crodowaldo Pavan (1919-2009), Francisco Mauro Salzano (1928-2018) e Warwick Estevam Kerr (1922-2018), os químicos e físicos José Leite Lopes (1918-2006), Ricardo de Carvalho Ferreira (1928-2013) e Sérgio Mascarenhas de Oliveira (1928-2021), o antropólogo Darcy Ribeiro (1922-1997) e o advogado e deputado Jorge Americano (1891-1969).

É importante ressaltar que, em 2000, Bori compartilhou o reconhecimento com Anísio Teixeira, que também foi homenageado (*in memoriam*). Em seu discurso, ela expressou profunda gratidão pela influência marcante que Teixeira teve em sua vida, enfatizando seus ideais de que a educação não deve ser um privilégio, mas sim um direito de todos, e que promover a educação é uma responsabilidade do Estado (Homenagem [...], 2000).

Muitos desses homenageados tiveram uma participação direta na vida profissional de Bori, seja como mentores em posições superiores, seja como professores colegas de universidade ou de diretoria de sociedades científicas. Entre eles estão Anísio Teixeira, Crodowaldo Pavan, Wilson Teixeira Beraldo, Darcy Ribeiro e Warwick Estevam Kerr, cujas contribuições foram fundamentais em diversos aspectos da carreira de Bori.

Esses reconhecimentos, nacionais e internacionais, a solidificam como uma líder e referência não apenas na comunidade científica brasileira, mas também como uma personalidade de

destaque internacional. Seu trabalho incansável e contribuições significativas continuam a ecoar, inspirando gerações futuras de pesquisadores e consolidando seu legado duradouro no campo da psicologia e análise do comportamento.

Nos últimos anos de sua vida, ela transitava pela cidade universitária em ônibus lotados; uma figura notável entre estudantes, servidores da USP e demais passageiros. A senhora frágil, aproximando-se dos 80 anos, mantinha um sorriso pueril no rosto e se destacava como uma verdadeira celebridade incógnita na multidão. Sua presença era marcada pela simplicidade, franqueza, educação e competência, revelando uma personalidade simultaneamente forte e delicada.

No entanto, em 8 de setembro de 2004, Bori afastou-se de suas atividades devido a uma severa bronquite, que, lamentavelmente, debilitou-a bastante. Foi internada no Hospital Universitário na sexta-feira, e no sábado transferida para a UTI, em uma situação delicada com comprometimento dos pulmões e rins. O falecimento de Bori, então diretora científica do Nupes/USP, ocorreu em 4 de outubro de 2004. O velório foi realizado no salão da Biblioteca do Instituto de Psicologia, na Cidade Universitária.

A comunidade científica expressou profundo pesar e consternação diante da significativa perda de Carolina Martuscelli Bori, reconhecendo-a como uma figura essencial em diversas áreas. Ao refletir sobre a ausência deixada por ela, lembrou-se do seu ânimo diante da vida, seu empenho por novos horizontes e sua crença inabalável no potencial do país e de seu povo. Diversas manifestações enfatizaram o entusiasmo, a vivacidade e a lucidez da Dra. Carolina, destacando seu papel inspirador na ciência brasileira.

Comunicados oficiais da SBPC, parceiros de trabalho e amigos confirmaram com tristeza o falecimento. Além disso, instituições como o Conselho Federal de Psicologia e o Conselho Regional de Psicologia de São Paulo reconheceram por nota seu pioneirismo para a psicologia brasileira.

Sem sombra de dúvidas, a atuação de Carolina Bori fez com que ela se tornasse uma figura pública. Existem inúmeras reportagens de jornais que registram sua atuação desde a década de 1950

até a sua morte. Certamente seria possível uma nova biografia dela com base apenas nas notícias de jornais.

De modo geral, uma leitura do conjunto dessas reportagens permite sintetizar a atuação científica de Carolina Bori. Até a década de 1960, destaca-se sua participação em conferências e congressos como o Congresso de Psicologia em Curitiba (1953) e a publicação do estudo *O Demônio no Catulé*, pela *Revista Anhembi*. Ao longo da década de 1970, surgem debates sobre métodos de ensino, como o que foi chamado por método Keller. No entanto, destaca-se seu trabalho sobre o Ensino Programado. A sua atuação nas reuniões da SBPC demonstra seu compromisso com o desenvolvimento nacional pelo desenvolvimento científico democrático.

Nos anos 1980, emergiu como uma figura proeminente na defesa da ciência e tecnologia no Brasil. Há registros de suas atividades na diretoria da SBPC, os seus discursos proferidos na abertura dos encontros dessa sociedade em prol do financiamento e reconhecimento da pesquisa científica, bem como sua participação em debates políticos. Tudo isso revela um engajamento significativo em questões ligadas ao desenvolvimento científico (em prol do social) do país.

Na década de 1990, continuou a receber reconhecimento, como o prêmio por sua dedicação na orientação de pós-graduandos (1993) e o título de professora emérita (1994). Homenagens em revistas de psicologia e sua presença em debates sobre o futuro das universidades consolidaram sua posição como líder acadêmica e intelectual.

Carolina Bori deixou um legado significativo no panorama acadêmico e científico brasileiro. Sua atuação multifacetada, desde a pesquisa em psicologia até o engajamento político na defesa da ciência, contribuiu para moldar nosso ambiente educacional e científico. Sua postura crítica, participação em debates e liderança em organizações científicas evidenciam não apenas sua competência acadêmica, mas também seu compromisso com o avanço do conhecimento e a promoção da ciência no país. Seu falecimento em 2004 marcou o fim de uma era, mas seu legado continua vivo através do impacto duradouro que teve na cultura científica brasileira.



Figura 8: Gabriel Cândido, Ricardo Paranhos, Carolina Bori, Luciano Cunha e monitora durante o encontro científico da Associação Brasileira de Psicoterapia e Medicina Comportamental (ABPMC) e da Association for Behavior Analysis International (ABAI), Campinas, 2004. Fonte: Arquivo pessoal.

Referências

A DEFESA da ciência e tecnologia pela comunidade. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 40, n. 11, p. 1043-1044, 1988. Editorial.

AB'SABER, A. N. Carolina Bori: A essência de um perfil. **Psicologia USP**, v. 9, n. 1, p. 35-35, 1998. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/R4f6MvxZFqWbYvHYs3y5fqP/?lang=pt>. Acesso em: 05 jun. 2024.

ABRANTES, A. C. S. **Ciência, educação e sociedade: o caso do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura (IBECC) e da Fundação Brasileira de Ensino de Ciências (FUNBEC)**. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) - Casa de Oswaldo Cruz / Fiocruz, Rio de Janeiro, 2008.

ABRANTES, A. C. S.; AZEVEDO, N. O Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura e a institucionalização da ciência no Brasil, 1946-1966. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 5, p. 469-492, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bgoeldi/a/bRYbcW9TTthRBN8MLvknHzR/?lang=pt>. Acesso em: 05 jun. 2024.

ADDUC, C. C. Nação brasileira e “mística paulista”: uma análise dos memorialistas da rebelião militar de 1924 em São Paulo. **Lutas Sociais**, n. 5, p. 7-24, 1998. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/ls/article/view/18877>. Acesso em: 05 jun. 2024.

ANDRADE, M. M. Cartas e comentários. **Jornal Brasileiro de Psicologia**, v. 1, n. 1, p. 115-118, 1964.

ANGELINI, A. Da Psicologia na USP à criação do Instituto de Psicologia da USP. *In*: OTTA, E.; OLIVEIRA, P. S.; MANNINI, C. R. B. B. (org.) **40 Anos do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo**. São Paulo: EDUSP, 2011.

ANTUNES, M. A. M. **A psicologia no Brasil**: leitura histórica de sua constituição. 5. ed. São Paulo: EDUC, 2007.

ANTUNES, M. A. M. **História da psicologia no Brasil**: primeiros ensaios. Eduerj, 2004.

BALL, L. C. Genius without the “Great Man”: new possibilities for the historian of psychology. **History of Psychology**, v. 15, n. 1, p. 72-83, 2012.

BAPTISTA, M. T. D. S. A constituição da identidade de alguns profissionais que atuaram como psicólogos antes de 1962 em São Paulo. *In*: MASSIMI, M.; GUEDES, M. C. **História da Psicologia no Brasil**: Novos Estudos, São Paulo: Educ, 2004, p. 153-204.

BORI, C. M. **[Correspondência]**. Destinatário: Fred S. Keller. Brasília, 03 mar. 1965. Milne Special Collections & Archives Division, University System of New Hampshire.

BORI, C. M. **[Correspondência]**. Destinatário: Fred S. Keller. São Paulo, 27 jun. 1962. Milne Special Collections & Archives Division, University System of New Hampshire.

BORI, C. M. **[Correspondência]**. Destinatário: Fred S. Keller. São Paulo, 17 out. 1964. Milne Special Collections & Archives Division, University System of New Hampshire.

BORI, C. M. **[Correspondência]**. Destinatário: Fred S. Keller. São Paulo, 08 jul 1962. Milne Special Collections & Archives Division, University System of New Hampshire.

BORI, C. M. **[Correspondência]**. Destinatário: Fred S. Keller. São Paulo, 20 ago. 1965. Milne Special Collections & Archives Division, University System of New Hampshire.

BORI, C. M. A 38ª Reunião Anual. **Ciência e Cultura**, v. 38, n. 6, p. 951, 1986. Editorial.

BORI, C. M. **A preparação de pessoal docente no sistema de ensino personalizado**: formas alternativas. Conferencia Internacional Nuevas Técnicas Instruccionales en la Educación Superior – Universidad Veracruzana, 3 a 7 de novembro de 1975. Fundo Carolina Bori.

BORI, C. M. Aparelhos e o laboratório de psicologia. **Jornal Brasileiro de Psicologia**, v. 1, n. 1, p. 61-65, 1964.

BORI, C. M. Ciência, tecnologia e desenvolvimento nacional. **Ciência e Cultura**, v. 41, n. 3, p. 213-214, 1989a. Informe especial.

BORI, C. M. Developments in Brazil. *In*: KELLER; F. S. SHERMAN, J. G. **The Keller Plan Handbook**. W. A. Benjamin, Inc., 1974, p. 65-72.

BORI, C. M. Fala de Dra. Carolina Bori quando do recebimento do prêmio concedido pela ABA na sua reunião de 2001, em New Orleans. *In*: GUILHARDI, H, J. *et al.* **Sobre comportamento e cognição**: expondo a variabilidade, Santo André: ESETec Editores Associados, v. 7, p. 302-304, 2001.

BORI, C. M. Fatores responsáveis pela “evasão” da escola primaria: uma pesquisa na cidade de Rio Claro. **Revista de Psicologia Normal e Patológica**, n. 3-4, p. 239-266, 1969.

BORI, C. M. O individuo e a mobilidade: características psicológicas relacionadas com a mobilidade social. *In*: HUTCHINSON, B. **Mobilidade e trabalho**: um estudo na cidade de São Paulo. Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, 1960a, p. 230-280.

BORI, C. M. O julgamento de ocupações: um estudo preliminar. *In*: HUTCHINSON, B. **Mobilidade e trabalho: um estudo na cidade de São Paulo**. Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, 1960b, p. 52-74.

BORI, C. M. O papel do experimentador e do sujeito na situação experimental. **Boletim de Psicologia**, p. 9-17, 1952.

BORI, C. M. Os fundamentos da experimentação psicológica. **Neurobiologia**, t. 18, n.3, p. 161-168, 1955.

BORI, C. M. SBPC, ciência e tecnologia. **Ciência e Cultura**, v. 41, n. 3, p. 211-212, 1989b. Editorial.

BORI, C. M. Um curso de estatística aplicada à experimentação psicológica. **Boletim de Psicologia**, n 18, 19 e 20, p. 18- 21, 1953/54.

BORI, C. M.; AZZI, R. Pesquisas em andamento: noticiário sobre investigações em andamento no Brasil, sobre assuntos de psicologia. **Jornal Brasileiro de Psicologia**, v. 1, n. 1, p. 109-114, 1964a.

BORI, C. M.; AZZI, R. Uma experiência no Ensino de Psicologia. **Jornal Brasileiro de Psicologia**, v. 1, n. 2, p. 105-110, 1964b.

BORI, C. M.; PESSOTTI, I.; AZZI, R. Um curso moderno de psicologia. **Ciência e Cultura**, v. 17, n. 2, p. 219, 1965.

BOTOMÉ, S. P. Onde falta melhorar a pesquisa em Psicologia no Brasil sob a ótica de Carolina Martuscelli Bori. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 23, número especial, p. 29-40, 2007.

BURKE, P. Writing the history of knowledge in Brazil. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 3, p.859-869, 2018.

CAMARGO, M. A. J. Os primeiros anos da Pedagogia de Rio Claro. **Educação: Teoria e Prática**, v. 1, n. 2, p. 4-8, 1999.

CÂNDIDO, G. V. Carolina Martuscelli Bori. *In*: JACÓ-VILELA, A. M., KLAPPENBACH, H., ARDILA, R. (org.). **The palgrave biographical encyclopedia of psychology in Latin America**. Springer Nature, 2023.

CÂNDIDO, G. V. Novas perspectivas para a história do Sistema Personalizado de Ensino: seus fundadores. **Memorandum: memória e história em psicologia**, v. 33, p. 51-67, 2017.

CÂNDIDO, G. V. Psicologia, história do presente e oralidade. *In*: JACÓ-VILELA, A. M. DEGANI-CARNEIRO, F. E.; SANTO, A. A. E. (orgs.)

Clio-Psyché – Psicologia: Saber moderno, saber nativo. Coleção: História, Psicologia, Sociedade Volume 4: Curitiba, 2023, p. 165-178.

CÂNDIDO, G. V.; BELTRAMELLO, O. Programação de ensino: aspectos precursores dessa subárea. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, v. 26, p. 17-30, 2024. DOI: <https://doi.org/10.31505/rbtcc.v26i1.1756>.

CÂNDIDO, G. V.; MASSIMI, M. Contribuição para a formação de Psicólogos: análise de artigos de Carolina Bori publicados até 1962. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 32, p. 246-263, 2012.

CÂNDIDO, G. V.; MASSIMI, M. Psicologia como Ciência do Comportamento na atuação e obra de Carolina Martuscelli Bori: décadas de 1950 e 1960. **Revista Argentina de Ciencias del Comportamiento**, v. 8, n. 2, p. 30-38, 2016.

CARVALHO, E. C. O sistema personalizado de instrução: um recurso para a educação em enfermagem. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 22, p. 65-74, 1988.

CENAFOR. **Física aplicada no 2º grau**, unidade 8, módulo A, passo 1, 1976.

CENTOFANTI, R.; TOMASINI, M. B. **O livro dos cem anos do laboratório de Psicologia Experimental da Escola Normal Secundária de São Paulo**. São Paulo: Editora 360, 2014.

CHAMLIAN, H. C. Docência na universidade: professores inovadores na USP. **Cadernos de Pesquisa**, v. 118, p. 41-64, mar. 2003.

COSTA, H. B. V. Resgatando a memória dos Patronos. Vida e Obra de Mário Yahn - Patrono da Cadeira 9 (04/07/1908-15/03/1977). **Boletim Academia Paulista de Psicologia**, v. 32, n. 82, p. 47-55, 2012.

CRAHAY, M. Qual pedagogia para aos alunos em dificuldade escolar? **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, p. 181-208, 2007.

CUNHA, M. C. P. **O espelho do mundo: Juquery, a história de um asilo**. 3. ed. Campinas: UNICAMP/IFCH/CECULT, 2022. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/publicacoes/pub/livros/2220>. Acesso em: 05 jun. 2024.

CUNHA, W. H. A. Carolina Martuscelli Bori e a psicologia na USP. **Psicologia USP**, v. 9, n. 1, p. 49-60, 1998.

DANZIGER, K. Psychology and its history. **Theory & Psychology**, v. 23, n. 6, p. 829-839, 2013.

DANZIGER, K. The positivist repudiation of Wundt. **Journal of the History of the Behavioral Sciences**, v. 15, p. 205-230, 1979.

DANZIGER, K. **Towards a polycentric history of psychology**. Artigo apresentado no 26th International Congress of Psychology in Montréal, Canada, 1996. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/259982160_Towards_a_polycentric_history_of_psychology. Acesso em 06 jun. 2024.

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA DA UNB. **Programa do curso de Introdução à Análise Experimental do Comportamento**. Arquivo pessoal, 1963.

FERNANDES, F. **A questão da USP**. Brasiliense, 1984.

FERREIRA, M. S. Os Centros de Pesquisas Educacionais do Inep e os estudos em ciências sociais sobre a educação no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, v. 13, p. 279-292, 2008.

FURUMOTO, L. Beyond Great Men and Great Ideas: History of Psychology in Sociocultural Context. *In*: BRONSTEIN, P.; QUINA, K. **Teaching gender and multicultural awareness: Resources for the psychology classroom**. Washington, DC, US: American Psychological Association, 2003, p. 113-124.

FURUMOTO, L.; SCARBOROUGH, E. Placing Women in the History of Psychology: The First American Women Psychologists. **American Psychologist**, v. 41, n. 1, p. 35-42, 1986.

GARCÍA, L. N. To and from Latin America: Remarks about the history of psychology in “peripheries”. **Journal of Theoretical and Philosophical Psychology**. Advance online publication, 2023. <https://doi.org/10.1037/teo0000251>.

GOODE, W. J.; HATT, P. K. (1975). Métodos em pesquisa social. Tradução: Carolina Martuscelli Bori. São Paulo: CIA. Editora Nacional. Título original: Methods in Social Research.

GREEN Jr, B. A. Physics teaching by the Keller Plan at MIT. **American journal of physics**, v. 39, n. 7, p. 764-775, 1971.

GUEDES, M. C., *et al.* A introdução da análise do comportamento no Brasil: vicissitudes. **Behaviors**, v. 12 n 7, p. 41-57, 2008.

GUIDI, M. Equipamento Padronizado para Experimentação em Aprendizagem. **Jornal Brasileiro de Psicologia**, v. 1, n. 2, p. 101 – 104, 1964.

HOLLAND, J. G., SKINNER, B. F. (1961). **The analysis of behavior: A program for self-instruction**. MCGraw-Hill.

HOMENAGEM a Carolina Bori na abertura da 52ª Reunião Anual da SBPC. Brasília, 2000. Publicado pelo canal SBPCnet. Acervo SBPC. Disponível em: https://youtu.be/3pD4rCSK-YM?si=pSz1tqDTDb_UKwSI Acesso em: 21 ago. 2024.

JOHNSTON, E.; JOHNSON, A. Searching for the second generation of American women psychologists. **History of Psychology**, v. 11, n. 1, p. 40-72, 2008.

KELLER, F. S. **[Correspondência]** Destinatário: Carolina Martuscelli Bori. Tempe, 10 de out. 1965. Milne Special Collections & Archives Division, University System of New Hampshire.

KELLER, F. S. **[Correspondência]** Destinatário: Carolina Martuscelli Bori. Kalamazoo, 11 nov. 1969. Milne Special Collections & Archives Division, University System of New Hampshire.

- KELLER, F. S. A personal course in psychology. **Control of human behavior**, v. 1, p. 91-93, 1966.
- KELLER, F. S. A reformulação da psicologia moderna. **Ciência e Cultura**, v. 14, n. 1, p. 11-19, 1962.
- KELLER, F. S. **At my own pace**: the autobiography of Fred S. Keller. Sloan Publishing, 2008.
- KELLER, F. S. Goodbye, teacher... **Journal of Applied Behavior Analysis** v. 1, p. 79-89, 1968.
- KELLER, F. S. Ten years of personalized instruction. **Teaching of Psychology**, v. 1, n. 1, p. 4-9, 1974.
- KELLER, F. S., SHERMAN, J. G. **PSI**: the Keller plan handbook. WA Benjamin, 1974.
- KELLER, F. S.; BORI, C. M.; AZZI, R. Um curso moderno de psicologia. **Ciência e Cultura**, v. 16, n. 4, p. 379-397, 1964.
- KELLER, F. S.; SCHOENFELD, W. N. **Princípios de psicologia** Tradução: Carolina Martuscelli Bori e Rodolpho Azzi. São Paulo: Editora Herder, 1968. Título original: Principles of psychology.
- KELLER, F. S.; SCHOENFELD, W. N. **Principles of psychology**: a systematic text in the science of behavior. Appleton-Century-Crofts, 1950.
- KERBAUY, R. R. O cientista que ensinava. **Psicologia USP**, v. 7, n. 1-2, p. 225-245, 1996.
- KLAPPENBACH, H. Historias locales de la psicología: Plácido Horras y las primeras investigaciones en psicología en San Luis, Argentina. **Memorandum**, v. 21, p. 62-74, 2011.
- KRASNER, L.; ULLMANN, L. P. Pesquisas sobre modificação de comportamento. Tradução: Carolina Martuscelli Bori. São Paulo: Editora Herder. 1972. Título original: Research in behavior modification.

KUBITSCHKEK, Juscelino. **Por que construí Brasília**. Brasília, DF: Senado Federal, Conselho Editorial, 2000. (Coleção Brasil 500 Anos).

LANCELLOTTI, C. L. P. Walter Edgard Maffei. **Arquivos de Neuro-Psiquiatria**, n. 50, p. 128-129, 1992.

LEWIN, K. **Teoria de campo em ciência social**. Tradução: Carolina Martuscelli Bori. São Paulo: Pioneira, 1965. Título original: Field theory in Social Science.

LIMA, E. L. G. **Instituto isolado de ensino superior - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Presidente Prudente-1959-1976**: uma instituição além das fronteiras, 2005. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2005.

LORIGA, S. **O pequeno X**: da biografia à história. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2011.

MARTINS, C. B. A reforma universitária de 1968 e a abertura para o ensino superior privado no Brasil. **Educação & Sociedade**, v. 30, n. 106, p. 15-35, 2009.

MARTUSCELLI, C. Estudo psicológico do grupo. In: QUEIROZ, M. I. P. et al. (org.) **A aparição do demônio no Catulé**: estudos de sociologia e história. São Paulo: Ed. Anhembi, p. 84-125, 1957a.

MARTUSCELLI, C. Experimentos de interrupção de tarefas e a teoria de motivação de Kurt Lewin. **Boletim 174, Psicologia**, n. 6. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, 1959.

MARTUSCELLI, C. O julgamento de ocupações: Um estudo preliminar. **Boletim do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais**, v. 2, n. 4, p. 173-196, 1957b.

MARTUSCELLI, C. Uma pesquisa sobre aceitação de grupos nacionais, “raciais” e regionais em São Paulo. **Boletim 119, Psicologia**, n. 3. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, 1950.

MASSIMI, M. A história das ideias psicológicas: Uma viagem no tempo rumo aos novos mundos. *In*: ROMANELLI, G.; BIASOLI-ALVES, Z. M. (org.), **Diálogos metodológicos sobre prática de pesquisa**. Ribeirão Preto, SP: Legis Summa, 1998, p. 11-30.

MATOS, M. A. Contingências para a análise do comportamento no Brasil. **Psicologia USP**, v. 9, n. 1, p. 89-100, 1998.

MATOS, M. A.; COSTA, V. R. Entrevista concedida a Maria Amélia Matos e Vera Rita da Costa. *In*: SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA. **Cientistas do Brasil: depoimentos**. São Paulo: SBPC, 1998.

MENDONÇA, A. W. P. C. A universidade no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, n. 14, p. 131-150, 2000.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA, de 18 de agosto de 1965. Diretoria do Ensino Superior – Registro profissional de psicólogo. **Diário Oficial da União**: seção 1, parte 1, p. 8.238.

MOREIRA, I. C. Ciência e Tecnologia na Constituição: a atuação da SBPC e do Movimento de C&T na Constituinte. *In*: MOREIRA, I. C.; ROMA, B. A. **A SBPC e a Constituição Brasileira**. SBPC: São Paulo, 2022.

NEW SCHOOL FOR SOCIAL RESEARCH. **New School Bulletin**, v. 7, n. 1, 1949.

NEW SCHOOL FOR SOCIAL RESEARCH. **New School Bulletin**, v. 7, n. 18, 1950.

OLIVEIRA, F. R. **História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis (1958-1964)**: memórias da formação da FCL/Unesp. Assis: Unesp, 2021.

OLIVEIRA, H. L. USP: 50 anos. **Ciência e Cultura**, v. 36, n. 12, p. 2109-2112, 1984.

ORMASTRONI, M. J. S. Será que eu contei tudo? **Psicologia USP**, v. 9, n. 1, p. 133-135, 1998.

- OTERO, V. R. L. Sociedade Brasileira de Psicologia, 40 anos: da semente aos frutos. **Temas em Psicologia**, v. 18, n. 2, p. 277-282, 2010.
- OTTA, E.; OLIVEIRA, P. S.; MANNINI, C. R. B. B. (org.) **40 Anos do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo**. São Paulo: EDUSP, 2011.
- PACCA, J. L. A. Há vinte anos. **Psicologia USP**, v. 9, n. 1, p. 137-139, 1998.
- PESSOTTI, I. Alcune misure di relazioni temporali in una discriminazione in "*Mellipona seminigra merrillae*". **Rassegna di Psicologia Generale e Clinica**, v. n. 6, p. 1-18, 1963.
- PESSOTTI, I. Algumas Medidas de Relações Temporais em uma Discriminação em *Mellipona seminigra merrillae*. **Jornal Brasileiro de Psicologia**, n. 2, v. 1, p. 11-25, 1965a.
- PESSOTTI, I. Come Apprendono le Api. **Le Scienze**, v. 33, n. 6, p. 11-21, 1971.
- PESSOTTI, I. Condicionamento de respostas sob diferentes razões fixas sucessivas em *Mellipona Seminigra Merrillae*. **Jornal Brasileiro de Psicologia**, n. 1, v. 2, p. 97-100, 1965b.
- PESSOTTI, I. Estudo sobre aprendizagem e extinção de uma discriminação em *Apis mellifera*. **Jornal Brasileiro de Psicologia**, v. 1, n. 1, p. 77-93, 1964.
- PESSOTTI, I. Studio Sul'Incatenamento in *Mellipona rufiventris*. **Rassegna di Psicologia Generale e Clinica**, v. 7, p. 1-13, 1965c.
- PICKREN, W. E. Internationalizing the History of Psychology Course in the USA. *In*:
- LEONG, F. T. L. *et al* (org.) **Internationalizing the Psychology curriculum in the United States**, Springer. 2011.
- PRADO, M. R. [Correspondência]. Destinatário: Fred S. Keller. São Paulo, 4 out. 1959. Milne Special Collections & Archives Division, University System of New Hampshire.

RAMOZZI-CHIAROTTINO, Z. **Annita Castilho Cabral**. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Psicologia, 2001.

RUBIANO, M. R. B. **Apresentando a Sociedade Brasileira de Psicologia**. Sociedade Brasileira de Psicologia, 2005. Disponível em: <https://www.sbponline.org.br/marcia-regina-bonagamba-rubiano-apresenta-a-sbp>. Acesso em: 06 jun. 2024.

RUSSO, N. F.; DENMARK, F. L. Contributions of women to Psychology. **Annual Review of Psychology**, v. 38, 279-298, 1987.

SÁ, E. N. C. **Análise de uma organização pública complexa no setor saúde: o conjunto Juqueri, no Estado de São Paulo**. 1983. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, 1983.

SALA, O. Carolina M. Bori. **Psicologia USP**, v. 9, n. 1, p. 185-186, 1998.

SAMELSON, F. Assessing research in the history of psychology: past, present and future. **Journal of the History of the Behavioral Sciences**, v. 35, n. 3, p. 247-255, 1999.

SILVA, T. P. M. D. **Manter todo mundo ligado!:** a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), difusão científica e mobilização pela democracia. 2021. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – FIOCRUZ, Rio de Janeiro, 2021.

SMITH, R. Does the history of psychology have a subject? **History of the Human Sciences**, v. 1, n. 2, p. 147-177, 1988.

SMITH, R. What is the history of the human sciences? In: MCCALLUM, D. (org.) **The Palgrave Handbook of the History of Human Sciences**. Singapore: Springer Singapore, 2022, p. 1-26.

SOARES, V. Professora Carolina Bori. **Psicologia USP**, v. 9, n. 1, p. 145-147, 1998.

SOCIEDADE DE PSICOLOGIA DE SÃO PAULO. Notícias. **Boletim de Psicologia**, v. 13, n. 41-42, p. 65, 1961.

STEINACHER, G.; BARMETTLER, B. The university in exile and the garden of eden: Alvin Johnson and his rescue efforts for European Jews and Intellectuals. *In: EICHTINGER, M. et al. (org.). Reassessing history from two continents: Festschrift Günter Bischof*, 2013, p. 49-68.

TELEX enviado ao ministro Renato Archer em 3/9/87 pela da SBPC, Carolina Bori. **Informe Ciência Hoje**, Rio de Janeiro: SBPC, n. 103, p. 6, 29.8 a 4.9. 1987.

TELEX enviado ao presidente José Sarney em 14 de outubro de 1987. **Informe Ciência Hoje**, Rio de Janeiro: SBPC, n. 109, p. 5, 10.10 a 16.10.1987.

TODOROV, J, C. Behavior analysis in Brazil. **Avances en Psicología Latinoamericana**, v. 24, p. 29-36, 2006.

TODOROV, J. C.; HANNA, E. S. Análise do comportamento no Brasil. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 26, p. 143-153, 2010. Número especial

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. **Termo de contrato**. Arquivo pessoal, 1966.

VAIDERGORN, J. **As seis irmãs**: as Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras-Institutos Isolados de Ensino Superior do Estado de São Paulo - 1957-1964: alguns subsídios interpretativos para o estudo do ensino superior do Estado de São Paulo. 1995. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 1995.

VILLANI, A. Uma professora com competência dialógica. **Psicologia USP**, v. 9, n. 1, p. 141-145, 1998.

WILLIAMS, L.; HUBNER, M. Organization profile: Brazilian Psychological Association. **American Psychological Association**, v. 15, n. 1, 2004. Disponível em: <https://www.sbponline.org.br/organization-profile-brazilian-psychological-association>. Acesso em 06 jun. 2024.

ZANARDI, L. S. O. **O trânsito de professores durante o processo de criação da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp): a questão dos ressentimentos.** 2012. Tese (Doutorado em Educação Matemática) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2012.

ZANNON, C. M. L. C.; BORI, C. M. SBPC, 1972: “Relato do Plano Brasília por Fred S. Keller”. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 12, n. 3, p. 191-192, 1996.

Cronologia

1924

- Nascimento de Carolina Martuscelli, no dia 4 de janeiro.

1941

- Curso de especialização para professor pré-primário pela Escola Normal Caetano de Campos (Escola da Praça), até 1943.

1944

- Graduação em Pedagogia pela FFCL da USP, até 1947.

1946

- Participação nos estudos e pesquisas da primeira exposição estadual de desenhos infantis do Departamento Estadual de Informações, com pesquisa sobre o tema nos desenhos infantis expostos.

1947

- Primeira assistente da Cadeira de Psicologia, da FFCL da USP, até 1955.

1948

- Curso de Especialização em Psicologia Educacional pela FFCL da USP.
- Viagem ao Chile a convite especial da Universidad de Chile para assistir os cursos de verão como bolsista.
- Segunda-secretária da ABP eleita para o período de 1948-1949.
- Participação nos trabalhos da pesquisa Condições e Interesses Sociais dos Alunos em Classes de Ensino Supletivo, para o Departamento Nacional de Educação.
- O Desenvolvimento Emocional na Adolescência, aula no curso de orientação educacional promovido pela FFCL da USP.
- Técnicas Projetivas, aula no curso de Orientação Educacional promovido pela FFCL da USP.
- O Desenvolvimento Emocional na Adolescência, palestra no curso de Psicologia do Centro de Estudos Pedagógicos de Curitiba.
- Congresso Brasileiro de Psiquiatria, Rio de Janeiro e São Paulo.

1949

- Estágio de um mês (fevereiro) no Instituto Psicopedagógico e na Universidade de São Marcos de Lima, Peru, especialmente no Laboratório do Professor Walter Blumenfeld.
- Viagem ao Paraguai a convite da Escuela de Humanidad, em missão de intercâmbio cultural.
- Uma Viagem de Intercâmbio Cultural no Peru, palestra realizada na SPSP.

1950

- Master of Arts pela Graduate Faculty of Political and Social Science da New School for Social Research, New York (Major – Psychology), até 1951.
- Uma Pesquisa sobre a Aceitação de Grupos Nacionais, Grupos “Raciais” e Grupos Regionais, pesquisa publicada no Boletim da FFCL da USP.

1951

- The Recall of the Interrupted Tasks: a Review of the Literature, trabalho apresentado e aprovado como tese para o grau de M.A. na Graduate Faculty of Political and Social Sciences.
- Estágio de um semestre nas consultas do Dr. Henri Wallon no Instituto de Psychologie de L'enfant da Universidade de Paris.

1952

- Estágio de um mês no Departamento de Psicologia da Universidade de Cambridge dirigido por C. Bartlett para conhecer trabalho no Campo da Psicologia Experimental.
- Viagem à Itália, especialmente a Milão, para conhecer o Laboratório da Universidade Católica de Milão dirigido pelo professor A. Gemelli (permanência de uma semana).
- O papel do sujeito e do experimentador na situação experimental, trabalho publicado no Boletim de Psicologia (SPSP).
- Visitas a Centros de Estudos de Psicologia, palestra realizada na SPSP.

1953

- Doutorado em Psicologia pela FFCL da USP.
- Casamento com Giovanni Eppler Bori.

- Como Realizar o Ensino de Psicologia Experimental e a Prática da Experimentação, trabalho no 1º Congresso Brasileiro e Jornada Latino Americana de Psicologia.
- Os Experimentos de Interrupção de Tarefa e a Teoria de Motivação de Kurt Lewin, trabalho apresentado e aprovado como tese de doutoramento na FFCL da USP.
- Um Curso de Estatística Aplicada à Experimentação Psicológica, trabalho publicado no Boletim de Psicologia (SPSP).
- A Teoria de Motivação de Kurt Lewin, três palestras no seminário sobre motivação promovido pela cadeira de didática da FFCL da USP.
- 1º Congresso Brasileiro e Jornada Latino-Americana de Psicologia, Curitiba.

1954

- Presidente da ABP.
- Modernas Teorias de Personalidade, curso de oito aulas promovido pela SPSP.
- Projeção da Personalidade no Desenho da Figura Humana, palestra promovida pela SPSP.
- Uma Prova de Projeção da Personalidade através do Desenho da Figura Humana, curso de quatro lições promovido pela SPSP.
- Congresso de Higiene Mental, São Paulo.

1955

- Professora de Psicologia da Escola de Enfermagem da Faculdade de Medicina da USP, de 1955 a 1962.
- Presidente da ABP.
- Como o Laboratório de Psicologia Estuda a Expressão da Personalidade, trabalho publicado no Boletim de Psicologia.
- Sobre a Semelhança das Formas Percebidas, trabalho apresentado na reunião da ABP realizada em Recife.
- Os Fundamentos da Experimentação Psicológica, trabalho na 1ª Reunião da ABP realizada em Recife.
- Os Fundamentos da Experimentação Psicológica, publicado na Revista Neurobiologia, 18, pp. 161-168.
- A Experimentação na Psicologia e na Psicanálise, palestra em colaboração na SPSP.

- Alguns Aspectos Sociopsicológicos na Aparição do Demônio no Catulé, palestra na SPSP, em colaboração.
- 1ª Reunião Anual da ABP, Recife.

1956

- Nascimento de seu filho, Mario Eppler Bori.
- Assistente da Cadeira de Psicologia Educacional da FFCL da USP, desde março de 1956 (CV talvez 1966).
- Colaboradora do CBPE do Rio de Janeiro, até 1962.
- Projeção da Personalidade no Desenho da Figura Humana, palestra promovida pela SPSP, resumo publicado no Boletim de Psicologia.
- Desenvolvimento da Personalidade, palestra na ACM.
- Desenvolvimento da Criança e do Adolescente: Características e Problemas Mais Comuns, curso de 10 aulas promovido pela Igreja Presbiteriana.

1957

- O Demônio no Catulé: um Estudo Psicológico do Grupo, pesquisa realizada em Malacacheta, Minas Gerais, sob o patrocínio do Inep, Departamento de Sociologia da FFCL da USP, e de Anhembi, publicada em Estudos de Sociologia e História, São Paulo, Ed. Anhembi.
- O Julgamento das Ocupações: um Estudo Preliminar, pesquisa do projeto de estudos da mobilidade social e educação em São Paulo, patrocinada pelo CBPE, publicada em Educação e Ciências Sociais.
- A Percepção dos Êxitos e Insucessos e a Personalidade, palestra no curso sobre personalidade e ajustamento promovido pelo MAF.

1958

- Percepção e Arte, palestra no Ciclo de Estudos sobre Arte da SPSP, resumo publicado no Boletim de Psicologia.
- A Mobilidade Social: um Estudo com a Prova de Rorschach, palestra na Sociedade de Rorschach de São Paulo.
- Psicologia da Personalidade, 30 aulas de curso de férias para professores secundários, promovido pelo Departamento de Educação em colaboração com a FFCL da USP.

1959

- Professora do curso de Pós-Graduação de Enfermagem da Escola de Enfermagem da Faculdade de Medicina da USP, até 1962.
- Some Characteristics of Personality Related to Upward Social Mobility in an Unstable Urban Environment, pesquisa sob contrato com a Unesco para o Seminário UN/Unesco sobre urbanização na América Latina.
- Professora catedrática contratada da Cadeira de Psicologia e Psicologia Educacional da FFCL de Rio Claro, até 1964.
- O Prestígio da Profissão de Enfermeira, pesquisa realizada.
- Opinião dos Adolescentes sobre a Família, pesquisa do projeto de estudos da família urbana, patrocinada pelo CBPE do Rio de Janeiro.
- O Problema das Gerações na Família, aula para o curso de extensão universitária sobre a Psicologia da vida familiar, realizado pela reitoria da USP.
- A Pesquisa em Psicologia Social no Nosso Meio, seminário de São Paulo do VI Congresso Interamericano de Psicologia Aplicada.
- Congresso Interamericano de Psicologia Aplicada, Rio de Janeiro e São Paulo.

1960

- O Indivíduo e a Mobilidade Social: Características Psicológicas Realizadas com a Mobilidade Social, pesquisa do projeto sobre mobilidade social e educação em São Paulo, patrocinada pelo CBPE.
- A Família Urbana Brasileira, pesquisa do projeto de estudos dos processos de urbanização e industrialização em oito cidades do sudoeste, patrocinada pelo CBPE do Rio de Janeiro.
- Tradução do livro Goode, W.J. e P. K. Hatt. Methods in Social Research, New York: McGraw Hill, 1952, publicado pela Editora Nacional.
- O Autoconceito e o Comportamento, palestra proferida no Instituto Joaquim Nabuco de Rio Claro.
- Alguns Fatores Psicológicos dos Conflitos na Família, palestra no Rotary Club de Rio Claro.
- 12ª Reunião Anual da SBPC, Piracicaba, São Paulo.
- Presidente da SPSP.

1961

- A Agressividade na Infância, palestra no Centro de Cultura de A Tribuna de Santos.
- Psicologia Social, curso regular ministrado a convite da Faculdade de Filosofia Sedes Sapientiae da PUC/SP, aos alunos da segunda e terceira séries de Pedagogia.
- 13ª Reunião Anual da SBPC, Poços de Caldas, Minas Gerais.
- Presidente da SPSP.

1962

- Designada pelo ministro da Educação e Cultura para integrar a comissão incumbida de emitir parecer sobre o pedido de registro de psicólogo. Portaria no 22 de 9/10/1962.
- O Carreirismo e a Organização Social, pesquisa realizada em colaboração com Anthony Leeds e Nilce Pinheiro Mejias, financiada pelo Inep.
- A Perspectiva da Psicologia Social nas Ciências Sociais, aula magna e seminários realizados na UnB.
- Metodologia da Pesquisa, seminário realizado a convite do CRPE Prof. Queiroz Filho.
- O Desenho da Figura Humana, palestra no curso sobre técnicas projetivas da Associação Paulista de Medicina.
- 14ª Reunião Anual da SBPC, Curitiba, Paraná.

1963

- Viagem aos EUA como coordenadora do Departamento de Psicologia da UnB para visitar centros de pesquisa experimental e laboratórios de universidades na área de Psicologia.
- Professora de Psicologia para o II Seminário de Treinamento em Pesquisas Educacionais do CRPE Professor Queiroz Filho.
- Coordenadora do Departamento de Psicologia da UnB.
- Presidente da ABP.
- Aparelhos e o Laboratório de Psicologia, trabalho publicado no Jornal Brasileiro de Psicologia.
- Suggested Portuguese translations of expressions in operant conditioning, artigo escrito em colaboração com R. Azzi, M.R. Rocha e Sila e F.S. Keller, publicado em Journal of Experimental Analysis of Behavior.
- 15ª Reunião Anual da SBPC, Campinas, São Paulo.

1964

- Professora associada do Departamento de Psicologia da UnB de maio de 1964 a outubro de 1965.
- Presidente da ABP.
- Membro da diretoria do Jornal Brasileiro de Psicologia, publicado pela Cadeira de Psicologia da FFCL da USP.
- Um Curso Moderno de Psicologia, artigo escrito em colaboração com F.S. Keller e R. Azzi, publicado na revista Ciência e Cultura.
- 16ª Reunião Anual da SBPC, Ribeirão Preto, São Paulo.

1965

- Um Curso Moderno de Psicologia II, artigo escrito em colaboração com R. Azzi e I. Pessotti, revista Ciência e Cultura.
- Tradução de livro: Keller, F.S. e W.N. Schoenfeld, Principles of Psychology. New York: Appleton, 1950, publicado pela Editora Herder.
- 17ª Reunião Anual da SBPC, Belo Horizonte, MG.
- Presidente da ABP.

1966

- Professora colaboradora da Cadeira de Psicologia da FFCL da USP.
- Pesquisadora associada do Institute of Latin American Studies da Universidade do Texas (UT), Estados Unidos, junho, julho e agosto.
- Membro do Conselho Diretor da ABP.
- Professora visitante da UT, período acadêmico de setembro de 1966 a janeiro de 1967.
- Social Stratification in Latin America with Special Emphasis on Brazil, seminário destinado a alunos de pós-graduação nas várias áreas de ciências humanas e sociais da UT.
- Teaching Experience in Brazil, seminário para professores assistentes do Departamento de Psicologia Educacional.
- Participação das reuniões científicas da American Psychological Association – 74ª Reunião Anual – realizada em Nova York de 2 a 6 de setembro.
- Participação como convidada na reunião anual da Texas Psychological Association com a palestra A Pesquisa Psicológica no Brasil, 2 de novembro.

- Palestra sobre o Brasil para os alunos do Departamento de Língua Portuguesa da UT.
- A Pesquisa de Estratificação Social em um Esquema de Estudo Intercultural, seminário no curso do professor C. Hereford, sobre pesquisa intercultural.
- Membro da comissão de assessoramento dos cursos de licenciatura em Ciências da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo.
- Redação da seção Pesquisa em Andamento, do Jornal Brasileiro de Psicologia nos anos de 1966 e 1967.
- Introdução à Análise Experimental do Comportamento, curso regular de três meses para os alunos da PUC-SP, financiado pela Fapesp.
- Psicologia: Formação e Profissão, palestra no Centro de Estudos de PUC Campinas – FFCL.
- Teorias da Personalidade, curso dado na Associação Médica de Brasília, sob patrocínio da Secretaria da Saúde da Prefeitura de Brasília.
- A Estrutura dos Cursos de Psicologia e a Realidade Brasileira, palestra na Associação Universitária de Estudos Psicológicos da FFCL da USP.
- As Perspectivas da Psicologia Moderna, palestra no Grêmio Universitário Filosofia – FFCL de Ribeirão Preto.
- Formação Profissional em Psicologia, palestra aos alunos do curso de Psicologia da Faculdade de Filosofia Sedes Sapientiae da PUC de São Paulo.
- A Teoria de Campo em Ciências Sociais – Síntese do Pensamento de Kurt Lewin, seminário na Escola Superior de Administração de Negócios da PUC-SP.
- A Formação do Pesquisador e do Profissional em Psicologia, palestra aos alunos do curso de Psicologia da FFCL de São Bento da PUC-SP.
- Psicologia da Aprendizagem, disciplina ministrada pela Cadeira de Psicologia Educacional no 1º semestre (curso programado individualizado).
- Psicologia Experimental – Aprendizagem, curso ministrado em março, abril e maio na Cadeira de Psicologia Social e Experimental.
- Psicologia Social, seminário regular em março, abril e maio na Cadeira de Psicologia Social e Experimental.

- Designada pelo Departamento de Educação para elaborar um roteiro de orientação para a Cadeira de Psicologia do Curso Colegial de Formação de Professores Primários, 30 de abril.
- Membro da comissão de professores do concurso Cientistas de Amanhã, promovido pelo IBCEC julho.
- 18ª Reunião Anual da SBPC, Blumenau, SC. Participação nas atividades do setor de Psicologia, apresentando o tema Análise Experimental da Leitura.
- Publicação da tradução do livro *Field Theory in Social Science*, de Lewin, K, originalmente publicado em 1952, pela Editora Pioneira.

1967

- Orientadora de alunos do Curso de Pós-Graduação em Psicologia Social e Experimental do Departamento de Psicologia Social e Experimental da USP.
- Resenha crítica de livro publicada no *Jornal Interamericano de Psicologia*.
- Condicionamento e Personalité, palestra no Istituto di Psicologia della Facoltà Médica da Università Degli Studi di Milano, 23 de fevereiro.
- Impressões da Viagem aos EUA, exposição feita na Cadeira de Psicologia, 8 de março.
- Viagem aos EUA como Professora Visitante.
- Palestra feita na Clínica Psicológica da PUC-SP, 27 de abril.
- A “Teoria” de B.F. Skinner e a Aprendizagem, aula para alunos de Psicologia da PUC-SP, 3 de maio.
- A Estruturação do Curso de Psicologia em Função do Mercado de Trabalho e da Lei 4.119, palestra na I Semana de Psicologia, coordenada pelo Centro de Estudos de Psicologia da PUC-SP, maio.
- Aprendizagem, três aulas no curso promovido pelo Centro de Professores do Ensino Industrial, 6 de julho.
- Psicologia da Aprendizagem, curso intensivo de 12 aulas para todos os alunos da FFCL de Aracajú-Sergipe, 18, 19 e 20 de setembro.
- O Estudo Experimental da Aprendizagem da Leitura, palestra no Departamento de Pedagogia da FFCL Sedes Sapientiae, 13 de outubro.
- Pesquisa em Psicologia Clínica, aula no curso de metodologia promovido pela Associação Universitária de Estudos Psicológicos da USP, 20 de dezembro.

- 19ª Reunião Anual da SBPC, Rio de Janeiro, RJ.
- A Teoria e a Metodologia de Kurt Lewin, seminário para os alunos do curso de pós-graduação em Psicologia Social e Experimental. Curso obrigatório da área de Teorias e Sistemas em Psicologia.
- Os Reforçadores do Comportamento Humano nos Estudos Experimentais, curso programado individualizado para alunos do curso de pós-graduação em Psicologia Social e Experimental, obrigatório da área de Aprendizagem.
- Percepção, curso de área obrigatório para alunos de pós-graduação em Psicologia Social e Experimental. O trabalho exigido no curso consistiu no planejamento e realização de um experimento sobre percepção. O problema do experimento escolhido pelo aluno foi apreciado pelo professor que se limitou a orientar o trabalho nas fases de planejamento, realização e apresentação do relatório do experimento.
- Seminário de Orientação de Pesquisa, orientação para dois alunos do curso de pós-graduação em Psicologia Social e Experimental.
- Membro do Conselho Diretor da ABP.
- Membro da Comissão de Professores do concurso Cientistas de Amanhã promovido pelo IBECC, julho.
- Membro da Comissão de Assessoramento dos cursos de licenciatura em Ciências da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo; designada em setembro.
- Presidente da Comissão Executiva das Jornadas Brasileiras de Psicologia a serem realizadas em julho.

1968

- Presidente da comissão executiva da Jornada Brasileira de Psicologia, São Paulo, junho.
- Orientadora de alunos de pós-graduação em Psicologia Social e Experimental do Departamento de Psicologia Social e Experimental da USP.
- 20ª Reunião Anual da SBPC, São Paulo, SP.
- A Teoria e a Metodologia de Kurt Lewin, seminário para os alunos de pós-graduação em Psicologia Social e Experimental. Curso obrigatório da área de Teorias e Sistemas em Psicologia.
- Os Reforçadores do Comportamento Humano nos Estudos Experimentais, curso programado individualizado para alunos

- de pós-graduação em Psicologia Social e Experimental. Curso obrigatório da área de Aprendizagem.
- Percepção, curso de área obrigatório para alunos de pós-graduação em Psicologia Social e Experimental.
 - Seminário de orientação de pesquisa, orientação para dois alunos regulares de pós-graduação para o título de mestre em Psicologia Social e Experimental.
 - Psicologia Experimental I, curso regular para alunos do 1o ano de Psicologia (1o semestre). Em colaboração com os instrutores Cesar Ades e Rachel Lisboa Rodrigues.
 - Aprendizagem, seminário para alunos regulares de pós-graduação em Psicologia Social e Experimental. Curso obrigatório na área de Psicologia Experimental (1o semestre).
 - Psicologia Social, curso para alunos regulares de Psicologia e Pedagogia. Em colaboração com a instrutora Maria Alice V. Da Silva Leme.
 - Metodologia de Pesquisa, seminário para alunos regulares de pós-graduação em Psicologia Social e Experimental. Em colaboração com Dr. Walter Hugo de Andrade e Cunha.
 - Seminário de planejamento de pesquisa, para alunos regulares do curso de pós-graduação em Psicologia Social e Experimental.
 - Reexame de dados e círculos e redação de um trabalho sobre uma pesquisa acerca da família em centros urbanos.
 - Análise preliminar de dados da pesquisa sobre socialização da criança.
 - Uma Reformulação do Curso de Psicologia, palestra para alunos do curso de Psicologia da Faculdade de Filosofia Sedes Sapientiae, setembro.
 - A Organização de Laboratórios para o Ensino de Psicologia Experimental, série de debates e palestras com professores e alunos do curso de Psicologia da FFCL da UFBA, 29, 30 e 31 de outubro.
 - O Curso Programado e o Ensino Individualizado, aula para os licenciados da FFCL de Ribeirão Preto, 23 de novembro.
 - Membro do Conselho Diretor da ABP.
 - Membro da Comissão de Assessoramento dos cursos de licenciatura em Ciências da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo.
 - Membro da Comissão de Professores do concurso Cientistas de Amanhã promovido pela Funbec, julho.

- Assessora da Fapesp desde março.
- Membro da Comissão verificadora de curso de Psicologia.
- Diretora do Departamento de Psicologia Social e Experimental desde julho.
- Presidência da Comissão Executiva da Jornada Brasileira de Psicologia, junho (São Paulo).

1969

- Orientadora de alunos de pós-graduação em Psicologia Social e Experimental do Departamento de Psicologia Social e Experimental da USP.
- Famílias de Categorias Baixa e Média de Status Socioeconômico de Centros Urbanos: caracterização das relações formais e informais dos membros e do papel social dos cônjuges, tese apresentada no concurso de livre-docência do Departamento de Psicologia Social e Experimental (Cadeira de Psicologia).
- Psicologia Experimental I, curso regular para alunos do 1o ano de Psicologia. Abordou princípios e conceitos básicos da análise experimental do comportamento e foi desenvolvido como curso programado individualizado, e abrangeu leituras, entrevistas, seminários, projeção de filme e exercício de laboratório. Em colaboração com Rachel Lisboa Rodrigues Kerbauy (no 1o semestre).
- Psicologia Social II, curso para alunos regulares de Psicologia, desenvolvido de acordo com a técnica de programação individualizada e abrangeu leituras, entrevistas, seminários sobre conceitos básicos da interação social. Em colaboração com Maria Alice Vanzolini da Silva Leme (1º semestre).
- Seminário de Planejamento de Pesquisa, para alunos de pós-graduação em Psicologia Social e Experimental (1º semestre).
- Psicologia Experimental I, curso regular para alunos do 1o ano de Psicologia, com foco nos antecedentes do comportamento (os conceitos básicos no estudo da motivação; o comportamento exploratório; efeitos da estimulação aversiva; emoção e motivação e uma consideração da motivação em termos de esquemas de reforço), desenvolvido como curso programado individualizado. Incluiu: leituras, entrevistas, seminários, demonstrações e exercícios de laboratório. Em colaboração com Maria Ignez Lacey e Ana Maria Almeida (2º semestre).

- Psicologia Social I, curso regular para alunos de Psicologia. O curso individualizado programado abrangeu leituras, entrevistas, seminários e exercícios de laboratório sobre conceitos básicos do comportamento social. Em colaboração com Álvaro Pacheco Duran (2º semestre).
- Análise Experimental do Comportamento, curso de nivelamento para alunos de pós-graduação em Fisiologia (área Psicofarmacologia) da Escola de Medicina da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, e pré-requisito para alunos de pós-graduação em Psicologia Social e Experimental. Envolveu leituras, seminários, entrevistas e exercícios de laboratório. Em colaboração com Rachel Rodrigues Kerbauy (2º semestre).
- Seminário de Planejamento de Pesquisa, para alunos regulares de pós-graduação em Psicologia Social e Experimental.
- Análise de Dados de Pesquisa Técnicas de Socialização da Criança em Centro Urbano, pesquisa realizada com financiamento da Fapesp.
- Psicologia Social e Experimental, curso de pós-graduação ministrado em julho no Departamento de Psicologia da UFMG.
- Seminários sobre pesquisa em Psicologia Social para os docentes do setor de Psicologia social do Departamento de Psicologia da UFMG.
- Membro do Conselho Diretor da A.B.P.
- Assessora da Fapesp de São Paulo.
- Perita para examinar processos relativos a registro profissional de Psicólogos da Diretoria do Ensino Superior do MEC designada pela Portaria 127 de 14 de maio de 1969.
- Diretora do Departamento de Psicologia Social e Experimental.
- Paraninfa dos formandos em Psicologia da FFCL da UFMG.
- Tradutora do livro Social Psychology: An Experimental Approach, publicado originalmente em 1966, por Zajonc, R.B. Editora Herder, 1969.
- Membro do Conselho da SBPC.

1970

- Orientadora de alunos de pós-graduação em Psicologia Social e Experimental do Departamento de Psicologia Social e Experimental da USP.

- Aquisição do Comportamento do Modelo – Imitação, disciplina complementar com laboratório do programa de mestrado, área de concentração Psicologia Experimental, 15 semanas (1º semestre).
- Táticas da Pesquisa Científica, disciplina de concentração ministrada aos alunos do Programa de Mestrado, área de concentração Psicologia Experimental, 16 semanas (2º semestre).
- Curso Programado – Uma Técnica de Ensino, disciplina complementar lecionada aos alunos do Programa de Mestrado, área de concentração Psicologia Experimental, 16 semanas (2º semestre).
- Pesquisa Supervisionada: Área de Comportamento Operante, disciplina lecionada aos alunos do Programa de Mestrado, área de concentração Psicologia Experimental, 16 semanas.
- Psicologia Experimental, colaborou na ministração dessa disciplina de pós-graduação em Ciências Fisiológicas, área Psicofarmacologia, da Escola de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo, lecionou 13 períodos (2º semestre).
- Análise Experimental da Imitação, palestra no Departamento de Psicologia da FFCL de Ribeirão Preto.
- O Currículo Programado, palestra na 11ª Semana de Integração Cultural promovida pelo Diretório Acadêmico XV de Dezembro do Instituto de Ciências Humanas e Letras e, pela Faculdade de Educação da UFG, em outubro.
- Psicologia Experimental, palestra na Semana de Psicologia promovida pelos alunos dos cursos de Psicologia da PUC-SP e da USP, em outubro.
- A Experimentação em Psicologia, palestra na 11ª Semana Bahiana de Psicologia, promovida pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA em outubro.
- Programação de Curso, palestra na Faculdade de Ciências da Fundação Educacional de Bauru, novembro.
- Assessora de Psicologia da Fapesp.
- Perita da Diretoria do Ensino Superior do MEC para examinar processos relativos a registro profissional de psicólogos.
- Membro do Conselho da SBPC.
- Presidente da Comissão de Pós-Graduação em Psicologia da USP.

- 22ª Reunião Anual da SBPC, Salvador, Bahia. Participou do seminário Modificação do Comportamento com a palestra Curso Programado – Individualizado.
- V Congresso Internacional de Psicodrama e Sociodrama, realizado em São Paulo. Participou como membro do Grupo de Discussão dramatizada Psicodrama e Análise Experimental do Comportamento.

1971

- Pesquisa Supervisionada: Área de Comportamento Operante, disciplina ministrada a alunos do Programa de Mestrado, área de concentração Psicologia Experimental, 16 semanas (1º semestre).
- Campo de Pesquisa: Condicionamento Operante e Respondente, atividade de supervisão de pesquisa para alunos do Programa de Mestrado, área de concentração Psicologia Experimental, 16 semanas (2º semestre).
- Aquisição do Comportamento do Modelo: Imitação, disciplina complementar com laboratório do Programa de Mestrado, área de concentração Psicologia Experimental, 15 semanas (2º semestre).
- Programação de Curso, palestra na Escola Paulista de Medicina, abril.
- Aprendizagem dos Animais, palestra no curso Comportamento Psicológico dos Animais Domésticos promovido pela Sociedade Paulista de Medicina Veterinária, Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da USP, maio.
- Procedimentos de Análise Experimental do Comportamento, palestra no Simpósio de Psicofarmacologia, maio.
- O Ensino da Psicologia dentro dos Cursos de Licenciatura em Ciências, palestra no II Simpósio em Ciências promovido pelo IBECC, na 23ª Reunião Anual da SBPC, julho.
- Curso Programado Individualizado, palestra na 3ª Jornada Psicológica promovida pela FFCL de Jaú, outubro.
- Introdução ao Estudo das Teorias de Personalidade e A Teoria de Personalidade de Kurt Lewin, aulas ministradas no curso sobre aspectos psicológicos das teorias de personalidade organizado pelos residentes de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP, setembro e outubro.

- Aprendizagem (Skinner) duas aulas ministradas aos alunos do 2º ano de formação de psicodramatistas da Sociedade de Psicodrama de São Paulo, outubro e novembro.
- Aprendizagem, palestra aos quartanistas de Engenharia de Produção da Escola Politécnica da USP, outubro.
- Análise Experimental do Comportamento, palestra na Divisão de Psiquiatria do Departamento de Neuropsiquiatria da Faculdade de Medicina da USP, novembro.
- 23ª Reunião Anual da SBPC, Curitiba, PR.
- 1ª Semana de Psicologia organizada pela SPRP, realizada em Ribeirão Preto, outubro.
- Simpósio de Psicofarmacologia, organizado pela Sociedade Brasileira de Farmacologia e Terapêutica Experimental, em São Paulo, maio.
- Assessora da Fapesp.
- Membro do Conselho da SBPC.
- Presidente da Comissão de Pós-Graduação de Psicologia da USP.

1972

- Psicologia Experimental I, curso ministrado em colaboração com a Doutora M.A. Matos aos alunos do Curso de Psicologia. O curso obedeceu a uma programação individualizada.
- Curso programado individualizado: Uma Técnica de Ensino, disciplina ministrada a alunos do Programa de Mestrado, área de concentração Psicologia Experimental, 12 semanas (1º semestre).
- Campo de Pesquisa: Condicionamento Operante e Respondente, atividade de supervisão de pesquisa para alunos do Programa de Mestrado, área de concentração Psicologia Experimental, 16 semanas (1º semestre).
- Táticas da Pesquisa Científica, disciplina ministrada a alunos do Programa de Mestrado, área de concentração Psicologia Experimental, 15 semanas (1º semestre).
- Sistema Programado Individualizado de Ensino, curso ministrado aos professores da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás, 21 a 31 de julho.
- Programação Individualizada de um Curso de Física, curso ministrado para professores de física, Projeto 147 Cenafor.

- 24ª Reunião Anual da SBPC, São Paulo, SP.
- 2ª Reunião Anual da SPRP, Ribeirão Preto, outubro.
- 1º Encontro Psiquiátrico do H.C., Departamento de Neuropsiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP.
- Programação Individualizada, duas palestras aos professores da Faculdade de Filosofia da Fundação Álvares Penteado, março.
- Programa Individualizado de Ensino, palestra na VI Semana da Matemática da FFCL de Santo André.
- Programação de Curso, seminário aos professores da Faculdade de Educação da UFSCar.
- Presidente da Comissão de Psicologia da USP.
- Membro do Conselho da SBPC.
- Membro do Conselho Editorial de Ciência e Cultura, SBPC.
- Membro de Comissão Verificadora de Curso de Psicologia.
- Membro de Comissão Verificadora de um Instituto.
- Semana de Psicologia organizada pela SPRP, Ribeirão Preto.

1973

- Táticas da Pesquisa Científica, disciplina ministrada a alunos do Programa de Mestrado, área de concentração Psicologia Experimental, 15 semanas (1º semestre).
- Campo de Pesquisa: Condicionamento Operante e Respondente, atividade de supervisão de pesquisa para alunos do Programa de Mestrado, área de concentração Psicologia Experimental (1º semestre).
- Programação Individualizada de Curso, disciplina regular ministrada a alunos do Programa de Mestrado em Educação e a professores da UFBA, julho.
- Curso Programado: Uma Técnica de Ensino, disciplina ministrada a alunos do Programa de Mestrado, área de concentração Psicologia Experimental e a alunos do Programa de Mestrado, área de concentração Ensino de Ciências – Física (2º semestre).
- Campo de Pesquisa: Condicionamento Operante e Respondente, atividade de supervisão de pesquisa para alunos do Programa de Mestrado, área de concentração Psicologia Experimental (2º semestre).
- Tradução do livro Staats, A.W. e C. Staats. Complex Human Behavior, New York Holt, Rinehart and Winston, 1966, publicado pela Editora Pedagógica e Universitária.

- Tradução de Bem, D.J. Beliefs, Attitudes and Human Affairs. Belmont, California: Wadsworth Publishing Co., 1970, publicado pela editora Herder.
- Aquisição de Comportamento – Princípios Básicos, palestra a professores e alunos do Instituto de Física da USP, outubro.
- Programação Individualizada, palestra a alunos de uma classe do curso de Pedagogia da PUC-SP, novembro.
- Participação no XIV Congresso Interamericano de Psicologia realizado em São Paulo, abril. Sua participação envolveu:
 - a) colaborar na Comissão de Programa desse Congresso;
 - b) presidir o Simpósio sobre Curso de Pós-Graduação em Psicologia;
 - c) presidir o Simpósio sobre Ensino Programado Individualizado; e,
 - d) apresentar nesse último Simpósio, em colaboração com a Dra. M.A. Matos, o trabalho As Atividades em uma Programação de Curso Individualizado.
- 25ª Reunião Anual da SBPC, Rio de Janeiro, RJ. Foi membro da Comissão Organizadora.
- Participação na Contece 2, como membro convidado da Mesa Redonda Utilização de Princípios Psicológicos em Tecnologia da Educação (como vice-presidente da mesa), São Paulo, outubro.
- Participação na III Semana de Psicologia organizada pela SPRP, como membro convidado do Simpósio Currículos dos Cursos de Psicologia, Ribeirão Preto, outubro.
- Presidência da Comissão de Psicologia do Instituto de Psicologia da USP.
- Membro do Conselho da SBPC até julho.
- Primeira Secretária da SBPC.
- Membro do Conselho Editorial de Ciência e Cultura revista da SBPC.
- Membro do Conselho Editorial da revista Debate e Crítica São Paulo.
- Workshop sobre o Plano Keller, participou como docente desse curso destinado a professores universitários de Ciências latino-americanas, organizado pela Unesco-CLAF, na Universidade de Brasília (UnB), 5 a 15 de fevereiro.

- Treinamento de Professores para a Elaboração de um Programa Individualizado de Curso, coordenou o curso ministrado no Cenafor – Projeto 115/73 patrocinado por DEM, MEC, Cenafor e Senai, para professores desta última instituição, 5 de abril a 28 de junho.
- Preparação de Monitores para Programação Individualizada de Instalações Elétricas de Baixa Tensão, coordenou os cursos dos subprojetos 2, 3 e 4 do Projeto Cenafor 147/73 realizados nesse Centro e ministrado a professores de ensino técnica, 27 de abril a 27 de novembro.
- Elaboração do Programa e Material para o Curso de Licenciatura, Esquema I, coordenação desse projeto do Cenafor.
- Taller sobre el Plan Keller, participou como diretora acadêmica desse curso para professores universitários de Ciências venezuelanos e de outros países latino-americanos, promovido pela Unesco e pelo Departamento de Matemáticas e Físicas do Instituto Pedagógico de Caracas.

1974

- PSE-103 Psicologia Experimental I, disciplina ministrada aos alunos de graduação do 1º ano de Psicologia, 1º semestre, em colaboração com a Doutora M.A.V. da Silva Leme.
- Seminário de Pesquisa, curso para alunos de pós-graduação que realizaram trabalho de pesquisa na área de condicionamento operante e respondente, 2º semestre, em colaboração com a Doutora M.A. Matos.
- PSE-103 Psicologia Experimental I, recuperação de alunos do 1º semestre, outubro.
- PSI in Brazil, capítulo no livro de Keller, F.S. e J.G. Sherman. The Keller Plan Handbook: Essay on a Personalized System of Instruction. California: Menlo Park, W.A. Benjamin CO., 1974.
- Programação de Curso Individualizado, palestra aos professores e alunos de pós-graduação de Departamento de Biologia do Instituto de Biociências da USP, outubro.
- Programação de Curso Individualizado, palestra na reunião sobre Ensino Agrícola do Centro de Formação e Treinamento de Professores Agrícolas da Universidade Federal Rural de Pernambuco, dezembro.

- 26ª Reunião Anual da SBPC como membro do Simpósio sobre Currículo de Psicologia: Formação Profissional, Recife, PE.
- Participação na IV Semana de Psicologia organizada pela SPRP, como membro convidado da mesa-redonda sobre Pós-Graduação em Psicologia, outubro.
- Presidência da Comissão de Psicologia do IP da USP.
- Participação como membro do Conselho Editorial da revista Ciência e Cultura.
- Participação como membro do Conselho Editorial da revista Debate e Crítica, São Paulo.
- Publicação da tradução de Direct observation and measurement of behavior, originalmente publicado em 1970, por Hutt, S. J. E Hutt, C.
- Primeira-secretária da SBPC.
- Taller sobre el Plan Keller, participação como Diretora Acadêmica desse curso para professores universitários de Ciências venezuelanos e de outros países latino-americanos.

1975

- PSE-103 Psicologia Experimental I, disciplina de graduação a alunos do curso de Psicologia, 1º semestre, em corresponsabilidade com a Dra. R.R. Kerbauy.
- PSE-732 Táticas da Pesquisa Científica, disciplina ministrada a alunos de pós-graduação, 2º semestre. Área de concentração: Psicologia Experimental, 14 semanas.
- PSE-103 Psicologia Experimental I, recuperação para alunos que cursaram a disciplina no 1º período.
- Conferencista convidada na I Conferência Internacional sobre Nuevas Técnicas Instruccionales en la Educación Superior, realizada na cidade de Xalapa, Veracruz (México), 3 a 7 de novembro. Apresentou o trabalho A Preparação de Pessoal Docente no Sistema de Ensino Personalizado – Formas Alternativas.
- Conferencista convidada no 1o Simpósio sobre o Sistema de Instrução Personalizada realizado pela Dirección General de Educación Superior do Mexico, cidade do México, 10 de novembro. Discutiu o tema Problemas Encontrados en la Programación de Cursos SIP.

- Programação de Curso Individualizado, palestra na reunião sobre Ensino Agrícola promovida pelo Centro de Formação e Treinamento de Professores Agrícolas da Universidade Rural de Pernambuco, Recife, janeiro.
- Membro do Conselho Editorial da revista Psicologia, editada pela Hucitec.
- 28ª Reunião Anual da SBPC, Brasília, DF. Membro da Comissão Executiva.
- Presidência da Comissão de Psicologia do IPUSP.
- Primeira-secretária da SBPC.
- Membro do Conselho Editorial de Ciência e Cultura, revista da SBPC.
- Membro do Conselho de Revisão Editorial do The Journal of Personalized Instruction, publicado pelo Center for Personalized Instruction, Georgetown University.
- Treinamento de Professores de Química aplicada, docente do curso ministrado em colaboração com a Dra. M.A. Matos e M. C.R de Góes, no Cenafor (Projeto 93/74) de 14 de novembro de 1974 a 10 de fevereiro de 1975.
- Programação de Curso Individualizado, docente desse curso ministrado para alunos do curso de pós-graduação em Ensino de Ciências e Matemáticas, Universidade Estadual de Campinas, junho.
- Assessoria na elaboração do protótipo de curso de pesquisa survey – Projeto Cenafor no 01/809/123/74.
- Taller sobre el Plan Keller, diretora acadêmica desse curso para professores universitários de Ciências venezuelanos e de outros países latino-americanos.
- Assessora científica na Reitoria da UFSCar.
- Coordenadora do Conselho da Associação de Modificação do Comportamento.

1976

- Primeira-secretária da SBPC.
- Membro do Conselho de Revisão Editorial do The Journal of Personalized Instruction, a ser publicado pelo Center for Personalized Instruction, Georgetown University (Washington), a partir de março.

- Colaboração técnica na obra de Leme, H.G. e colaboradores, Curso de Técnica de Pesquisa, 1976, 2 volumes.
- Semana de Psicologia organizada pela SPRP, Ribeirão Preto.
- Taller sobre el Plan Keller, diretora acadêmica desse curso para professores universitários de Ciências venezuelanos e de outros países latino-americanos.
- Presidente da Comissão de Pós-Graduação em Psicologia da USP.
- Diretora do Centro de Educação e Ciências Humanas da UFSCar.
- Coordenadora do Conselho da Associação de Modificação do Comportamento.

1977

- PSE-792 Programação de Curso Individualizado, disciplina de pós-graduação ministrada a 19 alunos da área de concentração Psicologia Experimental, 2º semestre.
- Quinto Taller sobre el Plan Keller, desenvolveu como diretora acadêmica no Instituto Universitário Pedagógico de Caracas, Venezuela, 18 a 30 de julho.
- Tradução da apresentação da segunda edição do livro de B.F. Skinner, Walden Two.
- Membro do Conselho Editorial da revista Psicologia, editada quadrimestralmente pela Hucitec, São Paulo.
- Participação da Mesa Redonda sobre Pós-Graduação e a Ligação com o Desenvolvimento da Ciência e Tecnologia e seus Objetivos Sociais no Brasil Atual, promovida por alunos de pós-graduação da USP, Campus de São Carlos, agosto.
- A Universidade e a Formação de Professores, palestra no ciclo de estudos promovido por alunos da UFSCar, setembro.
- Pesquisa em Ensino-Aprendizagem, palestra no Seminário de Ensino promovido pela Instituto de Física da USP, 11 de outubro.
- 29ª Reunião Anual da SBPC, São Paulo, SP. Membro da Comissão Executiva e primeira-secretária.
- Participação no Simpósio sobre Formação Científica e Exercício Profissional realizado durante a VII Reunião Anual de Psicologia da SPRP, outubro.
- Participação como representante da Comissão de Pós-Graduação de Psicologia da Mesa Redonda Os Rumos da Pós-Graduação em Psicologia, no Brasil promovida pela FGV Rio de Janeiro, durante o Encontro Nacional de Psicólogos, agosto.

- Participação no Simpósio Ética e a Profissão de Psicólogo, promovido pela Associação de Modificação de Comportamento, novembro.
- Presidente da Comissão de Pós-Graduação de Psicologia do IPUSP.
- Membro do Conselho Editorial de Ciência e Cultura, da SPBC.
- Membro do Conselho de Revisão Editorial do The Journal of Personalized Instruction, publicado pelo Center for Personalized Instruction, Georgetown University (Washington), a partir de março.
- Diretora do Centro de Educação e Ciências Humanas da UFSCar.
- Secretária-geral da SBPC.
- Membro do Conselho de Curadores da Fundação Brasileira para o Desenvolvimento de Ciências.
- Programação de Curso Individualizado, trabalho realizado em colaboração no projeto de desenvolvimento de novas metodologias aplicáveis ao processo de ensino de 2º grau, patrocinado pelo DEM/MEC.
- Semana de Psicologia organizada pela SPRP, Ribeirão Preto.

1978

- Diretora do Centro de Educação e Ciências Humanas da UFSCar.
- Semana de Psicologia organizada pela SPRP, em Ribeirão Preto.
- Conferencista convidada no VII Simposio de Modificación de Conducta, Caracas, Venezuela, fevereiro.
- Secretária-geral da SBPC.
- Membro do Conselho de Curadores da Fundação Brasileira para o Desenvolvimento de Ciências.
- Presidente da Comissão de Pós-Graduação em Psicologia da USP.

1979

- Coordenação da realização da pesquisa Levantamento de Dados Para a Descrição e Análise de Problemas de Desempenho dos Professores de Química do 2º Grau, com auxílio financeiro do Inep.
- Membro do Conselho Editorial responsável pela publicação da revista Psicologia editada quadrimestralmente.
- Membro do Conselho Editorial da revista Ciência e Cultura.
- Membro do Conselho Editorial da revista Arquivos Brasileiros de Psicologia, editada pela FGV.

- Membro do Conselho de Revisão Editorial do The Journal of Personalized Instruction, publicado pelo Center for Personalized Instruction, Georgetown University (Washington), a partir de março.
- 31ª Reunião Anual da SBPC, Fortaleza, CE. Coordenação da Comissão Organizadora e da Comissão Executiva.
- Participação na IX R.A. da SPRP e presidência de uma sessão de comunicação.
- Presidência da Comissão de Pós-Graduação de Psicologia do IPUSP.
- Diretora do Centro de Educação e Ciências Humanas da UFS-Car até maio.
- Secretária-geral da SBPC.
- Membro do Conselho Curador da Fundação Brasileira para o Desenvolvimento do Ensino de Ciências.

1980

- Secretária-geral da SBPC.
- Membro do Conselho de Curadores da Fundação Brasileira para o Desenvolvimento de Ciências.
- Presidente da Comissão de Pós-Graduação em Psicologia da USP.

1981

- Participação no projeto A Aula Expositiva no Ensino de Química: Características e Funções, pelo Cenafor.
- Vice-presidente da SBPC.
- Membro do Conselho de Curadores da Fundação Brasileira para o Desenvolvimento de Ciências.
- Presidente da Comissão de Pós-Graduação em Psicologia da USP.

1982

- Presidente da Comissão de Pós-Graduação em Psicologia da USP.
- Professora Adjunta da UFSCar.
- Vice-presidente da SBPC.
- Diretora secretária-geral do IBCEC, Comissão de São Paulo.

1983

- Presidente da Comissão de Pós-Graduação em Psicologia da USP.
- Professora Adjunta da UFSCar.

- Vice-presidente da SBPC.
- Vice-presidente da Associação Interciência.
- Membro do Conselho de Curadores da Fundação Brasileira para o Desenvolvimento de Ciências.
- Diretora secretária-geral do IBCEC, Comissão de São Paulo.

1984

- Presidente da Comissão de Pós-Graduação em Psicologia da USP.
- Coordenadora do Núcleo de Documentação sobre a formação científica do IBCEC, Comissão de São Paulo.
- Vice-presidente da SBPC.
- Vice-presidente da Associação Interciência.
- Presidente da ANPEPP.
- Membro do Conselho de Curadores da Fundação Brasileira para o Desenvolvimento de Ciências.
- Diretora secretária-geral do IBCEC, Comissão de São Paulo.

1985

- Coordenadora do Núcleo de Documentação sobre a formação científica do IBCEC, Comissão de São Paulo.
- Vice-presidente da SBPC.
- Vice-presidente da Associação Interciência.
- Presidente da ANPEPP.
- Membro do Conselho de Curadores da Fundação Brasileira para o Desenvolvimento de Ciências.
- Diretora secretária-geral do IBCEC, Comissão de São Paulo.

1986

- Coordenadora do Núcleo de Documentação sobre a formação científica do IBCEC, Comissão de São Paulo.
- Vice-presidente da SBPC.
- Presidente da ANPEPP.
- Diretora secretária-geral do IBCEC, Comissão de São Paulo.

1987

- Coordenadora do Núcleo de Documentação sobre a formação científica do IBCEC, Comissão de São Paulo.
- Presidente da SBPC.
- Diretora secretária-geral do IBCEC, Comissão de São Paulo.

1988

- Coordenadora do Núcleo de Documentação sobre a formação científica do IBECC, Comissão de São Paulo.
- Presidente da SBPC.
- Diretora secretária-geral do IBECC, Comissão de São Paulo.

1989

- Coordenadora do Núcleo de Documentação sobre a formação científica do IBECC, Comissão de São Paulo.
- Presidente da SBPC.
- Presidente de Honra da SBPC.
- Diretora secretária-geral do IBECC, Comissão de São Paulo.

1990

- Coordenadora do Núcleo de Documentação sobre a formação científica do IBECC, Comissão de São Paulo.
- Coordenadora do Projeto Estação Ciência, USP.
- Presidente de honra da SBPC.
- Diretora secretária-geral do IBECC, Comissão de São Paulo.

1991

- Coordenadora do Núcleo de Documentação sobre a formação científica do IBECC, Comissão de São Paulo.
- Coordenadora do Projeto Estação Ciência, USP
- Diretora secretária-geral do IBECC, Comissão de São Paulo.

1992

- Coordenadora do Núcleo de Documentação sobre a formação científica do IBECC, Comissão de São Paulo.
- Coordenadora do Projeto Estação Ciência, USP
- Presidente da SBP.
- Diretora secretária-geral do IBECC, Comissão de São Paulo.

1993

- Coordenadora do Núcleo de Documentação sobre a formação científica do IBECC, Comissão de São Paulo.
- Coordenadora do Projeto Estação Ciência, USP.
- Área Atual de Atividade, pesquisa sobre comportamento e

aprendizagem; projetos de instrução programada e análise comportamental de condições para ensino e aprendizagem, procedimento de coleta e análise de relatos verbais.

- Presidente da SBP.
- Diretora secretária-geral do IBECC, Comissão São Paulo.

1994

- Aposentadoria compulsória.
- Professora Emérita da USP.

1995

- Conselho Deliberativo do Nupes/USP).

1996

- Diretora Científica do Nupes/USP).

1998

- Comendadora da Ordem do Mérito Científico.

1999

- Fred S. Keller Behavioral Education Award (American Psychological Association – Division 25).

2000

- Doutora Honoris Causa pela UnB.
- Homenageada da 52ª Reunião Anual da SBPC, Brasília, DF.

2001

- Ganhadora do Prêmio International Dissemination of Behavior Analysis (Society for the Advancement of Behavior Analysis).

2002

Participação na mesa de abertura da 54ª Reunião Anual. Discurso de homenagem a José Reis.

2003

- Doutora Honoris Causa pela UFSCar.

2004

- Morte por falência múltipla de órgãos, no dia 3 de outubro.

2005

- Grã-cruz da Ordem Nacional do Mérito Científico post-mortem (Ciências Tecnológicas).
- Homenageada da 57ª Reunião Anual da SBPC, Fortaleza, CE.

2023

- Criação do site Memorial Carolina Bori pela SBPC, 10 de novembro.

2024

- Centenário de nascimento.

REALIZAÇÃO



Sociedade
Brasileira para o
Progresso da
Ciência

APOIO



MINISTÉRIO DA
CIÊNCIA, TECNOLOGIA
E INOVAÇÃO

